

GABRIELA LEITE

FILHA
Mãe
avó e
PUTA

A história
de uma mulher
que decidiu
ser prostituta



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

FILHA Mãe

avó e puta

A história de uma mulher que decidiu ser prostituta

GABRIELA LEITE

em depoimento a Marcia Zanclotto





A Grande Lição

Adoro os homens. Gosto de estar com eles, e não conheço homem feio. Todos são bonitos: cada um com seu cheiro característico, seu andar, seu modo de olhar. Alimentam um amor imenso pela mãe e pelo próprio corpo. Magros ou gordos, todos têm um belo corpo, mesmo quando são barrigudinhos. Às vezes me pergunto como eles fazem para andar: será que o pau no meio das pernas não atrapalha? Essa pergunta eu (ainda) não tive coragem de fazer.

Outra coisa que adoro é falar o que penso. Sem papas na língua. Quem ler este livro vai perceber isso. Aprendi uma porção de coisas nessa temporada na Terra. Uma delas é a importância de se ter uma opinião, de reclamar quando não se está gostando de algo. Demorei muito para adquirir esse direito e, por isso mesmo, não abro mão dele. Passei um pedaço da minha vida lutando por ele.

Estou gastando um outro bom naco tentando convencer minhas colegas prostitutas de que esse direito também é delas.

Existe uma terceira coisa que eu prezo muito. Talvez seja a que mais prezo, aliás. É a liberdade. Liberdade de pensar diferente, de vestir diferente, de se comportar diferente... Não sei direito de onde veio essa minha paixão pela liberdade (minha vida é feita de muitas certezas, mas também de infinitas dúvidas e contradições), mas ela veio para ficar.

Meu destino até aqui foi nortado por esses três amores. E, como todos nós sabemos, o amor não traz só felicidade. Ele gera muita dor também, em nós mesmos e em quem está perto. Sei que, por causa dessa minha obsessão por romper amarras (sejam elas políticas, culturais, morais ou psicológicas), feri algumas pessoas queridas.

Mas acredito que também ajudei um sem-número de prostitutas a ter uma vida mais digna. Fui, sou e vou continuar sendo responsável pelos meus atos. O que pensar sobre eles é resultado do conceito de vida de cada um. Enquanto eu puder continuar exercendo minha liberdade, não tenho com o que me preocupar.

É a maior lição que aprendi. Eu: filha, mãe, avó e puta.

PRIMEIRO
MANDAMENTO DA
PUTA:
serás DISCRETA.
JAMAIS APONTARÁS
UM HOMEM NA RUA E
DIRÁS QUE ELE É TEU
CLIENTE.

COCA-COLA COM BOLINHA

“Desce! Desce!”, a prostituta gritava para o sujeito. “Desce!” A cena era inacreditável. Visivelmente fora de si, a mulher puxava um homem pelo braço, tentando tirá-lo de dentro de um elevador lotado. Ele era um cliente de um prédio inteiramente dedicado à prostituição, na São Paulo dos anos 70. Ela...Ela era eu.

As drogas sempre rondaram o universo das putas, de uma forma ou de outra, mas nunca fizeram a minha cabeça. Naquela época, porém, não sei bem por quê, acabei me viciando em bolinha. Talvez tenha sido falta de informação ou vontade de experimentar tudo. As meninas daquele edifício, o número 134 da rua Barão de Limeira, costumavam tomar Pervetin ou bolinha. Um dia eu estava cansada e uma colega me perguntou se eu não queria provar metade de uma bolinha. Adorei. Gostei da eletricidade, da ligação. E fui aumentando. Todo dia aumentando. Quando eu parei, já estava numa média de cinco por dia.

Toda manhã eu chegava no prédio, comia um pãozinho fresco com manteiga e tomava um café puro que a Cecília, nossa cafetina, preparava no apartamento onde transávamos com os clientes. Tinha um rapaz que fazia as comprinhas para as meninas; assim a gente não precisava ficar trocando de roupa toda hora para ir na padaria. Eu pedia para ele me trazer uma coca-cola grande. Lá não podia entrar bebida, droga, nada. Mas tinha um homem que passava pelos corredores vendendo bolinhas. Eu amassava a bolinha com o fundo do copo, misturava na coca-cola e mandava para dentro.

Trabalhava ligada. Muitas vezes os clientes diziam para mim: “Tá com os olhos parados, menina! Tá fazendo bobagem?” Depois do trabalho, ia num restaurante próximo comer, na maioria das vezes, uma saladinha de agrião. E ficava pela noite, chapada.

Num domingo, a zona tava meio parada e acabei tomando várias bolinhas. De repente, vi o elevador parar no meu andar completamente lotado de homens; eles estavam espremidos lá dentro. Peguei um deles pelo braço e disse: "Desce!" Ele disse que não queria descer e eu comecei a puxar o sujeito pelo braço: "Desce!" O homem tentava se soltar de mim, todo mundo começou a gritar comigo para soltá-lo. E eu, que tomava minhas bolinhas na intenção de fazer mais e mais clientes, botei na minha cabeça que ia tirar aquele homem do elevador de qualquer jeito. O sujeito era um cara qualquer, não tinha nada de especial. Eu estava movida simplesmente por uma obsessão profissional. O ascensorista começou a gritar comigo, dizendo que ia fechar a porta, e eu respondi: "Fecha que eu vou quebrar o braço desse desgraçado." Coitado do homem!

Depois do escândalo, eu vi o que estava acontecendo comigo. Muitas meninas já tinham passado por coisa parecida, batido nos seus clientes, e algumas chegaram mesmo a surtar. Resolvi parar. Não era uma história de tanto tempo e eu já estava me desconhecendo. O que poderia vir adiante? Eu não sabia, ninguém sabia. Mas provavelmente coisa boa não era. Com muito esforço, parei.

No começo a produtividade caiu um bocadinho. Mas valeu a pena. Sem as bolinhas, eu conseguia bater papo com os clientes. E conversar com eles é um dos segredos da boa prostituta. No princípio, é difícil entender como funciona o nosso mundo. Com o passar dos anos, porém, consegui decifrá-lo. Ou, pelo menos, parte dele.

Cliente não se trata como namorado. Mas foi dando ouvido a eles, que sempre dizem o que gostam e o que querem, que comecei a aprender os segredos da profissão. Homens são extremamente frágeis e toda a história de que são grandes

conhecedores da sexualidade feminina é uma grande mentira. Eles sabem de suas vontades urgentes e suas fantasias. E estas, na maioria das vezes, são tratadas como algo a ser escondido, uma fraqueza que não deve ser dividida com ninguém. Inclusive e principalmente com as mulheres que eles amam.

Aprendi com os clientes que devemos sempre fingir orgasmo, porque é assim que eles querem. Gostam de acreditar que a mulher que eles estão comendo goza com eles, mesmo a prostituta. Mesmo que seja numa trepadinha de cinco minutos. Existem aqueles que gostam de pensar que pagando um pouco mais a prostituta goza. Como se o orgasmo dependesse de dinheiro.

O episódio do elevador foi um dos mais marcantes da minha história. Uma história que começou muito antes, quando meus pais, Oswaldo e Mathilde, se conheceram.

“AS MULHERES
E AS CRIANÇAS
SÃO AS PRIMEIRAS
QUE DESISTEM
DE AFUNDAR NAVIOS.”

— ANA CRISTINA CESAR

UM CONTO DE FADAS QUE DUROU POUCO

Eles se conheceram na fazenda de café e gado dos meus avós paternos em Araras, no interior paulista. O pai da minha mãe, seu Chico, era capataz da fazenda e vivia lá com minha avó, dona Benedita, e seus seis filhos. Todos trabalhavam na roça desde pequenos. Meu pai, por sua vez, era um homem apaixonado por cassinos que morava com os pais dele num casarão do bairro de Vila Mariana, em São Paulo, capital.

Um belo dia, cansado de tanta boemia, meu pai resolveu passar uma temporada na fazenda, que ele pouco freqüentava. Chegando lá, conheceu Mathilde, uma menina de 17 anos, sempre de olhos baixos, cabelos pretíssimos, esguia, de pele amarelada. Meu pai, que tinha o dobro da idade dela, ficou absolutamente apaixonado.

A família de minha mãe ficou entusiasmada com a possibilidade de um casamento com o filho do patrão, e a jovem Mathilde, apesar de não sentir coisa alguma pelo Oswaldo, foi obrigada a ir em frente. Mesmo tendo sido obrigada a se casar, os olhos de dona Mathilde até hoje brilham com a lembrança daquela festa. Ela guarda suas fotos com o carinho de uma mulher apaixonada. São mistérios de uma vida a dois.

Parece que no início eles viveram muito bem. Já morando em São Paulo, na casa da Vila Mariana, minha mãe ficou grávida, mas o bebê, muito fraco devido a uma anemia com a qual ela conviveu muito tempo sem saber, morreu nos primeiros dias. Foi seu único menino. Poucos meses depois, meu pai voltou a viajar para os cassinos pelo Brasil e ela ficou sozinha no casarão da Vila Mariana, convivendo com os sogros.

“Tenho certeza de que na viagem até aqui os homens te paqueraram, porque você é linda e insiste em dizer que é feia.” Meu pai me disse isso da última vez que estivemos juntos e também, de um jeito ou de outro, em todos os momentos da nossa vida. Meus amigos já me falaram que eu idealizo meu pai. Pode ser.

Oswaldo Leite nasceu em São Paulo no seio de uma tradicional família quatrocentona. Era o filho mais velho do famoso capitão Juquita, José Leite Filho, barão do café e combatente da Revolução Constitucionalista, e, segundo reza a lenda familiar, jamais teve um emprego na juventude. Quando percebeu que conhecia todas as manhas dos cassinos, ele descobriu a sua profissão: crupiê.

Foi assim que conheci meu pai. Boêmio, fanático pelo seu trabalho, elegante e perfumado. Ele adorava uma lavanda chamada Atkinsons, que eu reconhecia na mesma hora se alguém estivesse usando. Hoje, acho que pararam de fabricar. Sinto saudades daquele homem carinhoso, educado, que me olhava através de seus óculos fundo de garrafa. Era um alento, uma segurança.

Sou de um tempo em que as meninas não tinham liberdade para nada, e, no entanto, ele sempre teve uma grande compreensão dos meus problemas. Entendia minha vontade de alçar vôos, meus planos de futuro e meu desejo secreto de ser bonita e alta. Já mulher feita, de vez em quando eu desabafava com ele sobre meu complexo de inferioridade por conta da minha altura e ele me dizia: "Calma, não tenha pressa, você ainda vai crescer mais um pouquinho." E emendava: "E se você não crescer mais, sempre existe o teatro de todas as mulheres com seus sapatos de saltos altíssimos. Teatro, aliás, que você já faz: veja o tamanho dos seus saltos!"

Meu pai trabalhava em cassinos clandestinos e ficava fora de casa um, dois meses. Quando voltava, invariavelmente eu estava em greve de fome. Desde criança tenho uma personalidade forte, e quando minha mãe me proibia de fazer alguma coisa eu me revoltava e deixava de comer.

Na verdade, eu dava a maior sorte. Minhas greves de fome nunca duraram mais de dois dias. Bastava eu tomar a decisão e meu pai chegava.

Minha mãe reclamava com ele das minhas atitudes e eu, trancada no quarto, ouvia papai dizer: "Tenha paciência, ela é uma menina. Está descobrindo a vida e você não dá uma brecha para ela." Minha mãe ficava furiosa, dizia que ele perdoava tudo o que eu fazia: "Por que a Gina, que tem quase a mesma idade dela e também está descobrindo a vida, não age como ela?" Meu pai ficava calado, subia as escadas, entrava no nosso quarto e, antes de me abraçar e beijar, dizia: "Será que você poderia dar um tempo nessa greve de fome e sair comigo e sua irmã para um jantar no Restaurante do Papai?" Num passe de mágica, todas as minhas revoltas sumiam. Eu me levantava da minha prostração, enchia meu pai de beijos e perguntava: "Por que você demorou tanto pra voltar?" Era uma felicidade que não cabia dentro de mim, eu me arrumava e ficava esperando ansiosa ele terminar de descansar da viagem.

Apanhávamos o bonde em frente à nossa casa e lá íamos nós três rumo à praça da Sé. O Restaurante do Papai, nome mais do que perfeito, era tradicional na boemia paulistana. Nunca fechava. Ficava no subsolo de um prédio. As escadas eram de madeira com um corrimão dourado. Eu descia me sentindo muito importante, segurando no corrimão, e lá embaixo éramos recebidos calorosamente pelo garçom que servia meu pai há décadas.

A mesa era sempre a mesma e a comida também: pizza de muçarela e de sobremesa pêssego em calda com chantili. Papai sempre perguntava se não queríamos outro tipo de comida e a nossa resposta era sempre não, o que fazia ele dar gargalhadas: "Criança é sempre muito tradicional nos seus gostos." O fato é que ele também comia sempre a mesma coisa: um filé simples regado com muito vinho. Duas ou três garrafas de um bom vinho tinto seco, de preferência português.

Ele nos perguntava sobre a escola, as leituras, o motivo da minha última greve de fome e por que eu brigava tanto com a

minha mãe. Lá pelas tantas, ele abria seu coração e falava dela. Dizia que ela era linda, mas que tinha um gênio terrível. Reclamava por ela ser muito influenciada pela família humilde, da roça, uma gente boa mas que jamais poderia compreender seu modo de ser, viver e trabalhar.

Ela o acusava de nos dar mau exemplo: “Mulher nasceu para sofrer e você ainda as trata como se a vida fosse uma grande festa. Só quero ver quando elas se casarem e inventarem de convidar o marido para comer lagosta de madrugada.” Chegava a ser engraçada, a minha mãe.

Uma vez ele demorou muito para voltar de viagem, uns dois meses. Minha mãe não falou nada. Lavou e passou todas as camisas brancas que ele trouxe e as escondeu num armário. Quando ele percebeu que não tinha camisa para usar, ficou desesperado. Era muito vaidoso e jamais sairia sem seus ternos e camisas imaculadamente brancas. Ficou mais de uma semana dentro de casa andando para lá e para cá de pijama azul com debrum preto. Passava a noite lendo ou treinando numa mini roleta que ele tinha em casa. Dormíamos com o barulhinho da bolinha cor-de-rosa rolando pelos números. Tão acostumado que era a viver na noite, não conseguia dormir no horário normal.

Era uma quinta, dia de feira livre. Mamãe saiu com a Gina e eu fiquei sozinha com meu pai. Não agüentava mais vê-lo tão triste, sem saber o que fazer dentro de casa. Fui ao armário, peguei todas as camisas e entreguei a ele. Mas ele se recusou a aceitar e me pediu para colocar todas no lugar em que estavam, porque aquele era assunto dele com minha mãe e um dia ela devolveria. Não, eu disse, pegue suas camisas e vá dar uma volta para ficar mais alegre. Meu pai fez as malas, e quando minha mãe voltou da feira ele já tinha ido não sei para onde.

Ela me bateu e me colocou de castigo, e a partir daí sempre que eu desobedecia ou ia contra ela, ouvia a mesma frase: “Não tem

jeito mesmo, você é igual ao seu pai!” Frase que, aliás, ela continua dizendo até hoje quando o assunto sou eu.

Um tempo depois eles fizeram as pazes. Foram viajar e ficamos na casa de minha tia. Na volta, soubemos que minha mãe estava grávida. Passaram um bom tempo vivendo bem, minha mãe aceitando até as ceias da madrugada, o que era muito legal. Ela estava sempre bem-humorada, brincando com a gente, ensinando a fazer tricô e crochê e ao mesmo tempo confeccionando casaquinhos e sapatinhos de bebê.

No dia do nascimento da minha irmã, acordamos para ir à escola e meu pai preparou o café-da-manhã. Disse que iria visitar minha mãe no hospital e aproveitar para passar pelo cartório e registrar nossa irmã recém-nascida. Lá pelo meio da gravidez, eu e a Gina compramos um livrinho com sugestões e significado de nomes e nós quatro tivemos muitas conversas sobre o nome da minha nova irmã. Escolhemos Thais Helena. Meu pai foi registrá-la, e nós, pela primeira vez na vida, tivemos a oportunidade de ir e voltar da escola sozinhas. Nesse dia, um 31 de maio com muita garoa, conquistamos um pedacinho da nossa liberdade e mais uma irmã.

Um dia meu pai foi embora para sempre. Não sei por que eles brigaram. Nunca discutiam na nossa frente, a gente nunca sabia por que um estava de cara feia com o outro. Só sei que papai fez as malas – como fazia incontáveis vezes –, mas desta vez era para sempre. Ele me deu um abraço, depois outro na Gina. Fez um carinho na Thais e disse que não voltaria mais. Lá se foi ele para Caxambu e ficamos nós, quatro mulheres, vivendo sozinhas.

De tempos em tempos papai vinha a São Paulo e se encontrava comigo e com a Gina na casa de minha tia, irmã dele. Eram visitas escondidas, minha mãe o tinha proibido de nos ver e minha tia fazia uma grande ginástica para enganá-la. Era uma outra época, jamais

pensaram em se desquitar (o divórcio ainda não era lei), e os juízes dessa separação eram eles mesmos.

Ele morreu com a esperança de um dia fazerem as pazes. Ela dizia que desquite era uma bobagem: “Uma mulher só tem um homem na vida. O segundo é sem-vergonhice.”

Era proibido falar do meu pai em casa, mas a gente se encontrava com ele para matar a saudade e continuar a ir – escondido – no Restaurante do Papai. Só que agora já não tinha a mesma magia, minha tia sempre estava junto.

Foi assim até eu me tornar dona do meu nariz.

Quantas e quantas vezes me sentei em bares e restaurantes com meu pai, quando ele ia a São Paulo. Depois desses encontros eu voltava para casa tão feliz que minha mãe percebia, no ato, que eu tinha encontrado com ele. Mas ela não dava uma palavra sobre isso. Só sei porque, faz pouco tempo, conversando com ela no quintal de minha casa, ela me disse: “Eu sempre soube de tudo. Não falava nada porque respeitava teu grande amor pelo teu pai.” Assim é minha mãe: carinhosa e dura ao mesmo tempo!

UMA SOGRA, DUAS CARAS

Minha mãe é indígena, ou, como diz a sabedoria popular lá no interior de São Paulo, cabocla. Durante toda a infância e parte da adolescência ela trabalhou na roça, plantando e colhendo café. Nunca foi à escola, só sabe assinar o nome, mas conhece números como ninguém. Aprendeu a costurar com minha avó, também analfabeta, que era a costureira de roupas de homem mais famosa de Americana, cidade do interior paulista onde meus avós foram morar depois que desistiram de trabalhar na roça. Por saber costurar muito bem, minha mãe tinha muitas freguesas, e foi assim

que muitas vezes – quando meu pai desaparecia por meses – ela conseguiu manter nossa casa em pé sem nunca faltar nada.

A única amiga que minha mãe teve foi minha tia, casada com o irmão do meu pai. Tia Olinda era uma mulher solitária e quieta, cujos parentes viviam em Portugal. Ela veio para o Brasil trabalhar como empregada doméstica na casa dos meus avós. Lá conheceu meu tio, que era totalmente viciado em corrida de cavalos.

Duas mulheres jovens e bonitas, porém uma delas considerada uma índia caipira e outra uma portuguesa ignorante. Elas se uniam para suportar os infortúnios causados pelo desprezo da minha avó.

O grande desgosto de vovó era conviver com as duas no casarão da Vila Mariana. A matriarca, dona Olívia, havia estudado no Sacré-Coeur e de lá saiu para se casar com um primo. Com sua pele branca e translúcida, seus cabelos e gestos finos, ela era uma aristocrata genuína, não admitia as diferenças. No entanto, aquelas mulheres eram suas noras, escolhidas por seus filhos amados e mimados como príncipes.

Com papai sempre viajando e meu tio quase autista, vovó fazia minha mãe e tia Olinda de empregadas. Não importava que ela já dispusesse de uma cozinheira e uma faxineira.

Vovó Olívia vivia na cama com um problema nas pernas e sua maior diversão era gritar: “Mathilde, me traga a comadre!”, “Olinda, você é uma lesma e demora para trazer minha comida!”. Eu, menina, ficava amedrontada com seus gritos estridentes.

Quando meu pai voltava, ela se tornava a gentileza em pessoa e na frente dele dizia em voz baixa e educada: “Minha querida nora, por favor, você pode me trazer uma xícara de café?” Assim, as reclamações de minha mãe caíam no vazio. Meu pai não acreditava que ela era maltratada pela sogra. Sob essas condições, mamãe ficou grávida de mim e logo na seqüência de minha irmã, Gina.

Que casa estranha era aquela em que vivi os primeiros 12 anos de minha vida. Quando nasci, minha avó Olívia já tinha a “doença estranha nas pernas”, como se dizia na família. Ela vivia confinada na sala de estar que se tornou seu quarto, no térreo da casa, rodeada de quinquilharias, retratos de família, cadernos e mais cadernos nos quais registrou diários e livros, muitos livros que lia avidamente. Ninguém sabia qual era o problema, e como ela não se deixava examinar pelo médico da família e ninguém insistia, a doença piorava e muitas vezes ela acordava de madrugada aos gritos de tanta dor. Nunca vi minha avó andando.

Meus pais viviam num grande quarto com amplas janelas e varanda dando para a frente da rua Domingos de Moraes. Móveis de madeira nobre, pesada e escura mostravam o gosto clássico de meu pai. Lá, ele se refugiava para ler seus livros nos dias em que estava em São Paulo. De noite, como todos os homens da casa, saía para a madrugada paulistana.

MATHILDE: DE TÍMIDA A TEMIDA

Havia uma garagem gigantesca e abandonada nos fundos da casa, e minha mãe deu o grito de independência e decidiu que íamos nos mudar para lá. Bastava de comer, beber e fazer o que minha avó exigia. Bastava de viver na casa em que ela era soberana, ainda que deitada na cama.

Embora fosse uma garagem dentro da mesma casa, Mathilde decretou que aquele território seria seu e de suas filhas. Para chegar lá tínhamos que descer uma rampa de carros e abrir um grande portão de duas faces. E a garagem se tornou uma boa casa: com a reforma que minha mãe fez, passamos a ter uma sala de estar, outra de jantar, dois quartos, uma cozinha, um banheiro pequeno e até um quartinho de brinquedos.

Apesar de tudo, era muito bonita. Papai comprou móveis: uma bela mobília de jantar, um lindo divã vermelho e tapetes. Minha mãe, pela primeira vez desde o início do seu casamento, passou a ter o seu próprio fogão, sua própria despensa e sua própria vida de mulher casada, mãe de duas filhas.

Dona Mathilde, a caipira indígena e analfabeta, conseguiu mostrar para aquela família aristocrática que era uma mulher forte e dona do próprio nariz. Vovó passou a ter enorme respeito pela força de minha mãe, chegava inclusive a ter receio de levantar a voz com ela.

Apesar de nossa própria casa, do quartinho de brinquedos e da comida fenomenal, nossa vida de crianças ficou muito mais difícil. Minha mãe se tornou uma pessoa rígida, de poucas palavras e olhares repressivos, o que até então não tinha se manifestado com tanta força para nós. Embora eu ainda tivesse 10 anos, começava o estranhamento mútuo que viveríamos até o dia em que saí de casa.

Minha mãe tinha uma vara de marmelo que trouxera do interior para “nos educar”. Apanhamos muito. Ainda tenho mágoas por aquela e por outras surras: vara de marmelo, fio de ferro e cinto de couro com fivela. Tudo isso fez com que jamais, em toda a minha vida, eu levantasse minha mão para bater em criança. E quando vejo uma mãe bater em um filho na rua, paro e brigo com ela.

Por um lado, reconheço a incompreensão de uma menina construindo sua personalidade. Por outro, sei o quanto minha mãe, por sua própria educação e por medo de falhar, bloqueou qualquer camaradagem e preferiu jamais confiar nos nossos sonhos.

Sei que, assim como foi difícil para mim, também foi muito difícil para ela viver com uma filha que nunca concordava com suas regras e ordens, que tinha vergonha do seu modo caipira de falar e raiva do seu jeito de ser.

Rua Domingos de Moraes, 2.026. O estranho casarão da Vila Mariana, com seus habitantes isolados na solidão de seus quartos, moldou muito minha vida. Sempre me lembro daquele tempo de criança e daqueles imensos corredores. As pessoas escondidas dentro de seus silêncios, os diálogos monossilábicos, o sentimento aristocrático envolto em preconceitos de classe social.

PRIMEIRO ATO DE REBELDIA: PELO DIREITO DE BATER PAPO DEPOIS DA ESCOLA

Vovó morreu e os filhos resolveram vender o casarão. Com a parte que coube a meu pai, compraram uma casa no Jabaquara. Naquele tempo, o Jabaquara era ainda um bairro de periferia da classe média baixa, com muitas ruas sem asfalto. Nossa casa era muito grande e tinha um enorme quintal com árvores, onde minha mãe plantava verduras e legumes. Já estávamos no ginásio e continuamos a estudar no Colégio Brasília Machado, na Vila Mariana.

Com isso, conquistamos uma grande liberdade: ir para a escola sozinhas e de ônibus. Era muito divertido e ao mesmo tempo angustiante, porque minha mãe nos dava uma hora para chegar em casa depois do colégio, e eram tempos em que os ônibus tinham horários muito espaçados. Saíamos da escola em corrida acelerada até o ponto do ônibus para não perder o das 12h10 e assim poder chegar a tempo em casa. Nunca ficávamos na escola conversando com as colegas depois da aula ou então rindo e brincando no ponto como todo mundo fazia: era sempre correr e correr para almoçar na hora que minha mãe designava, impreterivelmente à uma da tarde.

Um dia me cansei e resolvi enfrentá-la. Decidi que não ia correr na saída da escola, mas andar devagar, conversando com minhas colegas até o ponto de ônibus.

Gina ficou desesperada e não conseguiu ficar. Saiu correndo, chorando muito, e pegou o ônibus de todos os dias. Fiquei e deixei passar o segundo, o terceiro... Só fui para casa quando não tinha mais nenhuma colega para conversar.

Cheguei em casa tarde e com muito medo da reação de minha mãe. Ela não me bateu, somente falou e gritou, extravasando todas as suas angústias pela responsabilidade de criar três meninas: "Esta casa não é uma pensão, que espera seus hóspedes a qualquer hora para comer. Esta é a *minha* casa e aqui se come nas horas que *eu* determino!" Assim ela justificou o castigo de me deixar sem almoçar.

Foi minha primeira grande desobediência, e a partir daí não tinha um dia em que eu não fizesse alguma coisa para afrontar minha mãe. Perdi uma parte de meu medo e resolvi que seria feliz. Estava com 14 anos, tinha muitos sonhos e vontade de conhecer a vida.

UM EMPREGO PARA SE ESQUECER

Foi com essa idade que resolvi que iria trabalhar. Minha mãe costurava para fora e meu pai já não vivia com a gente. Eu queria ter um pouco de liberdade e, ao mesmo tempo, ajudar minha mãe, como filha mais velha, a sustentar a casa. Naquele ano eu terminaria o ginásio e queria muito continuar a estudar e cursar o clássico. Claro que o desejo de minha mãe era que eu fizesse o curso de normalista para ser professora da escola pública e esperar o noivo e o casamento. Mas meu objetivo era estudar literatura, porque queria conhecer melhor os livros, meus companheiros de solidão.

Terminado o ginásio, me matriculei no clássico, fui para o curso noturno e encontrei um emprego como recepcionista em um

consultório dentário. Só depois de tudo arranjado contei para minha mãe. Foi um horror, mas um horror previsível. Nada que me fizesse voltar atrás.

O primeiro dia no consultório e ao mesmo tempo na escola noturna foi inesquecível. Me considerei uma pessoa importante, responsável e, finalmente, uma mulher. Era um empreguinho de meio salário mínimo para menores: eu limpava o consultório, lavava as ferramentas, marcava as consultas e depois auxiliava no atendimento.

Os dentistas eram dois irmãos árabes de sobrenome Abdala, com muitas clientes ricas e poucos clientes homens. Um trabalhava pela manhã e o outro à tarde. Todos os dias eu levava marmita e esquentava na padaria ao lado do prédio. Um dia, subi depois do almoço e um dos irmãos já estava no consultório. Quando estava entrando, eu o vi sentado em sua cadeira atrás da escrivaninha, com suas roupas branquíssimas, as pernas abertas e uma das mãos segurando o pau duro fora da braguilha. Foi a primeira vez que vi um pau duro ao vivo e em cores, e levei um tremendo susto. Parei na porta. Ele ficou me olhando com olhos de desejo e me perguntou: "Gostou? É bonito?" E ficava esfregando o pau imenso para cima e para baixo. Não sabia o que fazer. Fiquei parada com os olhos fixos na cena, sentindo nojo de tudo aquilo. Não sei quanto tempo durou. Só sei que de repente acordei e falei: "Doutor, guarde essa coisa dentro de sua calça." Me virei e fui tratar do meu trabalho, nervosa, trêmula. Ele foi atrás de mim e começou a se esfregar na minha bunda. Não falei nada, peguei minha bolsa e saí chorando elevador afora.

Fiquei perambulando pela rua meio desorientada. Não contei nada para minhas colegas e tampouco para minha mãe ou minha irmã. Naquela noite não dormi, pensando no que fazer. Eu queria continuar a trabalhar para, pelo menos, completar um mês e conseguir o salário inteiro. Mas estava com medo de voltar e ele

fazer tudo outra vez, e talvez até me mandar embora, depois que saí correndo.

Voltei e parecia que nada tinha acontecido. Ele não tocou no assunto e me tratava com a mesma frieza de sempre, até que um dia novamente se aproximou de mim e começou a se esfregar. Dizia que ia me mostrar a gostosura que ele era e que eu ia aprender a ser mulher. Quando tentei me desvencilhar, ele me agarrou com toda a força. Comecei a gritar e nesse momento chegou uma cliente na sala da frente. Assim que ele ouviu o sino da porta tocar, se arrumou, passou um pente no cabelo, sem olhar para mim, abriu a porta e com um largo sorriso recebeu sua cliente. Fui ao banheiro, tirei o avental, peguei minha bolsa e outra vez fui perambular pelas ruas chorando, sem saber o que fazer.

Resolvi na minha andança que não trabalharia mais com aquele maluco e no dia seguinte fui ao consultório pela manhã, no turno do irmão dele. Disse que tinha encontrado um emprego que seria melhor para mim, recebi meu dinheiro e nunca mais vi esses senhores. Não contei para a minha mãe o que tinha acontecido, nem que eu tinha deixado o emprego. Simplesmente continuei a sair todos os dias no mesmo horário e com a minha marmita na bolsa. Comprava o jornal, ia até o Centro, me sentava no jardim da Biblioteca Municipal e ali ficava procurando nos classificados um emprego de recepcionista.

PAIXÕES ESCOLARES

Eu adorava o curso clássico e tinha ótimos professores. Violanda, que dava aulas de filosofia, era a minha predileta. Gostava tanto dela que imitava seus gestos e seu corte de cabelo. Com ela conheci a filosofia. Por sua influência decidi prestar vestibular para

essa disciplina e dizia pomposamente a minhas colegas que seria filósofa.

Nessa época, volta e meia apareciam no movimento secundarista o Luiz Travassos, tão interessante e que morreu tão cedo, o Zé Dirceu, que era meio bobinho mas muito bonito, e o Wladimir Palmeira, que subia num poste e fazia um discurso maravilhoso pendurado lá. Nós todos tínhamos um certo engajamento político nas escolas públicas, mas diante do Wladimir nos tornávamos uns tontos. Quando ele aparecia, tacava fogo na moçada. Eu jamais poderia imaginar que seríamos colegas de partido. Ele era simplesmente demais. A maioria das meninas se apaixonava pelo Zé, mas eu alimentava meu amor platônico pelo Wladimir.

Eu estava muito interessada nos rapazinhos. Paquerava no ônibus e na escola, mas não tinha namorado. Os meninos me olhavam, mas não se aproximavam. Eu era extremamente caxias, tinha mania de saber de tudo e ler todos os livros. E apesar de estudar à noite e chegar em casa sempre depois das 23h, minha mãe não me deixava ir aos bailes. Eu tinha uma curiosidade imensa sobre sexo e o sonho de beijar um garoto. Só que o dia não chegava e eu não me dava oportunidade. Culpava a beleza de minha irmã, imaginando secretamente que ela me ofuscava.

Gina, 11 meses mais nova que eu, já tinha namorado, andado de mãos dadas, beijado garotos no famoso muro da escola; e quanto mais ela namorava, mais garotos ficavam atrás dela. Gina era jovial, feliz com seu rabo-de-cavalo balançando de um lado para outro e seu bom humor eterno. Eu era infeliz. Achava que o mundo estava contra mim e me sentia a garota mais sofredora e injustiçada do planeta. Os garotos fugiam!

O PRIMEIRO NAMORADO

Com 15 anos ganhei permissão para freqüentar as festinhas dos jovens da paróquia do bairro. O bispo era dom Mauro Morelli, que antes de ir para Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, fora o responsável pela diocese do Jabaquara. Por ser um clérigo moderno, havia muitas atividades na igreja local, principalmente com os jovens. Apesar da formação católica, eu não me interessava por elas, mas passei a freqüentá-las porque era a única chance de me divertir nos finais de semana. Havia uma turma de meninos considerados os rebeldes do bairro, e os jovens da igreja, todos muito certinhos, detestavam esses garotos.

Nos bailes de sábado, ao som de Bee Gees, os rebeldes chegavam com LPs de rock pesado. Sem pedir licença, tiravam nossos compactos da vitrola e colocavam seus discos. Eles dançavam levantando poeira do chão de terra e obrigando todos os certinhos a sair de perto. Passei a gostar de rock pauleira. Eu adorava aqueles meninos, e um deles se interessou por mim.

Márcio, meu primeiro namorado e meu primeiro amor. O namoro com ele fez com que as brigas em casa se tornassem mais e mais freqüentes. Minha mãe detestava aquele rebelde, que não trabalhava, matava aula constantemente e, pior, fumava maconha, sem esconder de ninguém. Passei a fazer parte da turma e nos finais de semana azucrinava a vida de toda a juventude do bairro, inclusive da minha irmã.

Todos os dias o Márcio ia me buscar. Sozinho comigo ele não se mostrava um rebelde, pelo contrário, era um menino cheio de sonhos. Queria ser aviador e lia muito. Ele me ensinou a beijar de língua. Eu achava que os beijos eram de boca fechada. Às vezes eu matava aula para ficar beijando o Márcio por horas e horas. Tirei todo o atraso da adolescência. Muito amasso no muro do colégio, carinhos nos seios, passadas tímidas de mão pelo pau dele e só isso! Entre momentos de intimidade durante a semana e vida de

rebelde sábado e domingo, namoramos um tempão, mas nunca transamos. Eu morria de medo de perder a virgindade e de ficar grávida.

Passado muito tempo, já morando sozinha, encontrei o Márcio por acaso, no metrô de São Paulo. Ele não conseguiu ser aviador, mas era comissário de bordo e estava lindo no uniforme da Varig, segurando o quepe debaixo do braço. Descemos numa estação qualquer para botar o papo em dia e finalmente transamos. Passamos toda a noite no hotel numa loucura total. Eu tinha imaginado muito como seria esse momento, e ele não me decepcionou. Pela manhã nos despedimos e fiquei olhando aquele homem bonito, com seu quepe debaixo do braço, descendo a rua, sem olhar para trás. Nunca mais o vi e toda vez, até hoje, que sinto o cheiro de maconha, me lembro dele, da sua beleza rústica e ao mesmo tempo doce. Da sua boca, que foi a primeira que beijei.

SEM SALTO, JAMAIS!

Mais tarde consegui um emprego temporário na Partime, uma empresa que selecionava pessoas para trabalhar nos períodos de férias dos efetivos. Ganhava razoavelmente bem e podia parar de trabalhar em período de provas e exames na escola.

Minha mãe exigia que eu passasse a ela meu pagamento integral porque dizia que eu era muito jovem para saber administrar meu salário. Todo dia ela me dava a quantia certinha para a condução. Eu ficava revoltada de não poder usar o meu dinheiro. Tinha vontade de vestir roupas bonitas e não mais os vestidinhos compridos feitos pela minha mãe. Queria ter muitos sapatos e não podia.

Eu usava sandálias e carregava na bolsa um par de sapatos clássicos de salto alto. Subia a ladeira em que morávamos com as sandálias, que, quando chovia, ficavam pesadas, com uma grossa camada de barro da rua sem asfaltamento. Quando chegava no ponto do ônibus, colocava as sandálias em um saco plástico e calçava os sapatos limpos. Descia no centro da cidade como uma moça que morava em rua asfaltada.

Comecei a fumar porque achava muito elegante uma mulher com as unhas bem-feitas, um ar inteligente no rosto e um cigarro entre os dedos. Passei a fazer trabalhos avulsos de datilografia no horário do almoço para ter um pouco de dinheiro para minhas despesas pessoais. Me vestia como uma autêntica secretária paulistana: saias godês ou justas, blusas com babadinhos e debruns e blazer preto ou cinza com sapatos de salto, de preferência modelo Chanel, meus prediletos. Tudo comprado à prestação nas lojas da rua Direita, no centro de São Paulo.

Jamais usava sapatos sem salto por causa do meu complexo de baixinha. Ele era tão arraigado que, se eu precisasse ir à padaria ao lado de casa, tirava minhas velhas Havaianas e colocava um salto. Eu era uma escrava do tom sobre tom em cores pastel, com a única exceção para o preto, influência da professora Violanda. Jamais usava cores fortes, e vermelho só passou a fazer parte da minha vida quando comecei a freqüentar escolas de samba. Algum tempo depois, quando me envolvi com a modernidade e a liberdade típicas da época, abandonei o estilo clássico e passei a me vestir como uma hippie. Dei todas as minhas roupas e sapatos de secretária para a Gina.

ENTRE MACHADO DE ASSIS E MARX

Terminei o clássico com ótimas notas, com exceção de francês e inglês. Resolvi me matricular em um cursinho pré-vestibular. O curso Objetivo, febre de todos os vestibulandos da época, era inacessível para mim, que não tinha dinheiro. O fato é que, na verdade, eu não tinha dinheiro para nenhum cursinho, mesmo o mais barato.

Descobri que na rua da Consolação havia o curso Etapa, que funcionava em uma pequena casa com somente duas salas de aula, uma para o Cescem, exames para as ciências exatas, e outro para o Cescea, exames para as ciências humanas. Com a cara e a coragem, fui até lá e pedi uma entrevista com o diretor. Conteí minha história triste e ele me passou um teste para saber o meu nível escolar. Conseguí uma ótima contagem de pontos e o diretor, um sujeito politizado, me considerou uma menina esforçada, vítima da má distribuição de renda, e me deu uma bolsa de estudos integral para o curso noturno intensivo. Exigiu apenas a promessa de que eu iria estudar muito e ser uma das mais bem colocadas no vestibular. Era exatamente o que eu queria.

Começa aí a primeira grande mudança na minha vida, uma mudança radical, inclusive uma revisão de tudo o que eu havia aprendido sobre história, geografia e literatura, principalmente a brasileira. Logo nas primeiras aulas fiquei pasmada, achando que tudo o que haviam me ensinado no Brasília Machado durante sete anos devia ser jogado no lixo. Injustiça de uma menina da década de 60, que não sabia ter participado da melhor época da escola pública brasileira.

Todos os meus professores no curso Etapa eram marxistas, sem exceção. Ali conheci o pensamento de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. Descobri Machado de Assis, amor maior do professor de literatura. E meu tempo começou a ficar curto para conciliar tanta vontade de conhecimento e o trabalho. Passava muitas horas viajando de ônibus, mas não podia ocupá-las com a

leitura, pois ficava enjoada. O entusiasmo pelo trabalho diminuía de maneira cabal diante dos escritórios com seus cartões de ponto e chefes burocratas impondo rotinas massacrantes. O único refresco era o fato de o trabalho ser temporário. Eu só queria estudar e passar no vestibular, queria ler Machado de Assis e, depois da aula, freqüentar a lanchonete do lado do curso e dividir com as colegas as incertezas e o nervosismo do pré-vestibular. Mas não podia!

Comecei a enfrentar mais abertamente minha mãe e a não voltar todos os dias para casa. Ficava na casa de amigas que moravam mais perto e estudava a noite toda. Passava até dois dias sem sequer olhar para a cama. Namorado, nessa época, nem pensar. O tempo era curto para muitas coisas e os meninos não tinham sexo, eram apenas pessoas como nós: queriam passar no vestibular.

Finalmente chegou o dia de saber o resultado. Naquele dia não fui trabalhar. Eu, um amigo e uma amiga quase amanhecemos no prédio dos Diários Associados, na rua Sete de Abril, esperando as listas serem afixadas no saguão. Lá estava meu nome para a Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Passei em segundo lugar para filosofia, cumprindo minha promessa ao diretor do cursinho.

Fomos os três para um pé-sujo, freqüentado por jornalistas, ao lado dos Diários. Duros, pedimos cachaça com groselha e acabei no pronto-socorro tomando injeção de glicose, quase em coma alcoólico. Era o final de 1969, auge da ditadura, fim da cachaça em minha vida e início da vida universitária.

REVOLUCIONÁRIOS OU REACIONÁRIOS?

Passar em segundo lugar no vestibular era um luxo e coroação de um esforço sobre-humano, mas dona Mathilde não recebeu a

notícia com efusão, pelo contrário. Achava que mulher não precisava estudar tanto e a universidade, com a sua permissividade comunista, tirava as boas meninas do bom caminho e as fazia descrentes dos ensinamentos de Deus. Seu sonho era ver todas as filhas normalistas e, depois de terminados os estudos, casadas, boas esposas e mães.

Já seu Oswaldo, quando soube, ficou muito feliz e começou a me apresentar a todos os seus amigos como “minha filha universitária da USP”. Com essas duas opiniões diametralmente opostas, passei as férias escolares ansiosa, à espera do início das aulas. Continuava a trabalhar em uma grande empresa, agora como secretária júnior de um diretor. Quando terminou meu período de trabalho temporário, fui convidada a continuar na empresa. Aceitei porque era perto da faculdade e o salário era bom. Eu precisava agora de uma vida profissional mais calma para poder me dedicar aos estudos de filosofia.

Quem dera.

Comecei a universidade no ano letivo seguinte ao conflito da rua Maria Antônia, quando os alunos da USP fizeram barricadas e brigaram com os alunos do Mackenzie e com a polícia. Para nós, geração pós-Maria Antônia, o que restou foram histórias recheadas de heroísmo contra a ditadura, acompanhadas de inúmeras prisões de estudantes.

A Faculdade de Ciências Humanas se mudou para os barracões da Cidade Universitária. Uma única linha de ônibus nos levava até aquele fim de mundo, espremidos como sardinha em lata. Quando chovia, as aulas tinham de ser suspensas por causa do barulho ensurdecedor da água nas telhas de amianto; e o único bar, o Rei das Batidas, na saída da Cidade Universitária, praticamente só tinha cachaça e batida. A maioria dos grandes professores tinha ido para o exílio. Restava a Marilena Chauí, que precisava dar suas aulas no imenso auditório dos barracões, tal o sucesso que fazia nos

ensinando o que era estruturalismo em aulas que mais pareciam palestras.

Assim foi o primeiro ano de universidade e rapidamente percebi que a filosofia não era a minha praia. As pessoas eram muito pedantes. Além disso, muito da bibliografia era em francês ou inglês, e como eu tinha apenas rudimentos desses idiomas e me faltava tempo para um curso completo, não conseguia sequer ler um artigo.

Mudei de curso. Fui para a sociologia, que era a grande moda do momento, e lá me dei melhor, inclusive fazendo algumas disciplinas dos departamentos de história e literatura. Tive o privilégio de ser aluna do Antonio Candido, em teoria literária; do Lúcio Kowarick, em introdução à sociologia; e do grande professor Moraes, com seus ternos antigos, modos bruscos, mas uma tremenda honestidade intelectual.

O espaço que mais fervia nos barracões das ciências humanas era o centro acadêmico. Entre uma rodada e outra de pingue-pongue tentava-se realizar a revolução socialista no Brasil. Brigas e desavenças entre maoístas, trotskistas, stalinistas e outros "istas" eram cotidianas, gerando inimizades em nome de um espaço político na diretoria do Centro Acadêmico. Eu achava tudo aquilo um saco e nunca aceitei participar de treinamentos para a luta armada. Apesar do pouco conhecimento de política, percebia que tudo era entusiasmo de estudantes e meu idealismo não chegava ao ponto de ter como horizonte a prisão e a tortura. No princípio eu adorava ficar no C.A., mas logo comecei a ser completamente ignorada por todos, já que não acreditava integralmente nas mesmas coisas que eles. Eu era considerada a alienação em pessoa e, além de tudo, trabalhava em uma empresa multinacional. Poderia ser até uma espiã dos militares.

SEXO: A FIXAÇÃO DA CONTRACULTURA

Um dia, subindo a Consolação no nosso famoso ônibus, uma colega me convidou para dar uma esticada até a rua Maria Antônia e beber uma cerveja no bar Sem Nome, coqueluche do momento entre os estudantes que gostavam de arte e revolução. Lá se reuniam os alunos da Arquitetura, na sua maioria rapazes lindos e bem-nascidos, entre eles o Chico Buarque, já unanimidade entre as meninas. Ele tocava violão, bebia cachaça e cantava *Pedro Pedreiro*. Adorei o bar e passei a freqüentá-lo todos os dias depois das aulas. Lá conheci uma turma mais descolada e completamente maluca que falava em revolução, sim, mas a sexual.

Apesar de toda a minha pretensa modernidade, ainda era uma menina da periferia que morria de medo de transar, perder a virgindade e, o pior dos desastres, ficar grávida. Essa turma só falava sobre sexo, sexualidade, virgindade. Depois do Sem Nome passamos a freqüentar um lugar onde verdadeiramente, segundo meus amigos, estava o pessoal mais moderno: o bar Redondo, na praça Roosevelt.

Ali em frente ao edifício Copan, em meio a críticas à religião, passei a ter vergonha de ainda ser virgem. Eu e minhas amigas, todas virgens, enganávamos os rapazes com histórias de experiências sexuais e um ar de modernidade no rosto. O Redondo ficava perto dos teatros Arena e Oficina e era freqüentado por diretores, atores e atrizes, todos incríveis aos nossos olhos deslumbrados. Não podíamos supor que estava começando uma das maiores mudanças de costumes da sociedade brasileira. Foi um período muito importante para mim e para minhas descobertas. Momento vertiginoso e caótico, difícil de descrever em palavras.

Ao mesmo tempo que discutir sexualidade era nossa maior questão, o país vivia em plena ditadura. De um lado, estudantes

sendo presos, pegando em armas, sendo mortos e torturados. Do outro, jovens do CCC (Comando de Caça aos Comunistas) entravam no Redondo distribuindo folhetos que culpavam o comunismo pela existência de homossexuais e lares destruídos, entre outras bobagens. Eles propunham o extermínio de todos que fossem comunistas, e para eles nós éramos vítimas dessa praga. O nosso medo desses jovens, carecas e de terno, empunhando bandeiras, era imenso e jamais andávamos sozinhos pelas ruas. Sempre em turma e olhando para os lados.

O fundador da TFP (Tradição, Família e Propriedade) construiu um altar, perto da rua Maria Antônia, para reverenciar sua mãe, que ele considerava uma nova Nossa Senhora. Todas as terças-feiras os jovens dessa organização passavam em fila em frente ao Redondo, empunhando bandeiras vermelhas com inscrições negras, terno preto e uma capa vermelha rumo ao altar para prestar homenagens e rezar. Apesar do medo, com a impavidez da juventude íamos atrás deles fazendo algazarra e perturbando a reza. Essa era a nossa forma de também radicalizar e mostrar, até para nós mesmos, que estávamos fazendo alguma coisa para mudar a sociedade.

Aqueles anos foram muito difíceis. E para uma parcela dos jovens, na qual eu me incluía, era complicado encontrar um lugar de identificação. No Redondo conheci o Plínio Marcos, que vendia seus livros mimeografados de mesa em mesa e parava em cada uma delas para um papo. Ouvia embevecida suas teorias sobre teatro e sociedade e sobre como era urgente mudar o jogo e sermos mais livres e menos ligados às regras sexuais vigentes. Dia a dia nós, meninas, inventávamos peripécias sexuais. Namorados, amor e casamento estavam ligados a valores conservadores, e lutar contra o conservadorismo sexual era nossa principal meta de vida.

FALSAS LIBERTINAS

Era um fardo ser virgem no meio dos modernos. Eu e minhas amigas do Redondo falávamos muito sobre a maravilha de poder transar sem ficar grávida. E dizíamos aos quatro ventos que tomávamos o comprimido milagroso. Mas era mentira. A gente sequer transava de verdade. Eu tinha que dar um jeito naquilo, e rápido.

Havia um diretor de teatro chamado Rodrigo. Ele era lindo, muito mais velho que todas nós, tinha cabelos e barba negros, um ar de intelectual enfadado e se gabava de ser um grande diretor, na mesma linha de Zé Celso Martinez Corrêa. Nosso sonho era transar com esse cara e a tietagem corria solta. Uma noite, ele se dignou a olhar para mim e passamos a madrugada conversando. Ele contava suas histórias fantásticas de teatro. Madrugada já alta, ele me convidou para ir a sua casa e eu senti um frio na barriga. Eu tinha sido a escolhida; apesar de baixinha e me achar a mais feia do grupo, ele sentia tesão por mim.

No caminho a pé até a São Luiz, fui às nuvens e voltei. Ele falava e falava e eu não ouvia. Pensava em como agir, em como seria transar pela primeira vez e, pior, em como enfrentar a inexperiência depois de tanto falar sobre os meus inúmeros casos com os homens.

Pela primeira vez eu estava na casa de um homem que morava sozinho. Na rua ele não me abraçou nem fez qualquer gesto de carinho, mas assim que fechou a porta me agarrou e começou a me beijar e arrancar minha roupa. Um tanto sufocada, pedi para apagar a luz. Foi então que ele me largou e começou a fazer um discurso sobre a modernidade do sexo às claras. Disse ainda que eu era uma menina conservadora, filhinha de mãe, e que o que todas nós queríamos era um casamento com véu e grinalda. De preferência, na igreja católica. Humildemente, disse a ele que tinha vergonha de

me mostrar nua para um homem e que ainda era muito difícil, para mim, assumir sexo como algo absolutamente normal. Acho que ele perdeu, nesse momento, um pouco do tesão por mim, mas, como eu já estava lá, voltou a me agarrar e a me beijar sem nenhum carinho, machucando minha boca. Finalmente tirou as calças na sala mesmo, enfiou o pau em mim e gozou. Deitado no chão, caiu numa gargalhada sem fim e disse: "Então é essa a menina cheia de experiências? Só me faltava essa, foder uma virgem babaquinha." Depois de muito rir olhando para a minha cara de tonta, ele me indicou o banheiro para eu me lavar e me mandou embora, dizendo que não queria complicação com meninas inexperientes.

Saí para a rua com o dia já claro e nem fui trabalhar. Fiquei perambulando, pensando no que tinha acontecido. Será que transar era aquilo? As pessoas sempre diziam que a primeira vez doía, e não senti nada além da violência de ser possuída com frieza e descaso. Depois sobrou somente aquele líquido viscoso escorrendo pelas minhas pernas. Só isso. Foi o que restou de recordação da minha primeira vez.

De noite, depois de muito perambular, não fui à faculdade e voltei ao Redondo. Quando cheguei lá, todo mundo, dos freqüentadores aos garçons, sabia que eu tinha transado com o Rodrigo e, além disso, pedido para apagar a luz. Sabiam que eu era virgem e que ele fora obrigado a cumprir a função chata e careta de me desvirginar. Fiquei mal com as minhas amigas porque todos os homens achavam que, se comigo tinha sido assim, com elas também seria.

Essa foi a minha primeira vez, transando com um participante da "revolução sexual". Valeu pela experiência e pelo fato, importantíssimo, de que a partir desse dia eu não precisaria mais mentir: já não era mais virgem! Acontece que fiquei muito decepcionada com todas as pessoas do Redondo, inclusive com

minhas amigas, que, em vez de ficarem do meu lado, me criticaram pelo que tinha acontecido na casa do Rodrigo e sequer me perguntaram como eu estava me sentindo. Também fiquei muito envergonhada por ver minha intimidade na boca de todo mundo e os risinhos de deboche que dirigiam a mim.

Eu não conseguia mais me ver na esquerda tradicional. Ficou claro para mim toda a sua carece, a falta de coragem de se assumir e lutar contra preconceitos milenares e, principalmente, o desejo que tinham de formular verdades absolutas, o que os fazia iguais aos seus rivais.

Do meu jeito, fiz a minha revolução e fui em frente.

“A PORTA DA VERDADE
ESTAVA ABERTA,
MAS SÓ DEIXAVA PASSAR
MEIA PESSOA DE CADA VEZ...
ARREBENTARAM A PORTA.
DERRUBARAM A PORTA.
CHEGARAM AO LUGAR
LUMINOSO.”

— CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

O SAMBA INVADE SÃO PAULO

Decepções à parte, eu continuava a trabalhar e nessa época era secretária do diretor de uma grande empresa de resfriadores de água. Ganhava relativamente bem e em casa, apesar das brigas, a vida estava economicamente melhor, já que agora Gina também trabalhava e estava noiva do Toninho.

Isso deixava minha mãe um pouco mais calma nas suas incertezas sobre o futuro das filhas. Ela estava mais ou menos conformada de que eu era um caso sem solução. No tempo do Redondo eu ficava tantos dias sem aparecer em casa que mamãe se cansou de pensar no que seria de mim e me deixou mais solta. Não adiantava continuar a bater na mesma tecla. Quando deixei de freqüentar o Redondo, ela ficou abismada de me ver chegar todo dia depois da faculdade e não sair nos finais de semana. Não me perguntou nada, mas ficou com um ar mais feliz e até batia papos comigo.

Aproveitei essas “férias” das descobertas para estudar, o que eu não fazia há muito tempo, e me dedicar mais ao trabalho. Homens, nem pensar: ainda estava muito traumatizada, apesar de negar isso a mim mesma.

Comecei a perceber a existência das pessoas que trabalhavam comigo. Não dava a menor bola para as minhas colegas e conversava superficialmente com todas. Me achava superior a elas, já que era a única que freqüentava a universidade, mas nesse momento de trégua comigo mesma fiz algumas amizades. Numa sexta-feira, uma delas me chamou para ir a um baile. Ela me contou que o namorado era do samba e iríamos a um legítimo reduto do ritmo em São Paulo. Aquele era um ambiente desconhecido para mim e eu tinha preconceitos que vinham da minha formação de aristocrata decadente.

Fomos a uma das mais tradicionais gafeiras paulistanas, o Guaritão, um salão numa praça perto da avenida Angélica, onde o pessoal do samba se reunia para dançar. Fui apresentada a uma turma de homens negros lindíssimos e elegantes. Eram do grupo Originais do Samba, que fundou o pagode moderno e o levou à classe média. Eram todos cariocas, aproveitando a alta do samba em São Paulo para fazer um dinheirinho a mais.

Fui paquerada por todos eles naquela noite, menos por um. Ele ficou em um canto da mesa me olhando de soslaio, sem falar nada. Com o dia amanhecendo, deixamos a gafeira em turma e fomos a um bar na avenida São João, para a saideira. Estava me divertindo muito com aquela paquera, mas não queria sair com nenhum deles. Eu ria de tudo, e aquela história de ser cantada por tantos homens de uma só vez era inusitada. Era um elixir dos deuses, na verdade. O rapaz alto, magrinho, com um cabelo black power enorme, que me olhava antes, continuou sem falar nada. Não era bonito, pelo contrário, era o mais feio de todos, mas fiquei hipnotizada pelo seu olhar e seu jeito carente.

Quando saímos para a rua, ele se aproximou de mim e perguntou se eu tinha telefone. Automaticamente anotei em um papel o do escritório e passei a ele. Na segunda-feira, assim que cheguei no trabalho, o telefone tocou. Marcamos um encontro. Seu nome era João.

SEXO SIMPLES. E RÁPIDO

Não foi o homem que mais amei. Foi o primeiro homem que me tratou como mulher, fez com que eu me visse frente a frente com os meus preconceitos, principalmente o racial, e, importantíssimo, me levou para uma viagem inesquecível ao mundo fascinante do samba.

No começo, eu me encontrava com ele por pura curiosidade. Queria saber quem era aquele homem que somente me olhava e não falava nada. Ele foi me buscar no trabalho e seguimos de táxi até um bar na esquina da rua Aurora com Vitória, no Centro. Fiquei sabendo que era compositor, nascido no morro do Salgueiro, no Rio.

Eram todos muito engraçados e viviam naquele bar bebendo cerveja e fazendo música. João morava no prédio ao lado, num pequeno conjugado, em cujo térreo funcionava um cinema de filmes pornôis com striptease ao vivo antes de cada sessão. A gente transava ao som das músicas que chegavam pela janela. Sem nenhuma experiência sexual, encontrei um homem que tinha muita paciência comigo e me fazia gozar. Provavelmente foi por isso que eu superei o trauma da primeira vez com o Rodrigo. Era um sexo simples, somente de penetração, mas ele era um bom amante. Dizia que homem que é homem não tem essas frescuras de chupar e meter dedo em boceta. Homem tem que funcionar com o pau duro e pronto. Mas as transas eram rápidas porque a casa vivia sempre cheia de gente e muitas vezes mal se começava alguma coisa, a campainha tocava. Eram os amigos chegando para tocar violão e fazer música. Todo dia era dia de festa e sempre se fazia uma vaquinha para ir ao mercadinho da Aurora comprar comida e cerveja. Foi a primeira vez que vi homens cozinhando animadamente.

De noite, saíamos em turma para os sambas da vida: Camisa Verde e Branco, Nenê da Vila Mathilde, Vai-Vai e todo canto onde havia um violão e, principalmente, partido-alto. Deixei de ir para casa. Às vezes até faltava ao trabalho e inventava que tinha ficado doente. Estava debutando na efervescência da cultura negra e do samba. Eu nunca tinha sequer imaginado que toda essa beleza existia.

Dos amigos do João, a pessoa de quem eu mais gostava era o Almir Guineto, um gênio do partido-alto com uma imensa

capacidade de improvisação e, inclusive, o responsável pelo advento do banjo no samba. Guineto dava apelidos com uma presença de espírito impressionante e me chamava de Carneirinho; até hoje todo esse pessoal me chama assim. Ele dizia que com meu modo educado de ser e sempre achar tudo muito bom, somado à pele branquinha e ao cabelo anelado, eu parecia um carneirinho. Palmira, a mulher dele, era minha melhor amiga e, creio, a primeira amiga de verdade que eu tive na vida. Eu invejava aquela mulher com longos cabelos encaracolados, um corpão dentro de calças justíssimas e muito senhora de si. Tudo que eu não era.

Esse período que vivi com eles foi o alicerce de tudo que sei sobre samba, uma das minhas grandes paixões e o enterro dos meus preconceitos babacas com relação à negritude.

GRAVEMENTE GRÁVIDA

Ironicamente, a mulher moderna que queria mudar o mundo nunca usou anticoncepcional, o verdadeiro revolucionário da década de 70 e da sexualidade feminina. Transei muito com João, descobrindo os segredos do meu próprio corpo. Mas não tomei sequer um dos comprimidos mágicos.

Fiquei grávida. Nunca fui de freqüentar consultórios médicos, e minha mãe, por vergonha ou falta de hábito, nunca havia me levado ao ginecologista, como é de praxe na adolescência. Me deu um medo, mas um medo que até hoje só de pensar fico assustada outra vez. Tinha que agir, fazer alguma coisa, mas não tinha a menor idéia do quê. E não conseguia de jeito nenhum contar para o João. Talvez tenha ficado com medo de ele descobrir que eu era inexperiente e insegura.

Cheguei a pensar em fazer um aborto, mas foi só um pensamento. A minha modernidade era tão capenga que eu sequer

sabia aonde ir e a quem procurar. Todos os dias acordava e decidia que ia me aconselhar com a Palmira. Só que o dia acabava, eu perdia a coragem e deixava para o dia seguinte. Comecei a me afastar do João e pouco a pouco decidi que não contaria a ele.

Desapareci. Passei a voltar para casa todos os dias. Não demorou muito, João me procurou durante o horário do expediente, quando eu estava no trabalho, e mamãe tratou-o muito mal, disse que ele nunca mais voltasse a bater na sua porta. Eu só soube disso muito tempo depois, quando voltei a encontrá-lo.

Larguei a faculdade. Não contei para minha mãe sobre a gravidez, comprei uma cinta para disfarçar a barriga e continuei a levar minha vida, só que agora sem sair à noite: casa-trabalho-trabalho-casa. Nove meses de angústia. Só me distraía no trabalho, onde passei a ser cada vez mais uma funcionária modelo. Era o melhor modo de esquecer. Nove meses em que não falei com absolutamente nenhuma pessoa sobre a gravidez. Nove meses de solidão total, e, quanto mais o tempo passava, mais ficava penoso carregar o peso da angústia e do bebê. Não fui ao médico e não fiz pré-natal. Minha única alegria vinha de noite, quando todo mundo dormia e eu tirava a cinta, libertando a barriga, o bebê e minha cabeça.

Não preparei nada para o parto nem para o nascimento. Não comprei sequer uma fralda, com medo de minha mãe ver e descobrir. É impressionante a solidão que pode existir entre pessoas que vivem sob o mesmo teto.

O SEGREDO NÃO ERA SEGREDO

Fevereiro de 1972. Saí para trabalhar às seis e meia da manhã e não me sentia bem. Estava difícil andar, a cinta incomodava muito e eu sentia uma tristeza danada. Cheguei ao escritório e continuava a

passar mal; de repente percebi água escorrendo pelas minhas pernas. Levei um grande susto, fui correndo ao banheiro buscar um pano para limpar o chão, não queria que ninguém percebesse o que para mim parecia xixi. Só que eu não agüentava mais. Entrei na sala do meu chefe, disse que não estava passando bem e que precisava ir para casa. Ele percebeu que a coisa era séria, então requisitou o carro da empresa e pediu para uma colega de trabalho me acompanhar. Quando chegamos, ela me deixou dentro do carro e bateu na porta. Minha mãe abriu a janelinha da sala e disse apenas: "Leve minha filha imediatamente para a maternidade." A moça não entendeu nada, voltou para o carro e me disse que não sabia por que eu tinha que ir à maternidade. Respondi: "Vou ter um filho."

O motorista saiu correndo pelas ruas de São Paulo e eles me deixaram na Santa Casa. O bebê já estava nascendo e foi tudo muito rápido. Menos de uma hora depois nasceu Alessandra, minha primeira filha.

Fiquei muito emocionada quando me levaram aquela bonequinha linda e saudável, pesando 2,9 quilos, com 51 centímetros. Era uma vitoriosa, tinha conseguido ficar escondida, apertada pela cinta por nove meses, e agora saía perfeita, ilesa de todas as inseqüências de uma jovem imbecil.

Eu e minha mãe tínhamos então que nos olhar de frente. Duas mulheres completamente perdidas em seus medos, vergonhas e preconceitos. Ela chegou ao hospital com tia Olinda, eu estava tão desamparada que não sabia o que fazer. Foi minha tia quem disse: "Olhe, Mathilde, que linda a sua neta!" Ela olhou para Alessandra e se apaixonou imediatamente pela menina. Me lembro que a enfermeira entrou no quarto para levar o bebê para o berçário e minha mãe não queria que ela fosse.

Eu não podia ainda amamentar porque estava anêmica. Quando trocaram meu soro e dona Mathilde viu a agulha no meu braço,

disse para a enfermeira: “Coitadinha da minha filha, morre de medo de agulha de injeção e agora tem que tomar soro.” Minha mãe foi para a janela do quarto e chorou com o rosto escondido. Foi um choro rápido e envergonhado. Logo ela limpou os olhos, pegou uma sacola e passou a me mostrar as roupas que tinha comprado na rua Vinte e Cinco de março: “Fui correndo nas lojas, para o bebê não nascer sem roupa.”

O PEDÓFILO DA FAMÍLIA

Por mais amor que tivesse por mim e pela primeira neta, dona Mathilde estava muito confusa e não sabia muito bem como lidar com toda a situação. Achou que eu precisava do apoio de um homem, e então chamou para conversar comigo e me aconselhar a pessoa menos indicada: um parente próximo.

O sujeito era censor de cinema, portanto, policial federal. Era tido como o detentor de todas as virtudes da família e o único que tinha razão em todas as questões. Mas todo esse verniz somente dissimulava seu verdadeiro caráter de torturador e hipócrita, um autêntico exemplar de demônio da ditadura militar.

Ele e sua esposa tinham uma casa de praia, onde vez ou outra passávamos os finais de semana, quando crianças. O que ninguém sabia é que na praia o digníssimo nos levava para longe da arrebentação das ondas e, debaixo da água, ficava nos bolinando. Fez isso comigo, com Gina e uma prima. Tínhamos apenas 9, 10 anos, e isso nos marcou de tal forma que todas nós temos medo de mar. Guardo imagens tenebrosas das ondas passando pela minha cabeça, eu engolindo água, e ele, guardião da moral e dos bons costumes, passando a mão em meu corpo.

Eu, fraca e magrinha, ainda me refazendo de todo o acontecido, fui chamada à sala para uma conversa de “pai para filha” com o

desgraçado. Ouvi educadamente ele me dizer que era imprescindível eu revelar o nome do pai da criança, e depois de fazer um discurso óbvio a respeito do assunto, chegar ao clímax com a criativa frase: "Você tem que se conscientizar de que errar a primeira vez é humano, a segunda vez é sem-vergonhice, portanto trate de, a partir de agora, tomar juízo." Apesar de estar me sentindo completamente desamparada, disse a ele que jamais arrancariam de mim o nome do pai da criança, até porque eu tinha medo do que ele, como policial, podia fazer. Disse, olhos nos olhos: "Não confio em suas boas intenções e sei muito bem que o senhor não tem a menor condição de dizer o que é moral." Encerrei o assunto e voltei para o meu quarto, onde chorei até cansar.

Enfrentei o inimigo pela primeira vez na vida e descobri que é insuportável guardar dentro do coração a ira e a indignação frente à hipocrisia e à maldade. Foi ali que descobri o quanto é maravilhoso falar.

FRÁGIL DEMAIS PARA RECLAMAR

Minha mãe respeitou minha decisão de não revelar o nome do pai da Alessandra. E no dia seguinte chamou um táxi para nos levar ao cartório. Registramos a menina e passei a ser oficialmente mãe solteira. Minha filha até hoje acha inconcebível a minha decisão, mas estávamos nos efervescentes anos 70, os tempos eram de fato outros. Eu tinha vergonha de falar ao João de uma gravidez que não fora combinada, sequer cogitada. Fiz o que achava melhor.

Passados alguns dias, recebemos em casa a visita de meu chefe na empresa. Ele conversou muito com minha mãe e disse a ela que eu era uma ótima funcionária, só que, devido ao acontecido, não poderia mais voltar. Constava das regras da empresa não aceitar mulheres com filhos, que dirá mães solteiras. Elas poderiam ser má

influência para as muitas moças de família que trabalhavam lá. Entregou a minha mãe um cheque em que me pagava todos os direitos e mais uma indenização para que, segundo ele, eu vivesse “tranqüilamente” nos próximos meses. Pediu desculpas por me mandar embora, “mas regras são regras”, e na saída me recomendou juízo, como todos.

Eu estava sofrendo muita pressão psicológica, tanto que me sentia doente, à beira de uma depressão e com uma aparência horrível. Meus cabelos estavam maltratados e eu não tinha vontade nenhuma de me cuidar. Alessandra estava a cada dia mais linda. E minha mãe, cada vez mais apaixonada. Acredito que dona Mathilde nunca cuidou tanto de mim quanto naquela época: me levava café-da-manhã na cama e fazia mingau de fubá com queijo para eu ter mais leite. Tive muito carinho em casa, apesar dos olhares de soslaio da vizinhança e das reprimendas dos avós e tios maternos.

Para esquecer um pouco as minhas confusões e as dúvidas sobre o futuro, comecei a tricotar um vestido para o batizado da Alessandra e convidei a Gina e meu cunhado Toninho para padrinhos. Durante dois meses tricotei como Penélope, e o batizado foi realizado na Igreja Nossa Senhora da Saúde, na Vila Mariana. A mesma em que todas nós fomos batizadas, fizemos primeira comunhão e onde a Gina se casou.

A menina crescia cheia de saúde e distribuindo os sorrisinhos mais lindos do mundo. Mas estava chegando a hora de eu enfrentar a vida lá fora outra vez. Minha mãe dizia que agora eu tinha responsabilidades e deveria arranjar um emprego fixo. Pedi a ela um pouco do dinheiro que recebi da empresa para ir ao cabeleireiro e comprar algumas roupas novas; estava tão magra que nada mais me servia.

Lá fui eu atrás de um novo trabalho. Consegui novamente um emprego temporário para substituir uma secretária do

departamento de compras do depósito da Shell, em São Caetano. Era longe de casa, mas havia uma chance de eu ser contratada.

Quando cheguei em casa com a grande novidade, mamãe me sentou no sofá da sala e, muito séria, esclareceu como seria a minha vida a partir de então. Ela iria cuidar da Alessandra durante o dia, e como eu saía do trabalho às seis horas da tarde, deveria estar em casa, devido à distância, todos os dias até as oito horas e nem um minuto a mais. Faculdade, nem pensar. Segundo ela, tudo o que me acontecera tinha a ver com as más companhias e idéias comunistas que me colocaram na cabeça naquele antro de gente perdida. Agora eu era mãe e teria que assumir minhas responsabilidades. Se tudo desse certo e eu trilhasse o caminho do bem dali em diante, poderia até acontecer de algum homem se compadecer de mim e se casar comigo, assumindo a paternidade da Alessandra. Dona Mathilde, mais uma vez, tinha a fórmula da minha salvação.

Eu estava muito frágil para contestar qualquer coisa. Aceitei todas as normas e no dia seguinte fui trabalhar.

Só me restava me dedicar ao trabalho para garantir um contrato fixo e os direitos trabalhistas. Todos os dias, religiosamente, dava um beijo na Alessandra e saía de casa às cinco e meia da manhã. Voltava às sete e meia, oito da noite. Às vezes ela já estava dormindo. Era só nos fins de semana que eu a via por mais tempo, me dedicava a ela, lavava suas roupas e as minhas e lia muito. Estava fanática por literatura brasileira, que eu tinha descoberto no cursinho. Foi quando li toda a obra de José Lins do Rêgo, Machado de Assis e Jorge Amado, e nunca mais parei. Os livros eram meus únicos amigos, minha única válvula de escape.

Fazia dois anos e meio que eu tinha entrado na faculdade cheia de sonhos e em tão pouco tempo tanta coisa havia acontecido! Minha vida mudara completamente e eu não tinha nenhum plano para o futuro. Estava sob a carga moral de ser mãe solteira e

precisava manter isso em segredo, sob o risco de perder meu emprego. Em todo caso, foi um período tranquilo. Pela primeira vez na vida eu estava me dando bem com minha mãe e podia prestar mais atenção na minha irmã caçula, Thais, que já entrava na adolescência.

O FIM DO DILEMA

Fui contratada para trabalhar em um departamento em que todos os funcionários eram homens. Seis compradores, um chefe e eu, a única mulher do pedaço.

Todas as sextas-feiras o pessoal saía à noite para a happy hour e me convidava. Eu sempre dava alguma desculpa para não ir e ficava amargando secretamente uma vontade danada de curtir um pouco o bom da vida, que eu já conhecia. Via todo mundo sair alegre para o bar e ficava olhando do ponto do ônibus, sentindo saudades do tempo em que andava pela noite, pelo samba e descobria o mundo.

Uma sexta-feira, já esgotada de viver no esquema trabalho-casa-casa-trabalho, resolvi abrir mão das minhas resistências e topei sair com o pessoal. Todos ficaram abismados, já que eu não participava nem das festas internas da empresa. Fomos aos bares de batida do largo do Arouche e me diverti como não acontecia há muito tempo. Entre chopes e conversas fiquei no bar até as três da manhã. Agradei as caronas e andei até o largo São Francisco, ponto final do ônibus Jabaquara. Comecei a pensar sobre o que me esperava em casa.

Minha mãe não dava a chave de casa para nenhuma de nós, então bati na porta, evitando a campainha para não acordar o bebê. Demorou muito até que minha mãe, com cara de quem não

havia pregado o olho, abriu a janelinha da porta e disse: “Ah, é você?” Fechou a janela, abriu a porta e colocou a minha mala do lado de fora: “Eu te avisei que tudo mudou desde o nascimento da Alessandra. Não quero ter na minha casa uma filha malfalada pela vizinhança e dando maus exemplos para a própria filha. Ou age como eu quero ou não mora mais aqui.” E fechou a porta novamente.

Sentei-me na mureta ao lado da porta e fiquei olhando durante horas para a mala. Eu tinha duas opções: ir embora de vez deixando minha filha ou então bater de novo na porta e pedir perdão por ter me atrevido a um pouquinho de divertimento. Fiquei nesse dilema enquanto o céu escuro ia se tornando azul, depois lilás, depois vermelho... Com o dia claro, resolvi ir embora.

Minha filha já estava com quase um ano. Foi muito, muito difícil renunciar a ela. Mas naquela hora não encontrei outra saída. Eu estava vivendo uma situação falsa e não me considerava uma mulher sem futuro. Por que deveria renunciar à minha juventude e aos meus sonhos, que a essa altura eu nem sabia mais quais eram? Também achei que era melhor para Alessandra. Decidi ir atrás de mim mesma e assumir o egoísmo e o risco de ser uma mulher livre, sem saber ao certo o que era liberdade.

EM BUSCA DA LIBERDADE DESCONHECIDA

Peguei minha mala e, sem ter para onde ir nem amigos a quem procurar, fui para a rodoviária da cidade. São Paulo tinha uma rodoviária horrível, cheia de enfeites coloridos de plástico no teto, e foram esses enfeites que fiquei olhando por quatro noites, tentando dormir sentada nos bancos duros.

De manhã, eu pegava roupas limpas na mala, guardada no maleiro, pagava para tomar um banho e ia trabalhar. Depois do

trabalho, eu vagava. E depois de vagar, voltava ao banco duro para dormir sentada. Até que resolvi pedir um adiantamento na empresa e aluguei um quarto num pensionato para mulheres perto da avenida São João.

Fui promovida na Shell e me tornei responsável pela saída de gasolina do depósito. Ficava todo o dia, às vezes até a noite, em uma guarita, atendendo aos caminhões que vinham encher seus tanques enormes. As filas eram gigantescas e creio que conheci todos os motoristas de caminhão de combustível que havia na cidade. Apesar de cansativo, era divertido. Passei a freqüentar os jogos de futebol de salão dos funcionários, saía todas as sextas-feiras para o happy hour e no final de semana ficava no meu quartinho lendo meus livros, cada vez mais apaixonada por Machado de Assis e Jorge Amado.

Tentava não lembrar de minha casa e de minha filha para não sofrer. Sentia saudades do João, pensava em procurá-lo, mas logo desistia. Às vezes sentia saudades também dos meus tempos de Redondo e de faculdade.

Resolvi retomar a graduação, encontrei meus antigos colegas de curso e comecei a estudar muito para recuperar o tempo perdido. Mantive as saídas das sextas-feiras e a torcida do futebol de salão nas tardes de sábado, mas não alçava outros vãos. Apesar de ser muito paquerada, tinha medo de me envolver com alguém.

PLÍNIO MARCOS, O TODO-OUVIDOS

Num dia de filas homéricas de caminhões, saí muito tarde da Shell e perdi a aula. Estava cansada e sem nenhuma vontade de ir para casa. Resolvi voltar ao Redondo e rever velhos amigos.

Tanta coisa tinha acontecido na minha vida, e lá continuava tudo igual. O mesmo Rodrigo e os mesmos papos de mudança da sociedade. Como um perfeito babaca, ele se aproximou de minha mesa e disse que eu estava muito bonita. Eu ri na cara dele e disse: "A maternidade me fez uma mulher bonita." Ele ficou lívido e eu ri ainda mais. Adorei revelar assim, sem mais nem menos, meu grande segredo.

Plínio Marcos ia passando com seus livros mimeografados e parou para me cumprimentar. Convidei-o para uma cerveja e contei a ele toda a minha trajetória até então. Atento, interessado no ser humano, o grande dramaturgo me ouviu por horas. Foi muito bom, pela primeira vez, poder falar sem medos e culpas sobre tudo. Melhor ainda foi ouvir do Plínio que eu não era uma mulher sem futuro.

Passei a ir sempre ao Redondo para poder conversar com mais liberdade sobre a vida e as mudanças da época. Precisava de novos ventos e novos papos. Eu tinha fome de entender a complexidade de uma formação baseada em valores católicos, e por isso conversava muito. Queria fazer sexo e exercer minha sexualidade sem culpa. Queria abraçar, beijar, conhecer melhor o corpo masculino, seus desejos e suas fantasias. Queria ser uma mulher desejável, usar calcinhas e sutiãs vermelhos, sentir os homens em meu corpo, transar muito e nunca me faltar. Não queria casar nem viver junto com ninguém. Somente ver e sentir muitos homens me desejando. Por que eu não poderia viver como eles, que sempre estavam com mulheres diferentes? Por que nós, mulheres, tínhamos que nos contentar em ter um único homem ao longo de toda a vida? Eu queria ter a liberdade sexual deles e não sabia por onde começar.

SEGUNDO
MANDAMENTO: não
BEIJARÁS na BOCA.
BEIJO na BOCA é
AFETIVO, só o DARÁS a
quem QUISESERES.

HOLLYWOOD NA BOCA DO LUXO

Entre o bar Redondo e o luxuoso hotel Hilton havia uma boate de prostituição extremamente chique: La Licorne. Ela teve seu auge nos anos 70 e 80, quando reunia homens riquíssimos e as prostitutas mais bonitas do Brasil. A movimentação das mulheres começou a me chamar a atenção. Elas chegavam nos melhores carros, com vestidos longos muito sensuais, bem maquiadas e perfumadas, com a aura das divas do cinema de Hollywood. Entravam na boate e eu ficava imaginando o que acontecia lá dentro.

Eu estava me achando muito bonita pela primeira vez na vida. Tinha perdido o complexo de patinho feio e comecei a me imaginar

como elas, saindo de um carro, elegante e perfumada, dando tchauzinho para os meus amigos do Redondo e entrando maravilhosa na boate para atender meus homens.

Percebi que, se eu quisesse, poderia mudar radicalmente de vida.

Continuei indo ao Redondo, mas não para encontrar as pessoas. Ia lá para observar aquelas mulheres. Até que tomei coragem e resolvi dar uma volta na rua Major Sertório, onde havia muitas boates de prostituição.

Subi e descii a rua várias vezes e decidi entrar na boate Michel. Vestida de secretária paulistana com uma saia godê preta, blusa branca de bolinhas pretas e um blazer preto de veludo, atravessei a porta. Ninguém me deu a mínima. Meus olhos foram se acostumando com a escuridão aos poucos. A música era altíssima e havia várias mulheres em pequenos palcos redondos fazendo striptease. Nada daquilo era a minha cara. Detesto som alto e ambientes escuros. Percebi, no ato, que jamais conseguiria conviver naquele ambiente. Despercebida como entrei, saí.

Cheguei à rua triste por perceber que minha primeira incursão no mundo da prostituição tinha sido péssima. Entrei em um bar e comprei cigarros. Na porta, três homens logo puxaram assunto comigo, com a pergunta clássica: "Nova no pedaço?" Eles acharam que eu era uma prostituta da Boca do Luxo. Ótimo. Disse a eles que estava procurando um lugar para trabalhar e não tinha gostado da Michel.

O que eu jamais imaginaria é que um deles era marido de uma cafetina. O homem escreveu o endereço num papel e disse que se eu tivesse interesse era só ir encontrá-la no dia seguinte e ver se gostava do ambiente.

Eu estava prestes a abrir mão de um sem-número de coisas em minha vida. Coisas que, na verdade, já não me valiam muito.

Avenida Rio Branco, 623. Era um prédio inteiro dedicado à prostituição. Um mundo à parte que eu sequer imaginava existir. Eu me perguntei se os meus amigos do Redondo conheciam aquele prédio e comecei a rir sozinha: diante do que eu estava vendo, aqueles caras eram teóricos ingênuos.

Procurei dona Elsa no 5º andar. Disse que o marido dela tinha me indicado seu apartamento e que era a primeira vez que eu pensava em me prostituir. Ela disse, rindo: "Todas que chegam aqui dizem a mesma coisa, mas tudo bem. Toda noite você me paga uma diária fixa, independentemente do número de clientes que você fizer. Não trouxe toalha? Pegue uma no armário ali do lado e pode ir para a porta trabalhar."

PRIMEIRO CLIENTE, SEGUNDO CLIENTE, TERCEIRO...

Fui para a porta como dona Elsa falou. Fiquei um pouco assustada, mas não por muito tempo.

Meu primeiro cliente, um senhor meio calvo, se aproximou. Perguntou quanto era, eu respondi e ele disse: "Vamos!"

Entrei pela primeira vez num quarto onde as prostitutas transam com os clientes. Tinha uma cama de solteiro, um criado-mudo, um tapete pequeno, um lençol velho todo puído e um travesseiro. Fiquei sabendo depois que o tapete era muito importante, porque diziam que as pessoas não podiam transar e depois colocar os pés no chão frio: isso aumentaria os riscos de contrair doenças venéreas. Até hoje não compreendo o que uma coisa tem a ver com a outra. Só sei que encontrei o tapetinho no chão em São Paulo e em Belo Horizonte. No Rio, como a precariedade não permitia tal luxo, as meninas mais cuidadosas levavam o seu debaixo do braço quando iam para o quarto com alguém.

Sentei na cama e fiquei olhando para o homem sem saber o que fazer. Ele me perguntou se eu era nova na casa. Expliquei que era minha primeira vez na zona e ele, meu primeiro cliente. "Todas dizem a mesma coisa", disse ele, rindo e já começando a tirar a roupa. Eu continuava sentada sem saber o que fazer, e foi aí que ele constatou a minha total inexperiência. Só de cueca, sentou-se ao meu lado e me abraçou. Instintivamente, me afastei com nojo e comecei a chorar. Ele viu que, de fato, eu não estava mentindo. Vestiu a roupa me olhando, tirou um dinheiro do bolso e me deu: "Vá pra casa, aqui não é lugar pra você!"

Ouvi pela primeira vez uma frase que escutaria sempre e em todas as cidades em que trabalhei. Essa é uma das maiores fantasias dos homens que procuram prostitutas. Muito tempo depois, já mais escolada, eu respondia: "Estou aqui justamente pra você me mandar pra casa." Eles riam, diziam que eu era sacana e ficavam felizes por não estar corrompendo uma mulher direita.

Naquele dia fiquei profundamente comovida com aquele desconhecido que estava preocupado comigo, e até cheguei a pensar que, de fato, ali não era meu lugar. Ele me pagou o combinado e foi ficar com outra mulher. Quando vi os dois entrando no quarto, me recompus. Percebi que se continuasse sentada na cama olhando feito uma boba um homem se despir, eu não seria uma boa prostituta. Ora, estava ali para transar e tinha que transar. De mais a mais, eu não era nenhuma virgenzinha. Sequei as lágrimas e voltei à porta para aquela multidão de homens subindo e descendo escadas enquanto as mulheres diziam: "Vem cá, meu benzinho."

O segundo cliente foi mais fácil. Rapaz jovem, combinei preço e lá fui eu pelos corredores com ele atrás de mim. Já no quarto, fui tirando a roupa e fazendo ares de mulher com muita experiência. Chamei o rapaz para deitar ao meu lado, ele começou a me

acariciar. Reprimi o nojo inicial que sentia por estar com um desconhecido. Ele veio para cima de mim e gozou. Depois me pagou, mas disse que não tinha gostado, que eu era muito fria e sequer tinha gozado. Meu Deus, como é que eu iria gozar com um homem que nunca tinha visto mais gordo e de quem sequer sabia o nome? Era difícil ser puta, não bastava abrir as pernas e pronto, estava tudo resolvido. Longe disso. Havia mais e eu queria aprender. Só não sabia como, até porque ninguém tinha conversado comigo.

Lá pelo meio do dia, recebi o primeiro elogio de um cliente, que disse que eu era muito carinhosa, diferente das outras: eu beijava na boca. Me despedi dele com uma pulga atrás da orelha. Ora, se ninguém beijava na boca, por que eu estava fazendo tão grande sacrifício? Então algo estava errado e eu, definitivamente, teria muito que aprender.

É muito difícil que uma profissional ensine a outra os macetes da prostituição. Parte-se do princípio de que todo mundo sabe o que é e sabe fazer. De mais a mais, ensinar a outra significa perder clientes, e o mundo da prostituição é extremamente competitivo.

Em todo caso, naquele dia voltei para o pensionato na Amaral Gurgel, onde morava, com um bom dinheiro. Num único dia ganhei o que ganhava por mês no meu emprego na Shell. O que daria para bem mais do que o aluguel atrasado.

A BOCA DO LUXO E A BOCA DO LIXO

A zona de prostituição em São Paulo era dividida em dois lugares. A Boca do Luxo era o inverso da Boca do Lixo. Enquanto a primeira dormia durante o dia e brilhava de noite, a segunda era do dia e à noite fechava as portas. Por opção, nunca trabalhei na Boca

do Luxo, não gosto de boate, não gosto do som alto, da escuridão. Não para trabalhar. Eu gostava disso para as minhas horas vagas, para minha diversão. E as duas ficavam uma ao lado da outra, dava para ir a pé.

Era a época de ouro do Bixiga, com suas inúmeras casas de show, cheias de bons músicos. E até 1968 ainda tinha a Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas e Letras da USP e a Escola de Sociologia e Política, uma faculdade particular por onde muita gente boa passou. Ou seja, tudo acontecia por ali. E na madrugada de sexta-feira essa gente toda se encontrava na feijoada do Eduardo's. Era tanta gente que não dava para andar lá dentro. Incrível a São Paulo do final dos anos 60! Talvez a melhor época da boemia paulistana. Diante do que acontecia ali, a São Paulo de hoje é um saco.

MUNDO CÃO

Mas apesar de toda a disposição para trabalhar na prostituição, eu ainda enfrentava muitas contradições internas. Estava muito difícil encarar o significado da minha opção radical de vida. Ainda me sentia perdida, sem saber se continuava ou não. Me deparei com meus próprios preconceitos e estigmas. Apesar de estar ganhando dinheiro, me sentia suja e envergonhada pelo que estava fazendo.

O prédio também não ajudava em nada, contribuindo para reforçar meu estado de espírito. O número 623 da avenida Rio Branco era um espaço dedicado totalmente à marginalidade: havia garotas maltratadas pelos caminhos da vida, muitas drogas e cafetões, um bando de covardes que só sabia tirar dinheiro de mulher e se fingir de malandros.

O edifício tinha um segurança; aliás, um arremedo de segurança. Se alguma mulher o cumprimentasse nos corredores, ele dizia: "O que está olhando, sua vagabunda? Já disse que quando eu passar é pra abaixar a cabeça e não se atreva a me olhar. Detesto vagabundas!"

Ele servia para coibir homens que queriam dar calote ou mulheres que fizessem escândalo por ali. Ele batia nos caloteiros e tirava a roupa deles, deixando-os só de cueca. Fazia os infelizes saírem rua afora, dizendo que só devolveriam a roupa quando eles trouxessem o dinheiro. Sempre tive curiosidade de saber como os caras faziam para ir para casa sem roupa.

As cafetinas tinham como rotina fazer o famigerado "PP", pagamento à polícia. Mas às vezes a Rota, uma polícia especial de São Paulo, entrava no prédio com a prerrogativa de "caçar" bandidos. Parava aqueles operários que só tinham ido ao prédio para ter uma satisfação sexual e tirava todo o dinheiro deles, chamando-os de otários para baixo.

Os fregueses do prédio costumavam subir de elevador até o último andar, para depois descer as escadas escolhendo com quem iam transar. As prostitutas, por sua vez, agarravam os homens e praticamente os arrastavam para o quarto, sobretudo em dia de pouco movimento. Às vezes os homens brigavam com elas e chegavam até a bater, o que fazia surgir do nada aquele mesmo segurança para deixar o cara ensangüentado. Todo dia acontecia algum incidente desse tipo, e eu já estava ficando cansada de tudo e pensando que ia voltar para a minha vidinha de secretária, saindo daquele mundo cão.

Havia um senhor de terno e gravata que ia sempre ao prédio. Ele cumprimentava todas as garotas e parava para conversar com uma ou outra, sempre muito simpático. Parou para conversar comigo um dia e se apresentou como Português. Disse que era um antigo freqüentador que gostava muito das prostitutas. Queria saber o que uma mulher tão bonitinha e novinha como eu estava fazendo ali, naquele prédio sujo e mal freqüentado. Não dei muita atenção, mas ele continuou a falar e disse que poderia me indicar um prédio muito melhor, à altura da minha beleza. Agradei os elogios e a oferta e não dei maior importância, até porque não sabia se era um agente de cafetinas. Fiquei na dúvida: será que um homem nessa idade vive de prostituição? De qualquer forma, guardei a informação para o futuro.

UM GRANDE (E DOLOROSO) FAVOR

Um dia, cheguei ao prédio pela manhã e a fila de homens esperando o elevador era imensa, saindo para a rua. Passei por todos eles e fui para a porta do elevador, quando o porteiro chegou perto de mim e, sem falar nada, somente com gestos, me mostrou o fim da fila. Fiquei furiosa e disse a ele que se não fôssemos nós, mulheres, aquela fila de homens nem existiria e que, portanto, nenhuma prostituta deveria enfrentar a fila do elevador. Todos os homens da fila concordaram comigo, e o porteiro, sem dizer uma palavra novamente, me deu um tapa no rosto. Depois disse que eu estava sendo punida por ter respondido a ele e que, portanto, não subiria para trabalhar, mas deveria pagar a diária.

Aquele porteiro me fez um grande favor. Ele encerrou minha saga no número 623 da avenida Rio Branco. Fui até um bar na esquina com a rua Vitória, onde a malandragem se encontrava.

Resolvi esperar o tal Português, freqüentador do lugar, e aceitar que ele me apresentasse ao outro prédio de prostituição.

Não tinha grandes expectativas, mas não podia acreditar que a prostituição em São Paulo se resumia ao que eu tinha visto ali. Afinal, havia observado as mulheres do La Licorne.

TRABALHO IGUAL, ENDEREÇO DIFERENTE

Vi o Português caminhando com seu terno perfeito e destoante. Parecia uma figura saída de outro mundo. Saí correndo em seu calçado e disse que aceitava o convite para conhecer o outro prédio. Ele me olhou de alto a baixo e disse: "Então vamos lá."

Fui andando ao lado daquele homem, dono de uma elegância meio fora de moda, com cheiro de lavanda, que me lembrava meu velho avô Juquita. Andando, cortando caminho pelas ruas e pelos becos da Boca do Lixo, ele falava pouco e cumprimentava todo mundo. Passamos por cinemas de striptease, prostitutas e bares lotados de homens, até chegar ao número 134 da rua Barão de Limeira. Um prédio de entrada imponente com arquitetura da década de 20. Na porta, um senhor negro e simpático me foi apresentado como seu Antenor. Peguei o elevador com destino ao 3º andar e ao encontro de dona Cecília, a segunda cafetina de minha vida profissional.

Entrei em um apartamento espaçoso, tudo muito limpo e arrumado. O Português me apresentou a ela, uma negra bonita, no alto de seus 50 anos, muito elegante em um vestido de seda pura que não passaria despercebido por meus olhos acostumados a reconhecer bons tecidos.

Ela me convidou a sentar e o Português contou a ela onde tinha me conhecido. Cecília balançou a cabeça proferindo uma verdadeira epígrafe: "Os caminhos que uma menina sem experiência percorre

são infundáveis e às vezes sem volta.” Achei aquilo ritualístico demais e confesso que senti um certo temor. Mas logo ela abandonou a formalidade e continuou com o esperado trivial: “Muito bem, a diária é de 50 cruzeiros. Não gosto de mulheres mal-arrumadas e sem maquiagem. Na minha casa não entra nenhuma droga pesada. Bebida durante o trabalho é proibido e não gosto de ver minhas mulheres sentadas no bar da esquina depois do expediente. O programa mínimo é de 30 cruzeiros e você, dentro do quarto, pode negociar para mais, nunca para menos, pois acostuma mal os clientes.”

Aceitei todas as normas, vesti meu collant e, quando saí do banheiro, o Português disse que queria fazer um programa comigo e que eu não poderia recusar, já que ele me apresentara a Cecília. Além do mais, ele se considerava uma espécie de amuleto e disse que isso me daria sorte em meu novo local de trabalho.

Lá fui eu, pensando que teria que transar de graça, por cortesia. Encarei o Português e até que ele não era dos piores. Quis apenas uma trepadinha sem maiores segredos, tentando ser carinhoso e sedutor. O problema é que se achava o máximo, um conhecedor da sexualidade feminina, e dizia todo o tempo que eu era uma felizarda, que todas as mulheres da Boca do Lixo sonhavam em transar com ele. Mas que escolhia a dedo, e eu era a eleita do momento. Ouvi tudo educadamente, pensando que afinal o sujeito tinha me ajudado a sair daquele antro em que estava e que eu deveria tratá-lo bem em consideração por tudo.

No final, tirou dinheiro do bolso e me pagou. Quase não aceitei, mas pensei que tinha que me tornar uma profissional. O que Cecília diria se soubesse que meu primeiro programa em seu apartamento fora de graça?

TERCEIRO
MANDAMENTO: não
TERÁS CAFETÃO.
NÃO CAIRÁS NESTA
CILADA, SOB PENA DE
ACABARES NA SARJETA.

FORA DA LEI SEM SER

Apesar do nome, o cafetão não tem nada a ver com a chamada cafetina, que seria preferível chamar de empresária da prostituição. Ele não tem quase nenhuma função prática. Há muitas décadas o gigolô reinava como uma espécie de parasita, que se aproveitava da fragilidade, do medo, da solidão da mulher que trabalhava na noite para explorá-la. Em troca de “proteção”, muito entre aspas, elas sustentavam esses homens. Na verdade, a maior parte do dinheiro que ganhavam não era delas. Ficavam apenas com o suficiente para suas despesas.

O fato é que ainda hoje muitas vezes as prostitutas são seduzidas a ter um cafetão, sobretudo por causa do preconceito a que estão sujeitas. Muitas garotas passaram anos e mais anos trabalhando na prostituição e acabaram sem nada graças a eles.

A prostituta não está enquadrada no Código Penal Brasileiro. No entanto, é uma das atividades que mais sofrem preconceito e repressão policial. O que é considerado criminoso no Brasil é o explorador sexual, ou seja, o cafetão, dito protetor, ou a cafetina, a dona da casa. Se um grupo de prostitutas formar uma cooperativa, automaticamente ele será enquadrado no Código Penal, e elas passam a ser consideradas fora-da-lei. Mas em tese, quando a prostituta exerce o seu trabalho, nada se pode fazer contra ela. Em tese.

O Código Penal Brasileiro é muito antigo, de 1940 para cá não sofreu modificações substanciais e os artigos referentes à prostituição foram feitos para proteger a puta. No entanto, infelizmente, ele teve o efeito contrário ao desejado. A prostituta acabou no meio da total marginalidade porque aqueles que a cercam são considerados criminosos e, de alguma forma, transferem essa condição a ela. A cafetina, mesmo do mais baixo meretrício, gasta altas somas com corrupção, paga todas as suas despesas e ainda ganha muito dinheiro. Um dinheiro que a puta jamais verá.

DE PUTA A PROPRIEDADE

Eu mesma tive problemas com um cafetão, e foi justamente na época da Cecília e do prédio no número 134. Lá, havia dois apartamentos por andar, com mulheres nas portas, nos corredores e sentadas nos sofás. No primeiro dia, com meu collant preto e saltos

altos, fui para a porta, mal me encostei e um cliente se aproximou. Daquele momento em diante não parei mais. Às dez da noite, quando o prédio fechou – fechava religiosamente às dez por exigência da polícia –, eu tinha de novo um bom dinheiro na carteira. Estava com muita fome e meio zozna depois de tantos acontecimentos em um único dia.

Um dia, me surge à frente o Português todo sorridente, perguntando se tinha gostado da casa da Cecília. Em seguida, me convida para jantar, convite extensivo a Cecília. Sentou-se no sofá esperando a gente se arrumar e, antes de sair, muito sério, me perguntou onde eu estava guardando o dinheiro que ganhava. Peguei a carteira e mostrei a ele um monte de notas, toda orgulhosa de meu primeiro dia no 134. Cecília comentou que eu era promissora como mulher da vida, e assim, conversando e rindo, fomos para o Filé do Moraes, ali perto, na praça Julio Mesquita.

Eles contaram muitos casos sobre a vida na Boca do Lixo. E lá pelas tantas o Português me disse que era muito perigoso ficar andando por aquelas ruas com tanto dinheiro na carteira. Me aconselhou a deixar com ele para que guardasse em lugar seguro até eu ter dinheiro suficiente para abrir uma conta no banco, que naquele tempo exigia uma quantia mínima de primeiro depósito. Cecília observava sem falar nada e, ainda que inicialmente ressabiada, fui me convencendo de que era seguro. Entreguei meu dinheiro todo a ele, ficando somente com o do táxi para casa e para voltar no dia seguinte. Cecília somente olhava, muda.

Me despedi dos dois na porta do Moraes e fui dormir com sentimentos desencontrados, ainda incerta de ter agido da melhor maneira.

Já refeita do choque inicial de estar fazendo sexo com desconhecidos, fui me aperfeiçoando com meus clientes. Cecília

estava gostando de mim e me dava pequenos conselhos de como agir, sem se intrometer muito.

Uma vez ou outra o Português aparecia para fazer seus programinhas, sempre pagando e me convidando para jantar no Moraes ou então no Tabu, na rua Vitória. Invariavelmente, nos jantares, sacava uma caderneta onde anotava o que eu tinha ganhado até então, somava a quantia ganha no dia e colocava de novo no bolso do paletó.

Havia se passado quase um mês desde a minha chegada ao 134 e eu já não conseguia dormir direito pensando em por que tinha dado meu dinheiro para um desconhecido guardar. Resolvi que era a hora de acabar com aquilo.

Ele passou para me levar para jantar, e, quando chegamos no restaurante, puxei o assunto. Ele me olhou, deu uma gargalhada e me perguntou se eu acreditava mesmo, de verdade, que ele estava guardando o dinheiro para mim. Percebi depois dessas poucas palavras que tinha um gigolô e fazia de conta que não sabia. Dizer que eu não sabia é muita complacência comigo mesma: claro que sabia, ou pelo menos desconfiava, só que por uma mágica qualquer, ou quem sabe a sensação de segurança que um senhor bem vestido me passava, caí nesse conto-do-vigário. Talvez tenha sido o cheiro da lavanda Atkinsons.

Fiquei possessa e comecei a gritar dentro do restaurante. Ele não abriu a boca. Simplesmente tirou um revólver minúsculo do mesmo bolso do paletó, onde todos os dias guardava meu dinheiro, e colocou-o em cima da mesa. Os poucos freqüentadores, e até mesmo o garçom, fingiram que não viram.

Calmamente, me explicou que, ao procurá-lo para que me levasse ao 134, automaticamente eu me tornara puta de sua propriedade, e, portanto, o dinheiro que eu ganhava era dele, salvo por algumas pequenas despesas minhas. Deixou claro que todos os jantares, e inclusive as vezes em que entrou no quarto comigo,

quem estava pagando era eu mesma e que aquelas saídas eram apenas uma gentileza que não aconteceria mais. No dia seguinte, ele iria buscar o dinheiro no prédio, lá pelas nove da noite, e o que eu fizesse até as dez seria meu, para as porcarias das minhas despesas. Se eu não concordasse, que sumisse do prédio ou minha mãe choraria sobre meu túmulo.

Não fui para casa. Disfarcei e fiquei vendo meu algoz caminhar calmamente em direção à avenida São João. Quando ele estava bem longe, fui até o prédio em plena madrugada e comecei a berrar pela Cecília no meio da rua. Ela apareceu na sacada, desceu e me fez entrar. Me explicou tudo. Disse que não poderia ter me falado nada porque senão perderia seu apartamento. Explicou que o Português era um famoso gigolô da Boca do Lixo, que explorava mais ou menos umas dez mulheres, só naquele quadrilátero.

Fiquei acabada, pensando que só me restava ir embora e esquecer que um dia quisera ser prostituta. Faltava muito para isso. Não sei o que deu em Cecília. Ou ela tinha alguma simpatia por mim ou então estava chateada de perder uma inquilina. Me perguntou se eu estava a fim de continuar. Eu estava.

Sob a condição de guardar segredo sobre sua ajuda, ela ofereceu uma mãozinha para possibilitar minha permanência. Perguntou se eu era mulher o bastante para encarar o desafio, e eu disse a ela que sim.

Dormi no apartamento da Cecília e passei todo o dia seguinte no quarto, trancada, sem ser vista por ninguém, nem sequer pelas mulheres da casa. À noite, o Português apareceu para buscar meu dinheiro e Cecília disse que eu não tinha ido trabalhar. Ela voltará, ele comentou.

UMA SOLUÇÃO CHAMADA VELUDO

Tarde da noite apareceu no prédio um homem negro, com a elegância típica do malandro paulistano: camisa de seda e calça feita sob medida, sapato de pelica e uma imensa pulseira de ouro com uma palavra gravada: Veludo.

Policial civil, da delegacia de costumes, era amigo das cafetinas da Boca do Lixo e prestava favores aqui e acolá. Seu apelido era Veludo porque falava manso e era extremamente educado. Mas tinha feito fama de policial durão.

Portas trancadas, Cecília me chamou na sala e pediu para contar a ele toda a minha história com o Português, sem esquecer de nada. Veludo me ouvia atentamente. Quando terminei, me fez somente uma pergunta: “Você, como todas essas bobas, está apaixonada por ele?” Eu disse que não, de jeito nenhum. Muito pelo contrário, eu sentia era raiva do sujeito. Então, Veludo me disse que a partir daquele momento eu deveria começar a ser vista pelos restaurantes e arredores da Boca do Lixo em sua companhia.

Na rua Major Sertório, nos arredores do prédio, havia uma gafeira chamada Som de Cristal. Hoje em dia ela não existe mais, virou uma igreja. E segunda-feira era o dia em que todos, cafetões, prostitutas, policiais, malandros, passavam a madrugada dançando, porque o dia seguinte é a folga de terça — até hoje uma tradição no meio da prostituição. É claro que as zonas funcionam nesse dia, mas normalmente o movimento muito fraco. O domingo é da prostituição, porque durante o fim de semana não dá para parar e segunda-feira é o dia do homem casado. Terça-feira fica aquela coisinha e quarta já volta a semana.

Eu não era nenhuma assídua do Som de Cristal, mas já que fazia parte do plano, na segunda seguinte iríamos nós, eu e Veludo, fazer o nosso teatrinho. Veludo sabia que se o Português nos visse juntos certamente se afastaria de mim. Fazia parte do trato que, claro, eu pagasse os jantares e no final, quando o Português me deixasse em

paz, ele ficasse com a f3ria de um dia inteiro do meu trabalho. Era justo.

O pr3dio fechava 3s dez horas, e naquela semana todo dia Veludo passava e me levava para jantar no Moraes ou no Tabu. N3s fic3vamos l3 at3 tarde, tomando cerveja e tal. A Boca do Lixo funcionava como uma cidade do interior, onde tudo se comentava, tudo se passava adiante, e assim o Portugu3s rapidamente ficou sabendo que eu estava para cima e para baixo com o Veludo.

Eu voltei para a porta e por uns tr3s dias o Portugu3s n3o passou por l3. No quarto dia ele apareceu. Nem olhou para mim, foi direto 3 Cec3lia, pediu para falar com ela. Depois Cec3lia me disse que ele perguntou se eu estava de caso com Veludo. Ela respondeu que n3o se metia na vida das suas mulheres. O Portugu3s passou por mim e disse baixinho: "Sua alcag3ete. Voc3 sabe o que acontece com alcag3ete." Eu fiquei calada. Rindo muito por dentro e me sentindo vingada.

Andar com o Veludo n3o era nada mal. Ele n3o era vulgar, n3o andava com a arma aparecendo e me tratava muito bem. O engraçado 3 que eu nunca tive nada com o Veludo. At3 muito tempo depois, n3s nos encontr3vamos no Som de Cristal e danç3vamos juntos. Ficamos amigos, de certa forma.

Quando chegou a segunda-feira, n3s fomos ao baile, conforme o combinado. Alugamos uma mesa, tudo pago por mim, e ficamos por l3 tomando cerveja e danç3ndo, num clima de namorados. Num determinado momento da madrugada, o Portugu3s apareceu. Veludo chamou-o 3 nossa mesa, convidou-o para sentar e disse: "Eu sei que voc3 estava querendo que essa dona fosse sua propriedade. Mas agora voc3 n3o tem mais essa chance, porque ela est3 comigo." Veludo deixou bem claro que, se ele me importunasse, ia parar na cadeia. E ainda ordenou que, quando

passasse por mim nos corredores do 134, devia baixar os olhos. O Português dava umas risadinhas irônicas, e por fim disse: "Só isso que você queria dizer?" Veludo respondeu: "Só isso." O Português se levantou, olhou para Veludo e proferiu: "Faça bom proveito do dinheiro dela. Essa mulher ainda vai dar muita encrenca."

O teatro deu resultado. O Português nunca mais mexeu comigo, e olha que eu o via constantemente ali pelos prédios e bares. Ele sequer olhava para a minha cara. O máximo que ele fez foi falar para as pessoas dali que eu era alcagüete, que andava com polícia.

Um cara como o Português hoje é quase peça de museu, não se criaria mais na profissão dessa forma. Atualmente as mulheres trabalham com um pouco mais de liberdade.

O OCASO DOS GIGOLÔS

Tinha um cafetão famosíssimo nessa época chamado João Branco. Uma vez eu fui jantar no Tabu e lá estava ele sentado numa mesa do fundo. Era um canalha, especialista em cafetinar meninas muito juvenzinhas que ele trazia do interior de Minas. E ali no prédio do Art Palácio ele tinha uns quatro ou cinco apartamentos cheios de mocinhas que viviam quase em regime de escravidão. Na avenida São João, inclusive, só trabalhavam as mulheres do João Branco. Com o dinheiro da prostituição, ele se tornou um grande fazendeiro no interior de Minas. Lá da minha mesa, eu o observava no meio de outros homens, cheios de pulseiras de ouro, bebendo uísque... De repente, entrou a Polícia Federal e os prendeu. A prisão de João Branco significava o início do ocaso dos gigolôs.

Reza a lenda que os cafetões da antiga Zona do Mangue muitas vezes ficavam sentados em frente à porta da casa, com duas caixas de fósforos, uma em cada perna. Uma caixa cheia, outra vazia. A

cada homem que entrava na casa com a puta, ele passava um palito da cheia para a vazia. No final da jornada, contava os palitos da segunda caixa e determinava quanto a puta deveria pagar a ele. Nessa época não existia prostituta sem cafetão. Ele chegava mesmo a impor quantos programas uma mulher teria que fazer por noite.

O episódio do Português foi muito importante como aprendizado para que nunca mais na minha vida eu caísse nas mãos de um cafetão. E de fato essa foi a primeira e única vez.

quarto
MANDAMENTO: não
revelarás a FANTASIA
DO PRÓXIMO.

A FANTASIA DO TEU
CLIENTE é secreta
e sua IDENTIDADE
jamais poderá ser
VIOLADA.

FANTASIAS, UM ANTÍDOTO

Tem uns caras na zona que passam a ser conhecidos das mulheres por serem freqüentadores assíduos. Especialmente quando têm uma fantasia.

Havia um rapaz muito bonito cuja loucura era a mulher usar um salto bem alto e fino. A gente não costumava trabalhar de salto, pois era muito cansativo. Então, quando o rapaz chegava na portaria, as meninas iam avisando umas às outras e em cinco minutos havia um batalhão de mulheres de salto. Afinal, ele era muito educado e pagava bem. Não nos dava trabalho, pois nem transava. O ritual era o seguinte: ele entrava no quarto com a mulher de salto e pedia para ela andar de um lado para outro. Depois, ela devia colocar o pé sobre a barriga dele, e então começava a sabatina: "Onde você comprou esse sapato? Qual o tamanho do salto? É confortável?" E assim o rapaz gozava, feliz da vida. Era só isso. São os mistérios do desejo.

Eu tinha um cliente que chegava à zona sempre com uma bolsa a tiracolo. Ele entrava no quarto, abria a bolsa e tirava dela nada menos que uma camisola amarela. Ele a vestia e desfilava como uma ninfa, com o máximo que conseguia de languidez, embora tivesse uma barriga avantajada definindo sua silhueta. Então ele perguntava docemente: "Você me acha linda?" Profissionalismo em primeiro lugar, eu respondia: "Linda! Lindíssima", fazendo uma força incrível para não cair na gargalhada. "Qual a cor de batom que você acha que combina com a minha cútis?" "Rosa-claro." E depois de todos esses preâmbulos, ele transava dizendo em meu ouvido: "Você é muito sem-vergonha mesmo! Você adora transar com outra

mulher!” E eu tinha que concordar: “Ai, eu adoro”, senão meu cliente não gozava.

Normalmente esses homens são casados e passam a vida inteira com uma mulher que jamais conhece esse outro lado da sua personalidade. Muitas vezes perguntei a eles: “Você faz essas coisas com a sua mulher?” E me respondiam sempre: “Não, minha mulher é a mãe dos meus filhos. Eu respeito ela.” A relação entre um homem e uma mulher, principalmente as antigas, pode cair num poço de solidão. E o mundo das fantasias, que é imenso, pode ser um antídoto para o problema. Uma pena que os casais não compartilhem isso.

Existem colegas, isso já mais para a prostituição de alto nível, especialistas em certas fantasias. Sadomasoquismo é uma delas. Na Europa há cursos sobre o tema, porque é uma prática perigosa; se não for feita com perícia, pode até matar. É preciso ter cuidado. Há uma verdade incontestável: tem muita gente que gosta de apanhar, que só goza apanhando. Na baixa prostituição, que é a minha praia, é muito comum.

Devo confessar, esta sempre foi uma limitação profissional minha. Se tem uma coisa que não sei fazer é bater. Trauma de infância. Mesmo que me peça, mesmo de brincadeira, não sei. Sofro, não fico bem. Então, não faço.

A EXCLUSÃO DA DIFERENÇA

Uma vez eu estava na porta do apartamento de um prédio de prostituição quando desceu do elevador um homem negro, com graves defeitos físicos. Ele tinha os braços contorcidos, paralisados. Andava arrastando os pés bem devagar e falava com dificuldade.

Ele veio direto até onde eu estava e perguntou quanto era. Eu imediatamente disse um preço bem alto, muito maior do que o normal, para que ele não me quisesse. Ele aceitou. Entramos no quarto e eu estava com ódio, não queria fazer aquele programa. Sentia nojo e pensava em como sair dali quando me dei conta de que ele não conseguia tirar a roupa. Tentava de todas as formas e não conseguia. Fiquei parada olhando aquilo, até que, muito humildemente, ele me pediu ajuda, e nesse momento me deu um nó no peito. As lágrimas rolaram. Me toquei do meu enorme preconceito.

Tirei a roupa dele disfarçando o choro. Chorei por tanta coisa, chorei de raiva de mim mesma, de vergonha por ter cobrado tão caro e ainda estar com repulsa. Percebi que aquele sujeito era um homem com sentimentos. E me perguntei: “Meu Deus, que tipo de mulher sou eu?”

Transar com ele foi muito difícil. Ele não tinha coordenação motora, tinha dificuldade de ereção e não conseguia controlar o próprio peso quando subia sobre meu corpo. Mas se tornou uma pessoa muito importante para mim. Nunca teria vivido uma experiência assim se não fosse prostituta. Ele passou a ser meu cliente e sempre conversávamos muito. Contei a ele tudo o que tinha me passado pela cabeça da primeira vez e ele disse que havia percebido tudo.

Depois dele tive outros clientes com deficiência física. Cegos, homens com paralisia da cintura para baixo que não tinham ereção mas tinham desejo. Essas pessoas se tornam importantes para nós. Toda prostituta tem clientes assim. Nem todas percebem que esse é um privilégio da nossa profissão, que é uma das suas partes mais nobres, esse aprendizado da solidariedade, da quebra de preconceitos tão enraizados na sociedade, que cultua o belo e exclui a diferença.

UMA TREPADA CORRESPONDE A QUANTOS TIJOLOS?

Nesses anos de prostituição eu tive três grandes amigas: Helena, Vera e Lourdes. É muito difícil fazer uma amiga na zona. Especialmente porque as meninas estão sempre ligadas em ganhar o máximo de dinheiro e gastar o mínimo. Ou seja, elas praticamente não se divertem.

Toda prostituta tem como objetivo maior comprar uma casa, de preferência longe do trabalho, normalmente no subúrbio. E tem que ser uma casa grande. Ela passa anos contando os tijolos para construir essa casa. E cada homem representa uma quantidade de tijolos. É quase um tique da profissão.

Eu tinha uma colega, a Marilene, que passou anos fixada nessa história. Ela ia para as reuniões da nossa ONG e, num determinado momento, dizia: "Ai, tenho que ir trabalhar porque preciso comprar cimento." Pois bem, ela conseguiu terminar a casa, linda, grande, para os lados de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Muito bem. De repente ela começou a ficar muito insatisfeita com a casa. Porque descobriu que lá tinha milícia, era perigoso para os filhos etc. Mas isso ela só percebeu depois que a casa estava pronta. Não teve dúvida: vendeu a casa e comprou um terreno em Maricá. Não é que a Marilene começou tudo outra vez? Quando a encontro, está sempre preocupadíssima em comprar tijolo e cimento.

A ZONA COMO LAR

Sem nenhuma disposição para montar apartamento, eu morava num pensionato na rua Albuquerque Lins. Nada que me fixasse muito me interessava. Saía de manhã, ia para a Boca do Lixo e depois jantava num restaurante em frente ao meu pensionato,

chamado Feijão com Arroz. Até que cansei do pensionato. A dona era mal-educada, e aquilo bastava.

Em São Paulo, a gente pagava uma diária nos prédios. Mesmo que não vá trabalhar, você tem que pagar pela sua vaga. Como os motoristas de táxi, que já saem de casa devendo. Se você estiver doente, menstruada, seja o que for, não importa, tem que pagar, indo ou não. Então, me dei conta de que não precisava gastar dinheiro duas vezes. A norma da delegacia de polícia obrigava todos os prédios de prostituição a fechar às dez da noite e só abrir às oito da manhã. Então, por que não morar lá? Eu não pagaria a mais por isso.

A Cecília, como toda cafetina que se preze, era muito séria e organizada. Escolhia a dedo as propostas de moças que queriam morar lá, afinal não tinha lugar para todo mundo. Corria o risco de a zona virar uma zona. E não por ser minha amiga, mas porque eu dava muito lucro, ela aceitou minha proposta.

Por mais estranho que possa parecer, a vida ali era calma, bem pacata. Eu acordava de manhã e lia meu jornal. De noite ia jantar no Moraes ou no Tabu. A coisa que eu mais gostava de fazer era ficar sentada nos restaurantes, pensando, paquerando, tomando minha cerveja. Lia muito e pensava nas histórias que eu mesma estava vivendo; eu era meu próprio cineminha. Me sentia bem, muito livre. Era bom viver.

Esses momentos compensavam a rotina barra-pesada do trabalho, o entra-e-sai, as bolinhas, a coca-cola aos litros, a polícia, que toda hora aparecia para pegar dinheiro. Quando dava dez horas da noite e o movimento acabava, vinha aquele silêncio, ficavam apenas as poucas mulheres que moravam no prédio. Eu sentava no largo do Arouche ou no Redondo e pensava muito em tudo o que estava acontecendo desde que minha mãe havia me mandado embora.

Uma ou outra vez eu faltava o trabalho e ia na casa da minha mãe tentar ver minha filha. Mas eles formavam uma verdadeira barreira para me impedir de vê-la, e com o tempo eu fui entregando os pontos.

Adorava ir ao Mappin. Aquela loja grande com letreiros verdes era parte do cenário do centro de São Paulo. Trazida para o Brasil pelos ingleses em 1913, bem perto do Theatro Municipal, o Mappin tinha um café muito agradável onde as mulheres gostavam de ficar antes ou depois de comprar um sapato. Eu comprava pelo menos uma roupa por semana em nome dos bailes do Som de Cristal.

NA MIRA DA DITADURA

Eram tempos de ditadura, década de 70. E nessa época a polícia instituiu um toque de recolher na Boca do Lixo: as prostitutas não poderiam ficar na rua depois das dez da noite. Ou as meninas deixavam o prédio correndo na direção do ponto de ônibus antes desse horário ou saíam depois e se arriscavam a ser presas e tomar uma surra dentro do camburão, estivessem ou não fazendo programa. Aliás, qualquer mulher, se estivesse naquela região depois do toque de recolher, seria considerada prostituta e iria presa. Não podíamos sequer sentar num restaurante para jantar. Tínhamos que fugir e nos esconder como criminosas sob o risco de cair nas garras dos policiais.

Durante o dia a situação também estava muito complicada. Os policiais entravam nos prédios, exigiam documentos dos clientes e baixavam a porrada sem nenhum motivo. Isso gerou uma crise. Que homem entraria num prédio de prostituição com dois carros de polícia parados na portaria? A situação foi se agravando, todo dia eles enchiam um camburão de gente. Tiravam o dinheiro das mulheres e das travestis e depois batiam muito nelas. As meninas

entravam no camburão e quando apareciam de volta estavam em estado lastimável.

Eu, de minha parte, combinei com o porteiro de ele comprar comida para mim e não punha os pés para fora. Nós só podíamos sair durante o dia, e mesmo assim havia o risco de na volta encontrarmos um carro de polícia na porta do prédio e se formar uma situação.

Numa dessas, sumiram duas meninas. Elas entraram no camburão e depois disso não foram mais vistas. Uma delas estava grávida. Eu tinha certeza de que a gente devia fazer alguma coisa, que a sociedade paulistana tinha que saber o que estava se passando ali. Mas por causa de sua baixíssima auto-estima, as prostitutas achavam aquilo razoavelmente normal. Fazer o quê? Nós somos prostitutas mesmo.

Decidimos fazer uma manifestação na praça da Sé. Nos organizamos por áreas, cada um ficou responsável por avisar uma turma. Demos aos malandros, que ficavam o dia inteiro coçando o saco na esquina, a missão de ir na *Folha de S.Paulo*, que ficava na mesma rua do nosso prédio, e avisar aos jornalistas. Coube a mim escrever um folheto, explicando que duas colegas nossas estavam desaparecidas há duas semanas depois de terem sido colocadas num camburão da polícia. Fizemos uma vaquinha e convencemos as cafetinas a colocar algum dinheiro nisso, afinal era interesse delas também. Então, fizemos milhares de cópias em mimeógrafo e distribuimos maciçamente.

A adesão foi imediata. Estavam todos sofrendo muito com tudo aquilo, e é nessas horas que as pessoas conseguem se mexer, nunca antes, só depois da porrada. O boca a boca correu rápido. Donos de bares, garçons, cafetinas, malandros, travestis... a Boca do Lixo e a Boca do Luxo se juntaram em nome das prostitutas.

Chegou o grande dia. É claro que a polícia já estava sabendo de tudo. Mas a manifestação foi um sucesso, os jornais todos compareceram numa brilhante atuação dos nossos assessores de imprensa improvisados. Centenas e centenas de pessoas na praça da Sé. Foi um susto na cidade. E a repressão foi ainda mais braba, a polícia imediatamente mandou fechar os prédios. Mas a imprensa e os artistas, que, apesar da vizinhança, nunca haviam se aproximado, se tornaram nossos maiores aliados.

A Ruth Escobar foi pessoalmente ao prédio fechado pela polícia nos oferecer o seu teatro, que levava o nome dela, no Bixiga, para uma plenária com a presença da imprensa. A nós cabia levar o máximo possível de vítimas para dar depoimento ao público. E isso, ao menos, era fácil. Na hora do sofrimento, magicamente as pessoas abrem mão do estigma e falam.

A manifestação por um lado havia sido um sucesso, pois agora todo mundo estava sabendo do nosso problema. Mas por outro o arrocho aumentava e precisávamos de outra ação para pôr em prática. Aceitamos imediatamente a idéia da plenária. Foi um momento incrível. Todo tipo de gente reunido contra a repressão. De novo, a repercussão foi imediata. Os policiais negavam, apesar das testemunhas e de as meninas não terem reaparecido. No entanto, um delegado foi afastado e a vida voltou ao normal na Boca do Lixo.

Muitos anos depois, todo mundo via esse ex-delegado bebendo uísque até ficar muito bêbado num bar exatamente no ponto das travestis. Houve uma madrugada em que elas se juntaram e deram uma surra nele. Deixaram-no jogado no meio-fio e desde então nunca mais se ouviu falar nesse homem. Assim a vida voltou ao normal, no que tinha de bom e de ruim. As prostitutas voltaram a se recolher, fecharam a boca e fizeram silêncio.

Afirmavam mais uma vez que prostituta não tem que falar nada, afinal é prostituta. Foi assim para todas, menos para mim. Para mim foi diferente.

Como no caso do meu parente pedófilo, tive certeza de que falar era importantíssimo. Era mais uma confirmação do caminho que eu devia seguir. Oito anos depois, nós realizaríamos no Rio de Janeiro o Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas. Apesar de tantos anos passados, o tema permaneceria o mesmo: a violência.

QUINTO e mais
IMPORTANTE
DE TODOS OS
MANDAMENTOS: não
te apaixonarás PELO
TEU CLIENTE.

O PRÍNCIPE VIROU SAPO

Havia um certo mulato que fazia jóias sob encomenda para as meninas. Ouro era a preferência de todas elas e a especialidade dele. O jovem ourives, sempre muito elegante, era irmão de uma cafetina, Leontina, de outro prédio das redondezas. Mas disso, naquela época, eu não sabia.

Ele fazia muito dinheiro atendendo à vaidade das mulheres dali. Era muito simpático com suas clientes e até dava umas boas namoradas com elas. Rapaz de Casa Verde Alta, um bairro de classe média negra de São Paulo, ele tinha o tal orgulho negro. Estava ascendendo na hierarquia social por meio de seu talento com a ourivesaria, e era realmente bom. Funcionário da H. Stern, mantinha em casa uma pequena oficina onde criava jóias sob encomenda, que as prostitutas pagavam em suaves prestações mensais. Acabava por ser um freqüentador da zona, tendo sempre algum dinheiro para receber por ali.

Eu preferia o Karmann Ghia, mas a Brasília era a sensação do momento e o ourives tinha uma, toda equipada e amarela. Era uma gema com quatro rodas. De magnésio. E o rapaz passava o fim de semana alisando-a como a um bebê e de noite desfilava com ela, arrasando corações.

A princípio ele não me atraía. Me paquerava e eu não dava a mínima. Era apenas uma boa companhia. Tomávamos cerveja juntos e ele era bom parceiro no programa que eu mais adorava: ir pro samba. Ele era Mocidade Alegre e eu sempre fui Camisa Verde e Branco, herança do meu convívio com o João, que era compositor da escola. Com o tempo fui me encantando e começamos a namorar. Tinha um lado calmo na vida daquele trabalhador

honesto, que levava a mãe para o samba, que me fazia bem. Talvez porque calma não fosse coisa que eu tivesse na vida.

Por mais que eu gostasse de estar com ele durante uma época, sempre soube que tínhamos pouco a ver. Uma mulher, para casar com aquele homem, tinha que estar disposta a levar uma vidinha de esposa, morar com a sogra, enquanto ele apreciava seu esporte predileto: comer todo mundo. Foi o tipo mais tradicional que eu namorei na vida.

Eu sentia ciúmes dele, mas nunca me apaixonei de verdade. Eu já tinha passado por uma situação difícilíssima com a gravidez da Alessandra e tomara duas decisões sérias na minha vida de mulher. Uma era não casar. Outra, não ter mais filhos.

De vez em quando íamos para uma casa de praia em São Vicente passar uns dias descansando e namorando, e numa dessas aconteceu. Fiquei grávida. Minha primeira reação foi ir direto para uma clínica de aborto, mas não sei por que carga-d'água não passei da porta, desisti. Não era preconceito, mas talvez o efeito da educação católica fosse profundo demais para eu segurar aquela onda sozinha. Ingenuamente, subestimei a importância de levar uma amiga que pudesse me dar apoio moral.

Querendo ou não, eu já havia me tornado uma autoridade em esconder barriga. E pensando no que fazer, levei meses para contar a ele o que estava acontecendo. Quando contei, o ourives perdeu todo o verniz. Transformou-se em sapo – na verdade, no fundo, eu nunca acreditei totalmente que aquele sapo fosse príncipe. E o sapo mandou a frase célebre: “Que filho meu, o quê! Filho de puta não tem cara.” Ledo engano. A criança nasceu com a cara dele, até o furo no queixo que lhe é característico ela tinha. Mas isso ele só veio a saber bem depois, pois sumiu do prédio 134. Colocou um mensageiro para pegar seus pagamentos e desapareceu com medo de ter problemas com as meninas por minha causa.

UM PRESENTE FELIZ

Eu passei a trabalhar bem pouco. A Cecília me liberou do pagamento da diária. Ela era durona, mas na hora H sempre segurava a minha barra. Entre um ou outro programa e muito tricô, levei minha segunda gravidez bastante tranqüila, muito bem cuidada pelas meninas.

Depois da manifestação, fiquei muito popular. E eu sentia que todo mundo ficava preocupado comigo, ao contrário de mim mesma. Preferia ficar ali feliz com o momento presente a esquentar a cabeça, tentando acertar o futuro incerto. A Helena me dizia que quando o bebê nascesse eu devia ir morar com ela em Barra Mansa e trabalhar por lá, ter uma casinha branca de varanda no interior, perto da minha amiga... É. Era uma possibilidade, mas nada que eu levasse realmente a sério.

Até que a bolsa estourou. Foi um rebu na zona. Um alvoroço, uma mistura de alegria e desespero, o bebê prestes a nascer lá, para delírio de todos os presentes. Não nasceu. Fui levada às pressas para a Santa Casa de Misericórdia, depois de uma rápida disputa dos taxistas. Era uma festa. Naquela noite bebeu-se muito no bar da esquina em homenagem ao nascimento do meu bebê. Era um pouco filho da malandragem e das putas todas. Todo mundo tinha convivido e cuidado tanto daquela gravidez que ninguém passou ileso pelo grande momento.

Se depender de alegria para a minha filha ter sorte na vida, ela está feita. O parto foi normal, eu me mostrei uma parideira exemplar. Diferentemente da minha primeira filha, a segunda nasceu praticamente rica, de tanta roupa, presente, brinquedo, enfim.

CARINHO EM DOSE TRIPLA

Quando tive alta do hospital, a Cecília estava lá para me buscar, e eu cheguei sob nova festa no 134. Mas um bebê na zona não poderia dar certo. Foi aí que entrou em cena a Ana Maria, pessoa de quem eu gosto muito até hoje. Ela era manicure das meninas, muito querida, boa companheira. E era casada com outra mulher, uma gay assumidíssima. Como a maioria dos casais de mulheres, elas sentiam aquela melancolia de não ter filhos. Então, Ana me fez uma proposta. Eu devia ir para a casa dela nesse mesmo dia, ficaria por lá todo o tempo do resguardo, e a mulher dela, Terezinha, me ajudaria a cuidar do bebê. Depois eu voltaria a trabalhar.

E eu aceitei. Fui para a periferia de São Paulo, em Brasilândia. Passei dias maravilhosos com minhas duas amigas. Madrugadas inteiras conversando. Na época, filho de mãe solteira era palavrão, e eu ainda tinha esperança de que o ilustre senhor ourives se desse conta de que era o pai daquela criança. Mesmo sem registro no cartório, nós três escolhemos juntas o nome do bebê: Cristina.

Um dia, entre uma unha e outra, a Ana encontrou o ourives no prédio. Puxou num canto e disse: "Sua filha é linda." Ele ficou uma fera, rejeitou, disse que não tinha filha nenhuma. E se ele ficou uma fera, eu fiquei duas. Onde já se viu! Decidi que, assim que terminasse meu resguardo, iria ao cartório registrar minha filha sozinha mesmo. Não precisava dele para nada, tudo estava transcorrendo na mais perfeita ordem.

Mas, para meu espanto, um dia a famosa Brasília amarela pára na porta da casa das meninas. Era ele. Eu nem dei as caras. Como a casa era espaçosa, típica da periferia de São Paulo, fiquei na sala enquanto ele foi no quarto ver a menina. E aí foi a grande cena: o ourives chorou. De joelhos diante da menina, ele chorou. Não era para menos, ela era linda. Embora a cara do pai.

Ele se tornou assíduo. Levava presente, deixava dinheiro "para as necessidades" e eu aceitava, por ela. O pai tinha mais era que ajudar mesmo. A minha forma de resolver esse assunto entre nós

era não falar com ele, não dava nem boa-noite. Até porque eu estava em estado de graça, nem um pouco interessada em brigar.

Quando acabou o período do resguardo, voltei para a zona. A minha filha ficou morando com a Terezinha e a Ana, e aquilo era um alento para mim. As duas adoravam a menina, a tratavam com tanto amor e carinho que eu não tinha a menor preocupação. Duas vezes por semana eu passava no supermercado, me munia de dezenas de potinhos Nestlé e atravessava São Paulo inteira de ônibus até Brasilândia.

Saía do centro às dez e meia da noite, e meia-noite e meia eu estava chegando na casa das meninas. Passávamos a madrugada inteira conversando, elas me contavam as histórias da menina, as visitas do ourives e tudo o mais. No dia seguinte, eu voltava para a zona.

sexto mandamento:
não sairás da zona
para morar com o
cliente,
sob pena de na
primeira briga
ele jogar na tua
cara: "FUI eu que te
tirei da vida!" E tu
voltarás para a zona
com o rabinho entre
as pernas.

UM ABSURDO TENTADOR

Das duas gravidezes eu saí muito magrinha, muito bonita. Um dia o ourives passou por mim e me chamou para jantar. Foi muito simpático, magicamente simpático, e agradável. Disse que estava muito encantado com a menina etc. Até hoje ela é o xodó dele. Apesar da mulherada que ele tinha, ela era a primeira filha, paixão e mimo para toda a vida. Até demais.

O ourives se confessou admirado com minha força de ter levado a gravidez tão bem e me fez uma proposta impressionante. Era muito simples. O primeiro passo era ir morar com ele. E com a mãe dele, evidente, que o cara jamais a largava. Uma vez aceita essa

proposta, bastava que eu deixasse a zona para todo o sempre. Uma vez deixando a zona, bastava esquecer definitivamente meu passado, passando uma borracha na mancha que havia em minha vida. E nunca, nunca mais falaria sobre isso com quem quer que fosse. Assim eu ganharia o prêmio de me tornar imediatamente uma mulher de respeito, a mãe da filha dele.

Sim, era um absurdo. Acontece que toda pessoa sonha em ter alguém. Ter alguém, uma vida junto, uma família feliz. Ainda por cima, ele me acenava com uma real possibilidade de, uma vez mudando de vida, ter o perdão da minha mãe e a minha primeira filha de volta.

Passei a sonhar com tudo isso e aceitei. Aceitei feliz como uma Cinderela. Toda mulher tem um dia de Cinderela. É difícil fugir da nossa cultura o tempo todo. E então comecei a empacotar minhas coisas, uma miríade de livros e quinquilharias que haviam se acumulado no meu quartinho. Liguei para minha irmã, pedi que ela contasse para minha mãe. E sonhei, sonhei, sonhei. Como a mais pobre mortal, acreditei que era a mulher mais feliz do mundo. Passei a freqüentar os almoços na casa da mãe dele. A freqüentar, não, a enfrentar os almoços na casa da mãe dele. Porque ela não gostava da Cinderela que o filho tinha arrumado. Passeávamos juntos, íamos ao samba, ao restaurante, reconstruindo um namoro que tinha sido interrompido quando ele soube da gravidez. Era uma maneira de ir me revendo. Eu estava impregnada da zona, da boemia, e precisava me preparar porque minha vida ia, de novo, mudar radicalmente.

CINDERELA ESPATIFADA

Uma noite eu o chamei para ir comigo até Brasilândia ver a menina. Era sexta-feira, e ele, umbandista ferrenho, daqueles que

usam guia e tudo o mais, disse que precisava ir pro centro espírita. Além do mais, ele tinha defumado o carro e não queria que ninguém entrasse nele. Defumar o carro fazia parte da vida dele, era um ritual, para tirar a inveja e a cobiça que certamente botavam em cima daquela Brasília amarela sensacional. Muito bem, nos despedimos, cada um para seu lado.

Aquela noite estava garoando. Como na vida da personagem Ana Terra, de Erico Verissimo, em que sempre ventava o minuano quando algo acontecia, na minha vida garoava sempre que alguma coisa importante surgia. Ou talvez não, naquela época ainda garoava muito em São Paulo, eu é que estou aqui tentando fazer literatura. Mas que garoava, garoava. Uma espessa névoa se estendia entre o prédio onde trabalhava a cafetina irmã do ourives e o ponto do ônibus para Brasilândia. Se a Brasília não fosse amarela gema de ovo, eu não a veria. Ela era única e jamais passava despercebida. Ali estava o ourives e sua Brasília amarela. E ali não era o centro espírita.

Eu fiquei olhando, aquele frio, aquela garoa, as sacolas de potinho Nestlé na mão, e resolvi atravessar a rua para verificar devagarinho a placa, as rodas de magnésio e me certificar de que aquele safado que acabara de me pedir em casamento estava mesmo mentindo para mim.

Voltei para o ponto do ônibus. Deixei passar um, deixei passar outro, e nada do ourives. Mas aquela eu estava pagando para ver; se fosse preciso, eu amanheceria ali, mas eu ia ver. Não deu outra. Ele saiu abraçado, bem abraçado, agarradinho mesmo com uma mulata bonita, conhecida minha. O *gentleman* até abriu a porta para ela. Foi para o lado do motorista, entrou e ligou o motor. Eu prestava atenção em todos os detalhes. Pois ele fez o retorno, passou na minha frente e não percebeu a minha presença. Essa foi a última vez que eu vi o ourives e sua Brasília amarela em toda a minha vida.

Apanhei o ônibus, e nesse dia a lonjura da Brasilândia me foi de uma utilidade sem par. Pude chorar tudo o que eu tinha para chorar. Depois disso, tive oportunidade de refletir bastante. Quando cheguei ao meu destino, já tinha um plano.

Barra Mansa era pequena demais e eu não me via morando numa cidadezinha do interior. Sair de São Paulo era líquido e certo. Pelo menos por um tempo. O Rio sempre fora um sonho, mas era um passo maior que a perna. Belo Horizonte era perfeita. As meninas, e principalmente a Helena, falavam muito de lá, que se ganhava bem, tinha muito trabalho, e era uma cidade bacana. Um pouco mais longe de São Paulo que o Rio, porém mais perto para meu estado de espírito; eu preferia um desafio menor para começar. As meninas ficariam com meu bebê. Elas poderiam me localizar quando quisessem, mas deveriam guardar segredo do meu endereço. Eu mandaria dinheiro regularmente para ajudar nas despesas das três e as visitaria pelo menos uma vez por mês. Era isso.

No dia seguinte de manhã eu fiz a minha mala, deixei algumas coisas com a brava Cecília e, quando desceu a noite, parti de ônibus para Belo Horizonte. Chorei um rio da rodoviária de São Paulo até a de BH. Chorei a minha vida inteira e sabia que ali, me embrenhando pelas montanhas de Minas Gerais, eu me modificava para sempre.

SÉTIMO
MANDAMENTO:
TERÁS ÉTICA.
NUNCA MISTURARÁS
DIVERSÃO E TRABALHO,
MAS DEVERÁS
DESFUTUR DAS DUAS
COISAS.

NOS PASSOS DE HILDA FURACÃO

Deixar São Paulo foi como cortar um cordão umbilical. E não foi muito difícil porque o sul de Minas é muito parecido com São Paulo, tem uma cultura similar, o sotaque é igual. Então, Minas não deixava de ser uma extensão de São Paulo.

Mas também não deixava de ser uma situação nova. E essa viagem para mim era uma ida ao desconhecido, atravessando aquelas montanhas que são o próprio símbolo de Minas Gerais. A travessia sempre me deixa inebriada com seus milhares de curvas.

A rodoviária em que aportei na década de 80 é a mesma até hoje. Cheguei com o dia ainda escuro e só depois de estar lá me dei conta de que eu não sabia para onde ir. Havia esquecido de

perguntar às minhas colegas. Ir embora talvez fosse mais importante do que chegar. Tudo que eu sabia era o nome da zona em Belo Horizonte, a Zona Boêmia, um nome perfeito para o lugar.

Lá teria vivido a famosa Hilda Furacão. Digo teria vivido porque há quem diga que ela nunca existiu. Pelo sim e pelo não, reza a lenda que Hilda fez parte da época áurea da Zona Boêmia. E a imagem dela é tão forte que existe firmemente na cabeça das pessoas que a freqüentam e trabalham por lá. Hilda Furacão e a travesti Cintura Fina serão para sempre os grandes símbolos da Zona Boêmia.

Meu primeiro estranhamento foi no café-da-manhã da rodoviária. Em Belo Horizonte não se come pão com manteiga no café-da-manhã, mas um pão de queijo enorme e maravilhoso e um biscoito de polvilho frito, também muito grande. O café é fraquinho, o famoso café mineiro. Perguntei ao balconista da lanchonete onde ficava a zona. Ele veio com a velha pergunta que eu ouço até hoje, nos meus quase 60 anos, e que ouvi pelo menos três vezes por semana durante toda a minha vida profissional: "Mas o que uma moça tão distinta como você vai fazer na zona?" Como eu já estava escolada, não titubeei: "Trabalhar." Quando me tornei uma ativista, as pessoas me diziam: "Mas você não é uma prostituta normal, você fez faculdade de filosofia, você é branca..." Eu me habituei com isso e me acostumei a responder rápido ao preconceito.

A prostituição em Belo Horizonte é uma loucura, não tem nada que se compare no Brasil inteiro. Lá eu bati meu recorde. Quando a puta de São Paulo ou do Rio precisa levantar um dinheiro a mais, ela vai para Belo Horizonte, onde não falta vaga. A quantidade de homens é imensa.

Naquela época, como hoje, a zona era constituída por apenas duas ruas, a Guaicurus e a avenida São Paulo. Onde um dia estiveram o Cabaré da Olímpia, o Montanhês Dancing e o

Chantecler, grandes casas freqüentadas por nomes como JK e Noel Rosa, ficava um imenso corredor de lojas de materiais de construção. Discretíssimo. Tão discreto que eu achei que tinha me enganado. Não tinha nada de prostituição ali, nenhum vestígio. Porta após porta era só cimento, tijolo, canos etc. Mas quando levantei um pouquinho os olhos, me deparei com um segundo cenário. Eram dezenas de letreiros luminosos de hotel plantados nos sobrados em cima das lojinhas de cimento. Muitos, seguidos. Como se tivessem partido a rua em duas, uma do meio para baixo, outra do meio para cima. Então resolvi escolher um daqueles nomes nos luminosos. Hotel Maravilhoso, hotel Caliente, hotel Brilhante...

A CAPITAL DO PAPAÍ-E-MAMÃE

Tinha um letreiro em vermelho, apagado mas vermelho, hotel Lírio. Gostei do nome. Àquela altura minha tristeza já tinha acabado. Eu era pura adrenalina. Subi as escadas e comecei a sentir um cheiro de tempero de feijão... feijãozinho mineiro. Fui entrando, passando por dezenas de portas, e lá no fundo tinha uma aberta. Era uma cozinha. Uma senhora bem velhinha fazia não só o feijão, mas um típico almoço mineiro. Lá estava a dona Ruth, proprietária do hotel Lírio.

Começava a cozinhar cedo o almoço das meninas que trabalhavam na casa. Elas pagavam, claro, mas era uma comida sem igual. Nunca comi tão bem na vida. E dona Ruth, uma cafetina totalmente diferente das de São Paulo, fazia almoço e jantar, honrando a tradicional comilança mineira. Em Minas, até a cafetina é cozinheira. Eu disse: "Bom dia." Ela me respondeu: "Tá vindo de onde, Rio ou São Paulo?" Era danada, a velha. Eu levei um susto e falei: "São Paulo", como quem foi pega. "Tá querendo um quarto

para trabalhar, né?” Aí foi aquela coisa toda: a diária é tanto, temos almoço mas é pago separado da diária etc. etc. etc. A diária era altíssima, mas me permitia morar ali, além de trabalhar.

Ela me mostrou um quarto grande, com uma cama de casal. O grande problema do Lírio era que lá o banheiro era fora do quarto e coletivo. No quarto tinha apenas uma pia e uma bacia. Se alguém quisesse se lavar, tinha que ser na base do chué-chué. Mas era tudo limpíssimo, Minas é assim. Lençóis impecáveis, móveis, pia, chão, tudo nos conformes. Só não tinha banheiro individual.

Assim passei vários meses na Ruth e ela gostava de mim. Sempre tive sorte com cafetina, não peguei mau-caráter, e quando a cafetina não é mau-caráter, geralmente ela trata as meninas com respeito. É só você não entrar de sola, não fazer baderna, levar as coisas numa boa. E eu sempre fui muito na minha, o meu máximo foi a cena do elevador, quando eu estava na onda de tomar bolinha. Cafetina não suporta mulher que dá problema, e no meio da prostituição isso não é raro.

Em Belo Horizonte, numa semana de trabalho, a mulher ganha o equivalente a um mês em São Paulo. Mesmo pagando uma diária alta. Se a prostituta estiver com disposição para a alta produtividade, ela faz, num dia, cinqüenta, sessenta programas. Enquanto em São Paulo faz cinco e, na antiga Vila Mimosa, dez, no máximo.

Quando vai chegando a hora da saída do trabalho, os hotéis vão se enchendo de uma maneira que você não consegue andar. Lá a mulher tem um quarto só dela para trabalhar. Ela escolhe se quer ficar nos corredores, na porta do quarto ou deitada na cama, com a porta aberta, fazendo palavras cruzadas, por exemplo. Para certas mulheres, faziam-se longas filas na porta do quarto. E era muito homem, muito.

Os mineirinhos são loucos, loucos por uma rapidinha. Belo Horizonte é a terra do papai-e-mamãe. Nada de invenção, só o básico. Nenhuma sofisticação, quase nenhum pedido especial. Eles não querem confusão e são de pouca conversa. Por ali, Freud morreria de tédio. Eu estava habituada com as conversinhas com o cliente de São Paulo e estranhei muito. No Rio, por sua vez, você não só conversa, como toma muita cerveja com seu cliente, você sabe da vida dele inteira, é praticamente um namoro. Em Belo Horizonte não, lá é fábrica. É por isso que as mulheres gostam. Mas a mulher que vai para lá não agüenta ficar muito tempo, não. Ela precisa estar numa onda de ganhar dinheiro, movida pela ambição. Os programas são baratos, mas a quantidade é absurda.

A POLÍTICA COMO AFRODISÍACO

Em 1982, Tancredo Neves era candidato a governador de Minas Gerais, e Belo Horizonte é muito politizada. No dia da eleição, a zona, que já era lotada, estava fora de controle. A vitória do Tancredo deixou os homens com um apetite extraordinário. Eu pensei comigo mesma: "Gabriela, é hoje!" E trabalhei sem parar o dia inteiro. Quando saí de noite da zona, eu tinha atingido a marca de 78 homens. Fui tomar uma cerveja no bar com as pernas doendo, como uma atleta.

Algum tempo depois, encontrei com um amigo do movimento gay e ele me disse: "Olha, Gabriela, eu admiro muito seu trabalho, mas acho que você exagera. Setenta e oito programas num dia? Isso não existe." É tanto homem, é tanto pau, que lá pelas tantas você não vê mais nada. É exatamente como a sobrecarga de outro trabalho qualquer.

Na rua São Paulo, paralela à Guaicurus, ficava o hotel Catete, considerado o top do top da região. Lá trabalhavam as meninas mais bem cuidadas, e para chegar a trabalhar lá tinha que encarar uma fila. Me inscrevi. Demorou mais de um mês para me chamarem, mas valeu a pena esperar. O hotel Catete era um outro conceito de zona. Tinha um quarto enorme, maravilhoso, e empregada diariamente, só não tinha o almoço da Ruth.

Os homens que freqüentavam o Catete eram de maior poder aquisitivo, classe média alta. A Irene era uma cafetina terrível. Está viva até hoje. Ela nunca foi minha amiga, mas também não era amiga de ninguém.

MAIS DIVERSÃO DO QUE TRABALHO

A Irene mantinha, além do hotel Catete, um casarão num bairro nobre de Belo Horizonte, onde morava com todas as meninas dela. A diária do hotel já incluía um quarto no casarão. Lá nós tínhamos uma cozinha onde podíamos fazer nossa própria comida e, para que a gente se cuidasse, havia também ginástica e piscina. Era um luxo, mas não era prostituição de luxo, e sim baixo meretrício, só que bem cuidado.

A Irene era uma cafetina moderna, sabia gerir o negócio. As prostitutas dela tinham do bom e do melhor. Pagando, claro. Esse conforto todo não caía do céu. Se você pagasse, por exemplo, um rapaz fazia a entrega do seu almoço lá no hotel Catete. Nós trabalhávamos o dia inteiro no hotel, mas à noite é que a coisa ficava quente.

No casarão da Irene funcionava um pequeno cassino clandestino, uma jogatina que varava a madrugada. Só baralho, e a dinheiro, dinheiro alto. Foi aí que eu fiz meu pé-de-meia. Os homens que jogavam lá eram ricos e os programas eram

caríssimos, muito mais caros que no hotel. Se no hotel um programa custava 15 reais, no cassino era 500. Foi a primeira vez que eu trabalhei na alta prostituição. Durante o dia eu trabalhava no hotel e de noite, no cassino. De vez em quando eu tirava o dia para descansar, mas não era comum. Eu dei duro, por ser uma oportunidade única. Mas não era só eu. Belo Horizonte era o território da ambição. Todo mundo que estava ali queria ganhar muita grana. E, realmente, nunca tive tanto dinheiro. Até terreno eu comprei.

Eu entendia tudo daquele ambiente de cassino. Meu pai, excelente crupiê, havia me ensinado tudo. Mas detesto jogar a dinheiro. A máxima do jogo é a seguinte: "Se você tem medo de perder dinheiro, não jogue. Porque você vai perder." Meu dinheiro, eu jamais boto no jogo. Mas gosto do ambiente, e era uma maravilha passar as madrugadas no cassino.

Meus clientes eram homens finíssimos, e, como eu entendia do assunto, adorava dar uma ajudinha a eles no pôquer. Quando eu contava para eles que meu pai era crupiê, ficavam mais chegados ainda a mim. O trabalho era mais diversão do que trabalho. Uísque 12 anos rolando, conversas interessantes... A madrugada de Belo Horizonte dentro daquele casarão do século XIX era o fino da bossa. Depois de trabalhar o dia inteiro na zona com os homens pobrinhos, era o máximo chegar em casa, tomar um banho e me arrumar toda chique para ir para o cassino.

AMOR (E PROSTITUIÇÃO) ENTRE IGUAIS

Quando uma mulher ia para o casarão da Irene, podia alugar um quarto individual ou um quarto duplo. E havia uma particularidade: todas as meninas eram lésbicas. Nunca vi tanta prostituta lésbica na minha vida. Eu era uma figura totalmente fora do padrão dali. A

própria Irene tinha sua namorada. Mas eu não me sentia nem um pouco diferente ou constrangida. Me dava muito bem com elas.

Dentro dessa casa havia casais apaixonadíssimos. E um acordo muito legal entre elas: amor com mulher, sexo com homem. E não havia ciúmes no que dizia respeito ao exercício da profissão. Amor é amor, trabalho é trabalho. Não podia é ter traição lá dentro, entre elas. Se acontecesse de uma ficar com a namorada da outra, aí sim, era problema na certa. Mas na hora de receber os homens, elas dividiam as namoradas com total facilidade. Eles não sabiam de nada. Esse era um segredo da casa e todas eram muito discretas. Mas é claro que quando um homem queria um *ménage*, era uma beleza para elas, que podiam namorar enquanto trabalhavam. E faziam, claro, especialmente bem.

Quando não tinha jogatina, íamos todas para uma boate só de lésbicas. O único homem da boate era o garçom, e eu ficava paquerando ele a noite inteira. Elas protestavam: "Gabriela, você nunca pára com essa onda de gostar de homem?!" Nunca parei. Adorava dançar com as minhas amigas, era muito interessante uma mulher me conduzindo. Eu jamais saberia fazer isso. Na dança de corpo colado o barato é a mulher ser levada pelo homem, então era legal aquela inversão. Mas nunca me apaixonei. Nem nunca uma delas se apaixonou por mim.

Quando fui para o casarão da Irene, não sabia dessa história toda. Eu fui atrás de conforto, me chamou atenção aquela casa linda com todas as facilidades, onde eu podia ganhar bem. Mas adorei conviver com as meninas. A lésbica normalmente não é competitiva como as outras mulheres, ela não está disputando o macho. Então, a convivência é mais tranquila. Não modificou o meu desejo, eu continuei amando os homens. Mas adorei o ambiente.

Irene não era boba. Ela ganhava dinheiro de todos os lados e ainda vendia roupas finas para as mulheres. Dizem que ela está lá até hoje. Era bonita, moderna, de cabelo curtinho. Foi a cafetina mais chique que tive.

Parece que hoje em dia o hotel Catete não é mais a mesma coisa, tenho até medo de ver. Quero manter a memória daquela fase tão glamorosa da minha vida. Essa minha história mineira.

Bem, não posso dizer que saí de Belo Horizonte, porque na verdade não houve nenhum plano ou despedida propriamente dita. Depois de um ano de trabalho, minha amiga Suzana, que morava no Rio mas batalhava em Belo Horizonte de vez em quando, me convidou para passar uns dias no Rio, de férias, na casa dela. Eu aceitei.

CHEGADA À CARIOCA

Tenho a sensação de que chegar ao Rio era o objetivo secreto de toda a minha vida. Desde menina, quando eu via os postais do papai, algo me dizia que ali estava meu futuro.

Toda a minha pequena vida até então havia transcorrido em São Paulo, na capital. Em Belo Horizonte, eu não havia passado mais do que um ano. Mais do que um lugar, o Rio era um estado de espírito, um ideal. Que talvez eu nunca viesse a alcançar.

Por isso a grandeza daquele momento. Descendo a serra de Petrópolis, meus olhos de menina paulistana buscavam o mar. Mas as montanhas se encarregavam de adiar o momento, recortando a paisagem como guardas colossais e me fazendo crer que ele jamais aconteceria.

Atravessando a avenida Brasil, pela primeira das muitas vezes que o faria, inúmeros sentimentos me invadiam. O Rio era lindo e,

por acreditar nisso, não fazia nenhum sentido aquela avenida absurda e desconcertante. Miserável e tosca porta de entrada inadequada a um paraíso.

Era o ano de 1982, fevereiro, logo depois do carnaval. Desci na Rodoviária Novo Rio às sete da noite. Um calor insuportável, todo tipo de gente, raça, cor, num vai-e-vem frenético. Procurei um telefone público, encontrei uma fileira deles. Liguei para a Suzana. Ela morava em Copacabana, na lendária rua Prado Júnior. Toda puta que mora em Copa mora lá. Os táxis amarelos me disputavam e o motorista escolhido era um típico carioca, falante e extrovertido.

Eu não havia conhecido até então um só carioca que não fosse como aquele senhor que na primeira conversa nos fala como se fôssemos primos. Tanta simpatia não o impediria de me enganar. Ele praticamente passou por Madureira, no subúrbio, para me levar a Copacabana, na Zona Sul. Mas me dava a alegria de me deixar falar à vontade, gastando a minha ansiedade, minha euforia de chegar finalmente à Cidade Maravilhosa, perdoe o chavão.

“Por que ainda não vi a praia?”, eu ingenuamente perguntava. E o cara ria muito das minhas caipirices. Aos meus 31 anos eu estava mais para Bela Adormecida, e o simpático cicerone me custou uma fortuna. Coisas do Rio de Janeiro.

ENFIM, COPACABANA

Minha amiga estava muito feliz em me receber no seu pequeníssimo conjugado. Me esperava com o jantar pronto e conversamos muito naquela noite. Sobre nossa vida em Belo Horizonte, sobre cafetinas, sobre um namoradinho que eu tinha cujo nome era Benvindo. Mas naquela noite eu não podia imaginar

que deixaria tudo o que ganhara para trás, sem dó nem piedade. Desde minhas roupas até um terreno, com escritura. Deixaria para trás o plano de morar em Belo Horizonte para o resto da vida. Naquela noite, eu estava no Rio apenas para passar alguns dias e conhecer a cidade. Depois voltaria para a minha vida na Zona Boêmia e começaria as obras de construção de minha casa, sonho maior de toda prostituta.

Tentando disfarçar a ansiedade, eu disse para a Suzana: “Sabe que eu ainda não vi a praia de Copacabana?” Suzana imediatamente se levantou: “Não seja por isso, vamos lá agora.” Era meia-noite quando vi pela primeira vez aquela curva monumental, desenhada a compasso pelo gênio, seja ele quem for. Até hoje é a praia que mais amo. Ainda sem os holofotes exagerados, a noite nos deixava ver com delicadeza o branco das ondas quebrando. O cheiro de maresia me banhava por dentro e era melhor do que eu jamais poderia imaginar. As pessoas nos bares e no calçadão sorriam e falavam, dando a entender que tudo estava bem, nesta vida e neste mundo.

Não é que eu não conhecesse o mar. Quando menina, minha mãe nos levava, eu e minha irmã, em excursões para Santos. Além disso, minha tia tinha uma casa de praia em Itanhaém, no litoral sul de São Paulo, como eu já disse. Mas era tudo muito diferente. Em Copacabana, no Rio, o mar tem um sentido de liberdade que é o próprio espírito da cidade. Aquilo me ampliava, me tornava mais eu. Um eu que, se não estava totalmente aprisionado, ainda não estava totalmente liberto.

Olhando para Copacabana naquele momento, eu nem sequer imaginava que ela seria mais um divisor de águas na minha vida.

Não consegui dormir direito naquela noite. Eram seis horas da manhã e já fazia muito calor. Vesti meu biquíni e fui à praia. Muitas

peças caminhavam no calçadão e pegavam sol na areia. Me prometi comprar um biquíni novo ainda naquele dia. Inadmissível ir à praia do Leme com meu biquíni paulistano de 300 anos. Nada de pensar em trabalho! O negócio era me bronzear e olhar as pessoas. Ficava louca para entrar na água, mas morrendo de medo. Até hoje não sei nadar e não consigo vencer o pavor. Fiquei na areia com inveja das meninas e dos meninos que saíam correndo e mergulhavam de cabeça naquele azul, nadando metros e metros com uma bravura de herói que eu jamais teria.

A Suzana ficou dormindo. Depois do nosso passeio foi para a boate, trabalhar. Ela era uma negra muito bonita e se dava bem na profissão. Eu a conheci em Belo Horizonte e batalhamos no mesmo hotel por um bom tempo, até ela voltar para o Rio. É carioca de Madureira, do morro da Serrinha. Batalhava há muitos anos, sempre em Copa, e quando precisava fazer uma grana a mais ia para Belo Horizonte.

Em uma semana no Rio eu virei negra. Me torrei no sol. Ficava na praia todos os dias, da manhã até o anoitecer. Comia sanduíche, biscoito de polvilho e bebia uma deliciosa limonada que o cara do biscoito, todo de branco, vendia. Que saudades daquela limonada que hoje não existe mais. São as minhas *madeleines* proustianas.

No fim da tarde, a tradicional cerveja gelada e papos, muitos papos com pessoas que eu conhecia na praia. Suzana nunca estava comigo. Nunca ia à praia, nem ao bar, nem nada. Só trabalho e trabalho, madrugadas adentro. Mais um exemplar da máxima "prostituta não se diverte", o que para mim nunca fez sentido. Durante todos os anos em que exerci a profissão e até hoje, vou ao bar jogar conversa fora com os amigos. Gosto de cozinhar e inventar receitas, de bons restaurantes. Enfim, me divirto com os meus gostos. Quando eu interpelava Suzana sobre sua febre de trabalho, ela me dizia: "Ora, Gabi, nós já somos chamadas de putas

sem-vergonha todos os dias, então, pelo menos, temos que ganhar dinheiro, e muito. Levar a fama e ainda ganhar migalhas é ser muito burra.” Seu prazer era ir para a casa da mãe, levando um dinheirinho para ajudar nas despesas, almoçar e jogar baralho com a família. Um coração de ouro, o da Suzana.

ELE NÃO GOSTAVA DE PUTA. PARA NAMORAR

Em um domingo de muito calor, fui com ela conhecer sua família. Foi a primeira vez que andei de ônibus no Rio, e já fazia uns 15 dias que eu tinha chegado. Vi novamente a avenida Brasil, mas agora com outros olhos. Percebi que toda a feiúra que observara na minha chegada pouco diferia da chegada em São Paulo. Achei até melhor porque a Brasil não tem o rio Tietê acabado pela poluição, exalando um mau cheiro de entontecer.

Naquele dia, fomos a uma comunidade chamada Baixa do Sapateiro. Como me diverti! Almocei uma tremenda feijoada carioca e depois ficamos na porta de uma birasca, Suzana, seu namorado, o irmão dela e eu jogando buraco e bebendo cerveja até tarde da noite. Era um tempo em que se podia freqüentar a favela, curtir seus prazeres sem o medo de tomar um tiro do tráfico ou da polícia. Adoro o nome favela. Acho bonito e sonoro. Diz bastante sobre o que ela é, ou sobre o que era antes dessa tragédia que estamos vivendo.

Entre uma partida de buraco e outra, entre um e outro gole de cerveja, surgiu uma paquera entre mim e o irmão de Suzana. Paquera gostosa de olhares e perna roçando perna. Um beijo no ponto de ônibus na hora de ir embora e nada mais. Suzana me disse que seu irmão tinha gostado muito de mim, mas não queria saber de se envolver com uma mulher que morava tão longe e que gostava de ser prostituta. Os homens são assim, são feitos de

contradições! Tão frágeis em suas convicções e por isso mesmo tão maravilhosos e charmosos.

Fui descobrindo o Rio de Janeiro por Copa. Sempre andando sozinha e conhecendo pessoas e vidas. Já fazia quase um mês que eu havia chegado e diariamente minha vida era: levantar cedo, ir ao bar da esquina tomar café-da-manhã, atravessar a Nossa Senhora de Copacabana, depois a Atlântica e chegar ao Leme. À noite, freqüentava os barzinhos da Prado Júnior. Namorado, não tinha. Os homens se afastavam de mim quando eu dizia qual era a minha profissão. Eles todos procuram prostitutas, mas não querem namorá-las. Suzana me disse que eu era maluca em ficar falando a torto e a direito sobre a minha atividade: "Não está escrito na sua testa o que você é, para que dizer?" Fiquei muito brava com ela, mas de repente me toquei: eu passara 11 anos seguidos vivendo no mundo da prostituição, sem freqüentar outros ambientes. Me isolara na zona e todas as pessoas que eu conhecia sabiam o que eu fazia. Claro que ia a bares, restaurantes e bailes de gafeira, mas sempre em lugares freqüentados por prostitutas e homens que gostam de prostitutas.

Me toquei de que pela primeira vez na vida de prostituta eu estava de férias e as pessoas com as quais eu falava e bebia cerveja na praia pertenciam ao mundo comum, do qual eu tinha quase me desligado. E também me dei conta de que já fazia mais de um mês que eu estava fora de Belo Horizonte. Era hora de voltar para o meu mundinho, para o trabalho e para o namorado, a quem sequer eu tinha telefonado durante todo esse tempo. Eu havia deixado parte de meus planos de vida lá e precisava voltar, mas estava muito difícil.

Durante todo o tempo que fiquei, só conheci a praia do Leme, a Prado Júnior, os sanduíches de atum do Bob's, o Beco da Fome e a Baixa do Sapateiro. No entanto, eu já amava a cidade e não queria

ir embora. Não podia mais protelar minha ida. Não tem importância, amanhã eu vou. E esse amanhã não chegava nunca.

ATRÁS DA ZONA DOS BRASILEIROS

Eu estava torrando na areia quando decidi ficar e trabalhar no Rio. Na mesma hora voltei para casa, comuniquei minha decisão a Suzana e disse a ela que, sendo assim, não fazia nenhum sentido eu continuar perturbando a sua privacidade. Eu devia me mudar. Ela me indicou um apartamento ali perto que alugava vagas para prostitutas e lá fui eu, no mesmo dia, de mala e cuia para minha nova casa.

Detestei o lugar. O que me cabia naquele latifúndio era uma cama-beliche, duas gavetas em um armário e o uso do banheiro. Além da companhia das baratinhas. Um batalhão de pequenas baratas andava pelas paredes, pelo chão e pela cozinha — ainda bem que eu não tinha o direito de usá-la. Não tem importância, pensei. Fico aqui por um tempo até arranjar um lugar para batalhar e ter um dinheirinho para alugar um conjugado igual ao da Suzana e sem baratas.

Suzana me convidou para ir tentar a sorte na boate Pussy Cat, onde ela trabalhava. Naquela noite, pela primeira vez em dois meses, me arrumei como puta e fui trabalhar. Mas fui barrada pelo segurança da porta. Não era permitida a entrada de mulheres brancas: “Nossos clientes têm preferência por mulheres negras e mulatas e somos especializados nesse tipo de mulher”, me explicou o distinto cavalheiro. Suzana nunca tinha percebido essa questão de suma importância. Para ela, o fato de só haver mulheres negras na casa era pura coincidência.

Voltei à estaca zero, tinha que encontrar onde trabalhar. Deixei Suzana na boate e fui ao Beco da Fome, na Prado Júnior, para

pensar no que fazer: "Será que aqui no Rio não tem outro lugar para trabalhar, além de Copacabana? Claro que sim! Devo ter entrado na paranóia das meninas que batalham aqui." Para elas, o único lugar ideal para batalhar eram as boates da redondeza. Cheias de turistas, mais educados e bonitos que os homens brasileiros e pagando em dólar. Na verdade, Copacabana era um gueto. Um gueto à beira-mar, mas um gueto.

Eu me perguntava: "Será que no Rio não tem uma zona para homens brasileiros?" Sempre trabalhei em zona de baixo meretrício, que, apesar desse nome horrível inventado pelos legisladores, é a zona de que gosto, com homens trabalhadores, operários, camelôs, taxistas, caminhoneiros, enfim, homens brasileiros de todas as regiões do país que lutam para sobreviver. Claro que existe. Eu me lembrei da famosíssima Zona do Mangue, que dizem ser a mais antiga do Brasil.

No dia seguinte fui à praia, dar tempo para Suzana acordar e me explicar onde ficava aquele lugar. Ela se encheu de horror com a minha idéia: "O que é isso, Gabi? Você está ficando maluca, querendo ir naquele lugar perigoso! Aquilo não é lugar para mulheres como nós. Lá só tem mulheres no bagaço e bandidos." "Qual a diferença da zona de Belo Horizonte, onde eu te conheci? Zona é zona, não importa a cidade." Suzana me olhava como se eu fosse uma extraterrestre. Mas como eu já era tida pelas minhas colegas, inclusive por ela, como "maluquinha", ela se conformou e me disse que ficava no bairro do Estácio.

OITAVO
MANDAMENTO:
COBRARÁS.
DENTRO DA ZONA
JAMAIŠ PODERÁS
RECEBER UM CLIENTE
SEM QUE ELE PAGUE
POR TEUS SERVIÇOS.

SE ALGUÉM QUER MATAR-ME DE AMOR, QUE ME MATE NO
ESTÁCIO

Fui para o ponto pegar o 433, um ônibus vermelhão que mais parece um carro do Corpo de Bombeiros. Ele passava pelo Estácio. Era minha primeira vez andando de ônibus sozinha pela cidade. Tive um pouco de medo, mas quando isso acontece tento esquecer e pensar em outras coisas. Sentei perto da janela e, olhando a cidade passar, ia recordando meus dias em Copa. Ah, que delícia, os lanches do Bob's que eu comia quase todos os dias ali no Lido. Naquela época, nem em São Paulo nem em Belo Horizonte havia lanchonetes Bob's, e quando se falava sobre as maravilhas do Rio,

uma delas era o Bob's. Qual não foi minha surpresa quando vi um pertinho do apartamento de Suzana. Descobri o sanduíche de atum, que nunca tinha comido, e a laranjada realmente tinha gosto de caseira, daquelas que a mãe da gente faz. O Beco da Fome, onde eu bebia minha cerveja. Os pés-sujos, onde nunca se tem o que comer. Mas são muito legais, têm uma aura de história da malandragem carioca. Eu ficava pensando em qual daqueles bares a Elis Regina havia cantado, sem saber que ela nunca cantara no Beco da Fome, mas sim no Beco das Garrafas, na rua Duvivier. Eu tinha visto o show *Falso Brilhante* oito vezes e era louca para encontrar Elis com suas sobrancelhas finas e compridas. Isso nunca aconteceu.

O 433 pegou a praia de Botafogo em velocidade e surgiu na minha frente o magnífico Pão de Açúcar. Fiquei extasiada, eu nunca havia visto nada sequer parecido com aquela paisagem. Tinha a impressão de que o ônibus estava atravessando toda a cidade.

Perguntei ao cobrador onde era a Vila Mimosa – bonito nome, carinhoso! Segundo a Suzana, o novo nome da Zona do Mangue. O cobrador não fazia diferente: “O que você vai fazer lá? Não é um lugar para moças direitas como você.” Os homens e suas contradições. Aposto que, sempre que sobra um dinheirinho, lá vai ele para a Vila Mimosa. Mas, enfim, como sempre fui malcriada, respondi: “Te perguntei onde é a Vila Mimosa, não te pedi conselhos.” Ele deu de ombros e disse que me avisaria quando chegasse. As pessoas no ônibus disfarçaram e fizeram de conta que não me viam ou ouviam. Senti os olhos me observando enquanto eu descia do 433.

Parei na calçada e não acreditei no que vi. O lugar era muito feio, não tinha nada de mimoso. Olhei em volta tentando achar o que poderia ser a tal vila. No entorno havia um monte de casas quase desabando, uma estação do metrô, coisa que eu nem sabia que tinha no Rio, e um imenso terreno baldio no meio. Uma padaria

muito maltratada, cheia de homens tomando cerveja na porta, e, ao lado, um prédio que parecia o treme-treme do Bixiga, em São Paulo. Encontrei um beco cheio de gente e tive medo de entrar. Fui, mas voltei até a padaria. Tomei coragem e perguntei a um moço onde era a Vila Mimosa. Diferente do cobrador, ele nem se abalou, somente me indicou a direção do beco. Aquele mesmo, o que tinha me dado medo.

Continuei andando devagar por uma rua de terra, onde havia uma única casa e mato dos dois lados. De repente, surgiu um outro mundo. Uma rua pequena e estreita com muitas casas velhas dos dois lados, muita, mas muita gente mesmo. Homens andando, homens parados olhando para muitas mulheres vestidas de biquínis, maiôs, collants, calcinha e sutiã... e acompanhando tudo isso muita música. Todas as casas com jukebox, uma mais linda que a outra, tocando estilos diferentes, e a junção de todos os sons naquela rua estreita dava um outro som, estranho e mágico.

Minha primeira impressão sobre a Vila Mimosa foi de festa, de alegria e de cidade do interior. Engraçado uma cidade como o Rio de Janeiro conseguir manter até há bem pouco tempo uma zona antiga. Ela poderia tranqüilamente ter sido tombada pelo patrimônio histórico.

Eu andava pela Mimosa completamente hipnotizada e pensando que ali eu iria trabalhar. A zona terminava em outra rua e a verdadeira entrada era essa, com um grande portal escrito: Vila Mimosoza – Seja bem-vindo. Vila Mimosa, assim mesmo, com Z. Fui e voltei duas vezes. A malandragem local jogava ronda. Eles ficavam entre agachados e de pé, olhando para todos os lados e ao mesmo tempo para as cartas do baralho que eram jogadas no chão de terra, em cima de uma folha de jornal. O olhar para todos os lados era por causa da polícia. Tinha um olheiro na entrada da zona, para ver quando vinha a patrulhinha, entrando com muita dificuldade pela rua irregular. Às vezes os canas entravam a pé, pelo outro

lado, e pegavam os malandros com a boca na botija. Aí começava o teatro de gato e rato e no final saíam os policiais com o dinheiro no bolso e o baralho apreendido. Dentro em pouco, a folha de jornal era novamente estendida no chão, surgia um novo baralho e o jogo de ronda recomeçava. Não sei até hoje por que eles escolhiam aquele lugar, tão à vista, para jogar. Acho que eles gostavam da adrenalina da iminência da chegada da polícia; de outra forma, o jogo seria monótono e sem graça.

As meninas já estavam me sacando, jogando piadinhas: “Oi, lindinha. Tá procurando uma buceta?” Era melhor não ir e voltar novamente. Tomei coragem e entrei numa pequena casa bem perto do portal de entrada. Atrás do balcão, o rapaz me respondeu que tinha, sim, lugar para eu trabalhar. Me perguntou de onde eu era e quantos anos tinha e foi dizendo: “As condições de trabalho são as seguintes: com cada cliente que você entrar, paga para a casa cinco cruzeiros, traga amanhã uma toalha, sabonete e uma roupa de trabalho, e se quiser começar agora para experimentar, fique à vontade.”

Nunca aprendi que na zona não se vai antes para saber se será aceita ou não no novo emprego. Lá é chegar, escolher uma casa e começar a trabalhar, e eu sempre esqueci de levar a toalha e a roupa de trabalho. Ele me emprestou uma toalha, eu fui para a porta e comecei minha batalha na Vila Mimosa.

O PRIMEIRO CARIOCA A GENTE NUNCA ESQUECE

Eu vestia calça jeans bem justa e uma miniblusa de verão. Mal cheguei na porta e já consegui um cliente. Meu primeiro no Rio de Janeiro. Um motorista de táxi. Combinamos o preço e subimos por uma escada em caracol para o que chamavam de quarto: um cubículo feito de madeira com o cliente tendo que se abaixar para

não bater a cabeça no teto da casa, uma cama de solteiro com um lençol imundo e um calor de derreter. O rapaz era simpático, só queria uma trepadinha básica, tipo papai-e-mamãe. Mas fiz um básico caprichadinho, nada às pressas.

Transando com o homem, fiquei pensando se realmente queria trabalhar naquele barraco travestido de casa de prostituição. Em todo caso, terminei o programa, me despedi do cliente, paguei à casa e fui me lavar no lugar que o gerente chamava de banheiro. Tinha um bidê sem torneira e um galão grande de plástico cheio de água e uma caneca do mesmo material.

Detestei tudo, mas não era mulher de voltar para casa com o dinheiro de apenas um programinha de nada. Voltei para a porta e rapidamente consegui mais um cliente, mais outro e mais outro. Pronto! Quatro clientes e algum dinheiro na carteira. Me arrumei como pude e voltei ao ponto do ônibus a caminho da minha cambeliche em Copacabana. Parei em um restaurante para jantar e pensei que, apesar de tudo, o meu primeiro dia de trabalho no Rio tinha sido bom e lucrativo. Resolvi alegremente que voltaria à Vila e, agora, um pouco mais familiarizada com o lugar, procuraria uma outra casa melhor para trabalhar.

No dia seguinte, antes de chegar no trabalho, parei no Centro, comprei duas toalhas, sabonete e um rolo de papel higiênico de boa qualidade. Na bolsa, meu collant preto de guerra.

Dessa vez observei melhor a região. O largo do Estácio era apenas um nome em uma placa na esquina da rua Joaquim Palhares. Sequer existia o largo, somente a rua Estácio de Sá. Do outro lado da rua, ficava a entrada do morro São Carlos e, na esquina da subida da favela, havia um imenso comércio. Vendia-se de tudo: de verduras a sandálias e roupas, de arroz e feijão a granel a galinhas vivas que as mulheres subiam o morro carregando pelos pés, de cabeça para baixo. Elas paravam para conversar com

alguma conhecida, deixando as aves feiosas com os olhos arregalados e assustados olhando de baixo para cima. Sentei no balcão do bar ao lado da subida e fiquei olhando aquilo tudo e pensando. Como podia coexistir uma vida tão urbana e outra tão interiorana? Tudo ali era de uma beleza estranha. Muito diferente de São Paulo e Belo Horizonte.

Entrei na Vila pela estradinha de terra e novamente me inebriei com o clima de festa do lugar. Cheia de gás, andei vagarosamente pela rua avaliando as casas. Num certo momento a ruela ficava mais larga, formando uma espécie de pracinha, e do lado esquerdo tinha uma casa antiga muito grande, duas portas que davam para uma escadinha, com um lindo corrimão já bastante enferrujado e muitas janelas.

Eu já tinha resolvido mudar de casa, decidi entrar naquela que me parecia melhor que a do dia anterior. Nas escadas, muitas mulheres. Por uma porta se entrava num bar com um grande balcão, e, sentado num banco alto, segurando uma bengala, havia um senhor negro já com certa idade, parecendo um preto velho da umbanda. Atrás dele, pendurado na parede, um quadro que representava ele mesmo com um cachimbo entre os lábios. Com tanta gente dentro do bar e tanta mulher me olhando com curiosidade, não sei por que achei que era com ele que devia falar. Me aproximei e perguntei se tinha vaga para mais uma mulher. Ele sorriu e sem falar me indicou uma senhora que estava sentada do outro lado da sala numa grande e antiga poltrona.

Dona Isaura, Isaurinha para os íntimos, era uma mulher que só poderia existir na Vila Mimosa. Oriunda da antiga Zona do Mangue, tinha mais de quarenta anos de empresariado na prostituição, ou para ser menos politicamente correta: mais de quarenta anos de cafetinagem. Uma vida inteira vivida na prostituição.

As cafetinas antigas contavam que quando o poder público expulsou a zona da Presidente Vargas e das ruas transversais com a

justificativa de construir o metrô, o Rio ficou temporariamente sem uma área destinada à prostituição. D. Neuza, também cafetina, morava em um dos casarões da Vila e sabia que a maioria deles estava vazia. Propôs então ocupar a Vila com a nova zona. Assim foi feito e assim nasceu a Vila Mimosa, que já tinha esse nome. Era, a princípio, um arranjo, até encontrar coisa melhor. Só que a Vila fez sucesso e a zona permaneceu ali até meados da década de 90.

Isaurinha era uma mulher baixinha que na década de 80 já estava com quase 70 anos. Naquele dia quente de um verão interminável, cheguei perto dela e perguntei se tinha vaga para mim. Ela riu e disse que nunca ninguém tinha perguntado sobre vaga porque ali não era trabalho, mas sim um quebra-galho para mulheres que não tinham para onde ir. Me falou das condições da casa e que só tinha duas exigências: nada de drogas e nada de brigas. Encerrou com a pergunta clássica: "Tem toalha?" Dessa vez eu pude dizer: "Sim, tenho!"

Isaurinha, diferente de todas as cafetinas que conheci, me apresentou a todas as meninas da casa, me mostrou os quatinhos para programa, o banheiro, que não era nada diferente do da outra casa, com o seu galão de plástico cheio de água com uma caneca boiando, só que esse tinha um chuveiro, claro, de água fria, mas era um chuveiro de verdade. Me levou ao bar e me apresentou ao Preto Velho com quem eu havia falado na entrada. Era seu sócio na casa e responsável pelo bar.

O homem era conhecido na zona como Mil e Uma Noite, assim mesmo, sem plural. Creio que ninguém sabia seu nome verdadeiro. Carinhosamente chamado de Mil e Uma, ou então Meia-Noite, diziam que aparecera na Zona do Mangue ainda menino, expulso de casa por ser homossexual. Lá viveu toda sua vida, sempre acompanhado de rapazes bonitos que moravam com ele na primeira casa da vila, encostada ao portal. A casa de Mil e Uma foi a última a ser demolida depois do final da Vila por força de um

processo na Justiça. Até meados de 2005, podia-se ver a casa solitária em meio ao terreno baldio, como se Mil e Uma ainda estivesse lá olhando para o passado, recordando as histórias de toda sua vida e lembrando a todos que ali, naquele pequeno espaço de terra, pessoas viveram e sonharam, formando uma comunidade de putas, homossexuais, malandros, sambistas e clientes.

ASSIM FALOU VERA

Fui para a porta naquele que seria o meu segundo dia de Vila e que, de verdade mesmo, se configurou como o primeiro. O anterior tinha sido apenas um reconhecimento da área, e só agora eu realmente começava a viver aquele mundo.

Logo de início conheci Vera, que viria a ser a minha melhor amiga de todos os tempos. Aparentemente antipática, loura, elegante, alta e falante, Vera era gaúcha da fronteira e falava com sotaque carregado. Itaqui era sua cidade e seu desafeto. Ela a detestava, assim como a todos os gaúchos, que considerava preconceituosos e machistas. Nunca perdoou seus conterrâneos, que a trataram com desprezo por ser uma prostituta assumida desde jovem. Aparentemente dura, Vera era uma mulher forte e solidária com as amigas e reservava o romantismo para a hora da leitura. Uma leitora contumaz de literatura romântica, ela fazia questão de dizer que só lia livros desse tipo ou assistia a filmes que falassem de grandes amores. Dizia que de realidade a vida estava saturada e por isso lia jornais diariamente, para tomar contato com o que a vida, de fato, reservava às pessoas. Não, a realidade não era encontrada na Vila Mimosa. Lá se vivia um teatro cotidiano, e bastava sair à rua para ver como as pessoas “normais” eram diferentes de nós.

Cada zona é diferente da outra. Habituada à Boca do Lixo e à Zona Boêmia de Belo Horizonte, eu precisava agora conhecer as manhas daquele espaço, que, para mim, tinha o sabor de vidas antigas, de um tempo que não vivi. Vera me deu todas as dicas de trabalho. "Jamais fique quase pelada como aquela mulher na sua frente. Pode prestar atenção, os homens não dão a mínima para mulheres que mostram tudo. Se ele já viu tudo, para que pagar?" Outra: "Leve sua carteira sempre com você, e, quando entrar no quarto com um homem, a coloque debaixo da cama, ao alcance de suas mãos." Mais: "Nunca deixe um homem sozinho no quarto, corre-se o risco de ele sair sem te pagar e a Isaurinha nem vai perceber. Faça o programa, pegue o combinado e saia com ele do quarto, enrolada na toalha, com a carteira na mão, e só aí vá se lavar." E ainda: "Não dê atenção aos malandros do jogo de ronda. Não dou um dia para eles perceberem sua presença e começarem a paquera. É tudo um monte de vagabundo que só quer uma mulher para garantir o prato de comida de todos os dias. Não servem para nada, só para cheirar pó e perder no jogo de ronda." Esses e muitos outros conselhos fui recebendo de Vera no dia-a-dia da zona. Alguns cumpri à risca, outros nem tanto.

Naquele dia trabalhei até tarde da noite e fiz oito programas. Todos papai-e-mamãe, o trivial. Na maioria homens pobres do subúrbio, vindo transar rapidinho com uma mulher diferente daquela de casa para depois enfrentar o ônibus, jantar com a esposa e dormir, no dia seguinte fazer tudo de novo.

Voltei para Copacabana com um dinheirinho razoável e disposta a continuar vivendo no Rio. Resolvi que me mudaria para a zona. Isaurinha não se incomodava que mulheres de outros estados morassem lá, e eu tinha bons motivos para sair de Copa. A Suzana, minha amiga local, já não estava querendo muito papo comigo por conta da minha decisão. Dividir um quarto com cinco mulheres que se sentiam muito importantes por serem garotas de programa de

Copacabana e que faziam questão de me desprezar por eu trabalhar na zona pobre não estava sendo nada divertido. Dormir num lugar com um batalhão de baratinhas nojentíssimas e mesmo assim pagar semanalmente um aluguel caro para mim também não era interessante. Diante de tudo isso, morar na zona era um paraíso. E como eu dava lucro para a casa, não precisava pagar nada a mais para morar lá. Isaurinha gostava muito de mulheres como eu, que não ficavam fazendo hora; eu entrava e saía com cliente, em alta produtividade. Arrumei minhas malas e me despedi de Copacabana e das férias.

NONO
MANDAMENTO:
**DESCONFIARÁS DA
CAFETINA.**
POR MAIS QUE A
DONA DA CASA SEJA
BOAZINHA, NÃO
PODERÁS FICAR NA
MÃO DELA. TERÁS
QUE MOSTRAR, COM
EDUCAÇÃO, QUE TU
TAMBÉM ÉS ESPERTA.

PECADILHOS DE ISaurINHA

Os sábados na Vila eram uma loucura. Desde cedo, os homens não conseguiam andar, de tão lotado que o lugar ficava. Os dez quartos da casa de Isaurinha não davam conta de tanto movimento, até porque nos sábados o número de mulheres aumentava. Eu e Vera não tínhamos problemas. Como estávamos lá a semana toda e fazíamos muitos clientes, dois dos quartos da casa eram especialmente reservados para nós.

Eu tinha meus próprios lençóis e fronhas, um grande vidro de alfazema Mauá que sempre borrifava para o quarto ficar cheiroso. Os homens gostavam muito do meu capricho e sempre queriam bis. Já as meninas diziam que eles voltavam porque eu era filha de

Iemanjá, e Iemanjá gosta de alfazema, o que me dava boa sorte. Não sei, não creio nem descreio. Somente sei que em toda a minha carreira de puta sempre tratei muito bem meus clientes e sempre tive um quarto limpo e cheiroso. Zona pobre não é sinônimo de sujeira, e uma puta, estando na zona, seja rica ou não, deve sempre estar bem-arrumada e cheirosa.

Aos sábados Isaurinha levava sua irmã, Carmem, para ajudá-la a fiscalizar o entra-e-sai das mulheres com seus clientes e assim evitar que se passasse a perna na velhota. Cada uma se sentava em um dos cantos da casa em suas poltronas imensas e vestindo um avental com um bolso, cheio de dinheiro trocado.

Carmem, muito mais velhota que Isaura, usava bengala, enxergava mal e pouco se locomovia, mas era mais esperta que a irmã. Isaurinha, nos sábados, ficava excitadíssima e mal conseguia se manter sentada. Ia de um lado para outro, batia nas portas, dizendo que o tempo tinha acabado e que outros casais esperavam na fila. Ficava desesperada com medo de algum cliente desistir e ela perder seu rico dinheirinho. Eu e Vera nos divertíamos muito com a excitação das duas velhinhas e às vezes fazíamos uma traquinagem com elas.

Saíamos do quarto, indo para o banheiro enroladas na toalha. Na volta, infalivelmente, uma das duas, se não as duas velhinhas, dizia: "Meu dinheiro!" E eu respondia: "Tá maluca? Já te paguei quando passei para o banheiro! Só porque é sábado quer me cobrar duas vezes?" Elas ficavam desconfiadas. Mas acabavam desconfiando mais da própria memória do que de nós duas e deixavam passar. Eu e a Vera ríamos muito e usávamos o dinheiro para beber uma cervejinha, felizes por termos enganado as cafetinas.

Era também no sábado que Isaurinha aproveitava a confusão de gente para cometer seus pecadilhos. Ela entrava por um corredor

escondido e apertado nos fundos da casa e desaparecia. Um dia descobrimos que aquele corredor dava para um dos quartos, onde ela tinha feito um buraquinho na parede de madeira. Isaurinha espiava dali os casais transando e se masturbava. Várias vezes ao dia, ela desaparecia e sabíamos que estava no corredor escuro espiando e se aliviando das tensões. As mulheres da casa, às vezes, só para sacanear, tapavam o buraco com a toalha. Ela ficava furiosa e, sem se denunciar, começava um papo de que os tempos tinham mudado, que as mulheres não respeitavam mais as cafetinas, que se fosse em outra época nenhuma puta teria coragem de sacanear a dona. Ficava andando de um lado para outro, dizendo que ia expulsar aquela mulherada da casa... Ela voltava ao corredor e as meninas destapavam o buraco. Ela saía feliz da vida e esquecia todas as imprecações contra nós.

Isaurinha era uma figura. Merecia ter sua história contada em prosa e verso. Era proprietária de um prédio na Penha com vários apartamentos e de uma casa muito bonita, onde morava com a irmã, uma sobrinha e, claro, Jorge, o amor maior da sua vida.

Jorge tinha menos de 40 anos, era um negro alto e bonito e tratava as duas velhinhas com muito carinho. Todo dia levava a esposa para a zona em seu Opala branco. O Opala do Jorge era um caso à parte. Como não conseguia tirar um dinheirinho extra dela, toda semana o carro tinha um problema e precisava ir para a oficina. Bastava ele parar o Opala na frente da casa com um papel nas mãos que Vera olhava para mim e dizia: "Lá vem ele outra vez." Na verdade Jorge tinha um amigo, dono de uma oficina lá na Penha, que lhe dava uns recibos fajutos para ele justificar uns trocados com a Isaura. Muitas vezes chegava com seu recibo para mostrar e pegar o dinheiro correspondente e Isaurinha não tinha a grana na hora. Vera, sempre a Vera, vinha em seu socorro e, é claro, emprestava o dinheiro cobrando juros.

Jorge não trabalhava. O máximo que fazia era levar as velhinhas para a zona e depois jogar ronda com os outros malandros. Jamais olhava para outras mulheres dentro da zona. Nunca ouvi falar do Jorge de caso com alguma mulher de lá. “O que os olhos não vêem o coração não sente”, sábio ditado popular que os homens de fato aplicam. Ainda mais o Jorge, que sabia muito bem a mulher que tinha. Isaurinha o amava e ficava embevecida quando ele a beijava e dizia que às dez horas da noite iria buscá-la. Nunca sem antes dizer: “Juízo, nada de paquerar outros homens durante esse tempo.” E lá ia ele no seu Opala branco, segundo as más línguas da zona, ao encontro da sobrinha da Isaura, que seria sua amante.

Era certeza em toda a zona que quando Isaurinha e Carmem morressem, a sobrinha, enfermeira no Hospital dos Servidores, herdeira única das duas, se casaria com Jorge e viveriam felizes para o resto da vida. Se alguém tivesse apostado nessa possibilidade, teria perdido. Jorge, contra todos os prognósticos, estava um dia na oficina do amigo e, entrando em seu carro, teve um enfarte fulminante. Caiu sentado no banco do seu querido Opala branco. Morreu com menos de 40 anos e Isaurinha, firme e forte, ainda viveu muito tempo. Chegou aos 90 e morreu em casa, sozinha, acho que pensando no Jorge, seu grande amor, e na zona, que era sua paixão.

SAMBA SEM COMPROMISSO

Depois de atender uma quantidade imensa de clientes – a maioria papai-e-mamãe, um ou outro sexo oral e eventualmente um bêbado chato que demorava muito para gozar –, finalmente, lá pelas 11 da noite, era hora de parar. Tomar um banho, vestir uma roupa bonita, jamais repetida, e partir para a diversão.

Sábado era dia de samba na quadra da Estácio de Sá. Era só pegar a bolsa, andar uns 100 metros, virar à direita e pronto, havia chegado. Sempre ia sozinha. Vera, minha amiga, detestava samba: "Imagina", dizia ela, "se posso ir para casa, ouvir um Frank Sinatra ou mesmo assistir a um filme na TV, o que vou ficar fazendo aqui ouvindo essa barulhada que de música não tem nada?!" As outras colegas, por mais que eu convidasse, raramente aceitavam sair. Tinham suas dívidas a pagar e a eterna mania de toda puta de comprar tijolo. Eu, na contramão, usava todo o dinheiro que ganhava com roupas bonitas, sapatos de salto, perfume francês e cerveja.

Eu não me importava de ir sozinha. Entrava na quadra e já me inebriava só de olhar o povo carioca em dia de samba. Era um tempo em que pouquíssimas pessoas da classe média freqüentavam o samba, ainda mais com a associação que se fazia entre escola de samba e bandido. Especialmente uma que ficava ao lado da mais famosa zona pobre de prostituição da cidade. Assim, os freqüentadores da escola eram mesmo o povo do morro São Carlos, Mineira e adjacências, e as putas e os malandros da zona.

Lá eu ficava até amanhecer o dia. Às vezes saía acompanhada de uma paquera e, na maioria das vezes, ia à padaria tomar o café-da-manhã para depois dormir até o meio-dia. Estava em fase de não me apaixonar, com preguiça de cultivar um namoro e me comprometer. Eu tinha acabado de chegar e só queria curtir, papear e observar.

AMANTE E AMIGO

Mas um dia o sossego, a solidão e a reflexão foram por água abaixo. Me apaixonei. Estava na porta à espera de um cliente quando passou pela ruazinha um homem de uns 30 e tantos anos,

baixinho, careca, vestido de calça jeans e tênis, coisa rara de se ver no meio de um povo malandro que cultivava, e ainda cultivava, sapatos e calças sob medida. Ele passou uma vez, duas, três, indo e voltando, sempre me paquerando. Rapidamente Vera me deu a informação de que era Carlinhos Pantomima, apelidado assim porque falava muito, sempre contando vantagem.

Carlinhos, de fato, era falante que só, mas não um contador de vantagens. Era um cara de idéias raramente realizadas e sempre com o grande sonho de ficar rico e ter uma casa com piscina na Ilha do Governador, bairro onde nasceu e vive até hoje.

Ele entrou no bar do Mil e Uma, provavelmente para investigar quem eu era. Mais tarde se aproximou e me convidou para uma cerveja. Num primeiro momento, achei Carlinhos feio e baixinho. Ele era somente um pouco mais alto que eu, e olha que para isso não precisa fazer muito esforço, já que tenho um metro e meio de altura. Mas depois, conforme a conversa fluía, comecei a ver um homem simpático, com um sorriso lindo e falando muito bem. Me convidou para jantar e aceitei. Carlinhos tinha um táxi e fomos até a praça da Cruz Vermelha a um bar-restaurante onde os taxistas paravam para jantar na madrugada. Segundo Carlinhos, lá comia-se o melhor frango assado da cidade, e de fato era muito bom, com um tempero especial.

Ele tinha um jeito muito próprio de compensar a pouca altura: quando entrava em algum lugar, falava alto, cumprimentava todo mundo e ocupava espaços com muita rapidez. Era uma da manhã e o bar estava lotado. Carlinhos me apresentou a todos os seus colegas dizendo que eu era sua namorada, vinda há poucos dias de São Paulo: “É, meu amigo, namorada paulista não é para qualquer um”, bradava.

Ficamos no bar até o dia amanhecer, entre petiscos, cervejinhas e muito papo. Conversamos de tudo: prostituição em outras cidades, política, cinema, família e, claro, dona Anita, sua mãe e o

maior amor da sua vida. Carlinhos, filho único da época em que mãe solteira era um estigma, em toda sua vida sempre viveu com ela na casa da Ilha do Governador. Era um homem de muitas mulheres, e quando achava que estava apaixonado por uma em especial, levava para sua casa, para morar com sua mãe. Nunca se casou e, segundo dona Anita, teve um número incontável de mulheres que ela pacientemente recebeu.

A mim ele nunca levou para morar na Ilha, somente me convidou uma vez ou outra para almoçar com sua mãe. Eu não era a preferida de Carlinhos, e sim Lídia, mãe de seu único filho, que sempre se cansava daquele homem de muitas mulheres que não parava quieto em lugar algum. Nunca me amou, sempre tive claro que Carlinhos gostava muito de mim e me respeitava. Com sua sensibilidade, percebia que eu não era mulher para viver uma vida de dona de casa, esse era o papel de Lídia.

Naquela manhã, ele me convidou para dormir em um hotel ali perto, na avenida Mem de Sá, e passamos o dia todo naquele quarto escuro transando. De vez em quando dava fome e Carlinhos saía para buscar comida: frango assado e coca-cola. Exaustos, lá pelas sete da noite dormimos. Acordei de madrugada com uma tremenda ressaca e ele não estava mais. Tinha saído sem fazer barulho e deixou um bilhete com um recado breve: "Te encontro na zona, adorei ficar com você, beijos." Assim começou meu longo relacionamento com ele.

Saí do hotel, tentando me acostumar com a claridade do dia, e fui para a zona a bordo do meu infalível 433 vermelhinho. Ria sozinha do jeito de ser do Carlinhos. Vera e as meninas estavam preocupadas comigo. Sumira no dia anterior, não dera notícias e mal conhecia a cidade. Tão pouco tempo no Rio de Janeiro e tantas

peessoas já se importavam comigo e com a minha segurança. Quando as meninas souberam com quem eu estava, fizeram mil piadinhas sobre o pau doce de Carlinhos, e evidentemente as fofocas correram. Todas, sem exceção, diziam que ele não dava futuro para ninguém, que era um homem de muitas mulheres, que não tinha onde cair morto e que todo mundo sabia que tinha uma mulher que não deixava por nenhuma outra. Cheguei a me aborrecer com as meninas e disse que não admitia que se metessem na minha vida. Eu havia saído do conforto e da segurança da casa de minha mãe justamente para ser dona do meu nariz e tomar minhas próprias decisões!

Continuei saindo com Carlinhos sempre sem marcar nada. De repente, quando eu menos esperava, aparecia ele. Sempre ruidoso e elétrico, lá da rua já vinha gritando: "Mil, coloque mais cerveja para gelar que estou chegando." Eu podia estar no quarto com algum cliente ou na porta, mas quando ouvia sua voz, sabia que iria passar pelo menos uns dois dias de alegria total, papos regados a cerveja e muito companheirismo.

Até então, com exceção do João, todos os homens que eu havia tido só me procuravam para transar. Claro que eu gostava, sexo sempre foi prioridade na minha vida. Só que me ressentia de não ter um companheiro para o cinema, o teatro e as intermináveis conversas de bar, meu passatempo predileto. Carlinhos, não. Adorava passear e me apresentar para seus amigos, motoristas de táxi. Com ele conheci o Rio de Janeiro. Carioca da gema, sempre amou a cidade e tinha muito orgulho de ser meu cicerone. Tudo aqui era melhor que em qualquer outra cidade do país. Cidades, aliás, que ele só conhecia por fotos e leituras, jamais foi além de São Gonçalo ou Belford Roxo.

O Rio de Janeiro era seu mundo, não era necessário conhecer mais nada. Me apresentou a sapataria Motinha, na avenida Mem de

Sá, e em frente àquela vitrine empoeirada me disse: “Você está conhecendo um lugar tradicional do Rio. É aqui que os homens de verdade fazem seus sapatos. Eu não gosto, prefiro meus tênis. Sou moderno, mas te digo: jamais confie em um homem que não use sapato do Motinha ou então um tênis de boa qualidade. Homem com qualquer sapato é homem sem imaginação.”

Ao seu lado pelas ruas e rindo muito com sua filosofia de vida, fomos até o Vila Verde, na mesma Mem de Sá: “Aqui, Gabriela, se faz o melhor caldo verde da cidade. Você nunca comeu caldo verde se não veio ao Vila Verde.” De fato, era uma delícia, só que para o Carlinhos tudo era o melhor do mundo e você jamais encontraria algo melhor. Freqüentei o Vila Verde por muitos anos, mesmo quando já não estava mais com Carlinhos. Era um bar de esquina e na frente dele ficava um hotel onde também havia prostituição. No final da noite, depois do trabalho, eu me sentava nas cadeiras colocadas na calçada e pedia o infalível caldo verde, sempre conversando com as prostitutas e os clientes mais assíduos do bar. Amei muito aquele homem. Havia entre nós uma cumplicidade e um companheirismo que eu nunca tinha vivido com os homens. Apesar de toda sua eletricidade, nosso relacionamento foi muito tranqüilo. Éramos honestos um com o outro e sabíamos o que cada um realmente queria.

PORTAS FECHADAS

De vez em quando eu ia a São Paulo ver se algum milagre tinha acontecido. O milagre seria minha mãe reverter sua opinião sobre eu visitar a minha filha. Ia na casa da Gina e ela me dizia que não adiantava eu insistir, minha mãe não queria nem ouvir o meu nome. Alessandra crescia e ia para a escola, e eu não estava observando

esse período da vida dela. Ficava deprimida e jurava que jamais voltaria a Guarulhos, cidade onde minha família passara a morar.

Tudo isso porque as pessoas não aceitavam meu modo de vida e minha profissão. Era sempre a mesma justificativa: eu estava dando mau exemplo para a criação da menina, eu não tinha juízo e vivia uma vida de mulher promíscua e sem-vergonha. Não aceito a visão moralista de que uma mulher séria é aquela que tem um único homem e passa a vida recatadamente cuidando dos filhos.

Enfim, depois de perambular entre Guarulhos e Vila Formosa, para não me deixar levar pela depressão, eu ia para a Boca do Lixo visitar minhas amigas. Ia de noite para a gafeira com a Cecília e no dia seguinte voltava para o Rio. Conforme o ônibus vencia a Dutra a caminho da Cidade Maravilhosa, eu fazia vários juramentos para mim mesma de que nunca mais voltaria para São Paulo. Aquelas visitas me deprimiam muito e me faziam mal. Em todo caso, eram promessas ao vento, porque eu sempre voltava e tudo se repetia sempre do mesmo modo.

Bastava o ônibus chegar e meu ânimo já melhorava. Ia para a Vila e continuava a vidinha atendendo meus clientes, ganhando meu dinheiro e me divertindo com as amigas e Carlinhos. Vera, com toda sua seriedade e sensibilidade, percebia que toda vez que eu voltava de São Paulo não estava bem e me convidava para espairar em seu sítio em Santo Aleixo.

Aquele sítio era o grande orgulho da minha amiga. Com horta, cachorro, galinhas, uma grande varanda e o rio cheio de pedras correndo atrás da casa. Lá ficávamos dois ou três dias, sempre durante a semana, comendo, papeando e dormindo muito. À noite, íamos ao forró no centro da vila e dançávamos com os homens da cidade até o dia amanhecer. Vera adorava dançar e beber caipirinha e uísque. Detestava cerveja, que dizia servir apenas para dar barriga e nem sequer deixava as pessoas alegrias. Eu voltava ao

Rio com Vera dirigindo sua Brasília e me dizendo que, apesar de me achar meio “maluquinha”, invejava meu modo de ser, sempre procurando ver somente o lado bonito da vida.

Vera não estava totalmente certa. Não vejo somente o lado bonito da vida, mas tento não ver o mundo como um lugar só de maldades. Às vezes, claro, passo por perigos que só vou perceber depois que tudo terminou. Também não dou a mínima para guardar dinheiro. Gosto muito dele, mas para gastar com o que gosto e pagar as contas do dia-a-dia. Detesto prestações. Acho cruel e desconfortável conviver com dívidas, embora nem sempre eu possa evitá-las. Em alguns momentos, porém, passo por dificuldades por ser assim. Preciso de algum dinheiro e não tenho. Mas essas dificuldades momentâneas são compensadas pelo prazer de viver conforme se gosta. Vera, por outro lado, tinha até o apelido de “madame”. Gostava de ter a vida toda organizada com seu carro, dois apartamentos no bairro de Fátima e um sítio, além de roupas bonitas e sapatos. Era difícil para ela entender meu modo de vida, e creio que é por sermos tão diferentes que nos tornamos tão amigas.

UM SONHO POSSÍVEL OU UTOPIA?

Nessas idas ao sítio, eu podia finalmente conversar sobre umas idéias diferentes que estavam surgindo na minha cabeça. Eu ficava pensando num modo de organizar politicamente as putas para lutar contra o estigma, a violência policial, o descaso das cafetinas e muitas outras questões que envolvem nosso trabalho. Vera ouvia atentamente, mas reagia, dizendo que eu era uma sonhadora e que seria impossível alterar a ordem natural das coisas. Puta é, desde todos os tempos, o ralo da sociedade, e não há nada que se possa fazer para mudar isso: “Estou na vida porque gosto de sexo e

também não conseguiria o que consegui tendo outra atividade, mas sei que para a sociedade sou apenas uma mulher que não presta. Pensar diferente disso é lutar contra os moinhos como Dom Quixote.” Ela entendia a questão assim e invariavelmente encerrava a discussão com essa frase. De vez em quando, a Vera chegava mesmo a perder a calma com o assunto. Na verdade, ela tinha pensamentos bastante conservadores e contraditórios em relação à moral sexual e ao papel da mulher na sociedade. Mas isso nunca impediu nossas intermináveis conversas.

Vera tinha um marido, Danilo. Contava ela que, alguns anos antes, ele ainda menino tinha aparecido na zona pelas mãos de Mil e Uma. Era um garoto de rua, que tinha fugido de casa e nunca mais voltou. Vivia na casa do Mil, que adorava garotinhos, e lá ficava Danilo perambulando e vivendo de gorjetas das meninas que o mandavam na farmácia, na padaria etc. Vera dizia, rindo, que pegou o menino para criar. Levou para sua casa e passou a cuidar dele. Viveu com ele até o final da sua vida, quando um câncer a levou. Brigavam muito e ela morria de ciúmes daquele homem alto e bonito sempre envolvido com alguma outra mulher. Um dia ela soube que Danilo havia se casado lá pelos lados de Marechal Hermes e tinha até um filho com a moça. Vera virou um bicho, expulsou-o de casa e por muitos meses ficaram separados a ponto de ela arranjar outro namorado.

Não demorou muito, minha amiga chegou toda feliz na zona, disse que tinham reatado e que ela não se importava mais com a outra mulher. Preferia fechar os olhos a viver infeliz sem a companhia dele.

Danilo, agora um senhor, trabalha de guarda florestal no Campo de Santana e até hoje somos amigos. Como aquele jardim é também uma área de prostituição, ele procura sempre informar as

meninas sobre os avanços de nossa luta e consegue com o gerente do parque salas para nossas reuniões.

Eu e Vera tínhamos um cliente em comum: Ataíde. Um senhor alto e elegante, síndico de um prédio na Cinelândia, perto do cine Odeon. Jamais transei com ele, mas era meu cliente porque sempre me pagava para conversar.

Na verdade, Ataíde era cliente de Vera. Fui apresentada a ele e quase fizemos um programa. Mas não chegamos nem a tentar, ele não conseguia e tinha perfeita consciência disso. Assim, era um cliente de papos que chegava na zona e pagava para a gente beber com ele e ouvir suas histórias. Se dizia um neurótico assumido e freqüentava o NA (Neuróticos Anônimos). Um cara muito culto e solitário que lia tudo que via pela frente, sem nenhum preconceito, e quando nos encontrava, falava mais que ouvia, mas era uma companhia muito legal. Às vezes nos levava para jantar no Amarelinho da Cinelândia e ali ficávamos até o bar fechar, quando ele pagava a conta e nos colocava no táxi para ir para casa. Ficava parado na rua Senador Dantas acenando adeus e dizia: "Até a próxima, minhas *ladies*."

UM AMOR COMO PERDIÇÃO

Nas noites de inverno lá vinha dona Vilma com seu caldeirão de sopa de legumes, pratos e colheres em uma sacola: "Olha a sopa quentinha! Um prato é só um cruzeiro!" E que sopa! Sempre com um jiló inteiro dentro. Se uma saudade pode ter um sabor, a da Vila tem, de sopa de legumes. Eu comia todos os santos dias de inverno. Me viciiei tanto no jiló da sopa que, se já tivesse acabado,

pedia para dona Vilma voltar em casa para colocar mais. Aprendi a comer jiló na zona, assim como rabada com agrião.

Dona Vilma era uma típica personagem das zonas do Brasil. Prostituta por muitos anos, chegara a ter uma casa na antiga Zona do Mangue e, sonho maior de nove entre dez prostitutas, virou cafetina.

Só que um cafetão foi sua perdição. Ficou na rua da amargura depois que arranjou um malandro da pesada que no final de todos os dias de trabalho chegava a sua casa e, além de pegar quase todo o seu dinheiro para comprar cocaína, levava os amigos para cheirar naquele que era seu estabelecimento comercial e seu ganha-pão. As putas profissionais foram embora e só ficaram aquelas que também gostavam da cheiração geral. Vilma teve que fechar a casa.

No alto dos seus 60 anos resolveu começar tudo outra vez, vendendo sanduíches e sopa para as prostitutas. Alugou um quarto no cortiço ao lado da zona e se tornou a melhor cozinheira do lugar. Muitas vezes, quando se davam festas, era dona Vilma a contratada para fazer o feijão, a rabada com agrião e outras comidas fenomenais da culinária negra carioca.

Continuou com o mesmo homem que transformara seu dinheiro em pó, mas que na velhice a ajudava a lavar panelas e pratos, sempre dependendo dela.

Quando ela morreu, depois de um AVC que a deixou muitos dias em coma no hospital Souza Aguiar, ele continuou na zona, pedindo esmolas, vivendo de pequenos expedientes ou servindo de mensageiro para as meninas.

Vilma foi mais uma que se foi e mais uma que levou consigo a rica história do Mangue, sem que ninguém tivesse a curiosidade de entrevistá-la. Diga-se de passagem, até hoje a história do Mangue, referência da cidade em termos de prostituição, ainda não foi devidamente compilada e escrita.

PAU GRANDE, NARIZ MAIOR AINDA

Eu também tive um namorado que adorava cheirar pó. Eles sempre trazem confusão. Uma vez esse malandro ganhou num jogo de ronda um pacote enorme de pó. Parecia uma caixa de bombom Ferrero Rocher. Com medo de tomar uma dura da polícia e ter que entregar a droga, ele me pediu para guardar comigo. Como as cafetinas pagavam o "PP", polícia não encostava na gente. Eu disse que não, que não gostava daquilo e não ia guardar de jeito nenhum. Ele insistiu e meteu o pacote na minha bolsa. Eu falei: "Ah, é? Tá bom."

Assim que ele foi embora, fui ao banheiro e despejei a cocaína toda no vaso sanitário. Quando ele voltou para pegar, eu disse: "Que pó? Não tem pó nenhum, joguei tudo no vaso e dei descarga. Eu falei que não guardo essa porcaria."

O homem ficou louco, bateu a cabeça na parede e tudo o mais. Me bater ele não podia. A lei na zona é levada muitíssimo a sério. Então ele começou a chorar e a dizer que ia se vingar de mim: "Tá vendo esse pau maravilhoso? Esse pau enorme aqui? Nunca mais você vai ter ele!" Realmente, o pau dele era enorme, mas o que ele não sabia é que o pau dele era um saco. Era tão grande que incomodava, e ele, um perfeito imbecil, só sabia transar metendo aquele pau e mais nada. Eu disse a ele: "Quer saber, o seu pau enorme é ótimo para você, porque para mim ele é horrível!"

NA MÃO DOS TEMÍVEIS HOMENS DE BRANCO

Foi num sábado à noite. Eu estava me preparando para ir ao samba e de repente senti uma dor tão grande que me deixou sem movimentos nas pernas. Logo virou uma paralisia. Eu não

conseguia andar. Comecei a gritar pedindo socorro. Vera já tinha ido para casa e o pessoal correu para buscar um táxi.

Me levaram para o pronto-socorro do hospital Souza Aguiar. Lá, sem ao menos conversar comigo, me jogaram em uma cadeira de rodas; o médico, de muito mau humor, me examinou e, em seguida, chamou a enfermeira e me colocaram no soro. Ele se foi e passei toda a noite sentada naquela cadeira de rodas, soro no braço, vendo chegar pessoas nos piores estados, morrendo de doença, de acidente ou de tiro e sendo jogadas em macas. Gritos e gemidos de todos os lados e as enfermeiras com um olhar de enfado para tudo. O inferno era ali.

De tempos em tempos eu perguntava se o médico não ia voltar e dizer o que estava acontecendo comigo, e as enfermeiras só me diziam que tinha que esperar a mudança de plantão às cinco da manhã. No momento, o médico estava exausto e, portanto, descansava.

Horas intermináveis se passaram e só trocaram o soro porque berrei até não poder mais quando vi que o conteúdo do frasco tinha acabado. Cinco da manhã apareceu um médico e me perguntou o que estava acontecendo. Conteí minha história e fui informada de que assim que tivesse uma vaga no hospital iriam me internar. "O que eu tenho?" Ele disse: "Não sou adivinho, precisamos esperar a internação e fazer exames." Minha paciência terminou ali. Arranquei a agulha do braço, joguei-a no chão e disse que queria ir embora naquele momento. A enfermeira, sem se alterar, chamou o médico e ele então me deu um papel em que eu atestava estar saindo por conta própria, era só assinar. Tentei me levantar da cadeira e não conseguia. Pedi então que me levassem até um táxi na portaria: "Você não quer ir embora? Então vá." Pedi, cheguei a implorar, e nada. Um rapaz que estava desde o dia anterior esperando o pai ser atendido me levou até a portaria.

Voltei para a zona e não conseguia sair do táxi. Estava totalmente paralisada e pedi ao taxista o grande favor de ir na casa da Isaurinha avisar as pessoas que eu precisava de ajuda. Não me lembro quem me levou, só sei que de repente me vi no hospital Miguel Couto. Me parece que os taxistas da zona decidiram me levar para lá por ser um hospital público da zona sul que, segundo eles, atendia melhor. Cheguei e imediatamente fui internada.

De início os médicos não conseguiam saber de onde vinha aquela paralisia. Depois de quase um mês no hospital, milhares de exames, chegaram à conclusão de que o meu caso era de pedras na vesícula. Resolveram me operar. Fariam a cirurgia na segunda-feira, e no domingo Carlinhos e Vera me ajudaram a caminhar até a varanda da enfermaria para tomar um pouco de sol. Nesse momento, o médico de plantão passou cumprimentando todo mundo; de repente me olhou e viu algo estranho no meu semblante. Imediatamente se aproximou, me pediu para colocar o rosto na claridade e olhou o fundo dos meus olhos. Preocupado, disse que assim que as visitas fossem embora eu deveria fazer alguns exames. Carlinhos perguntou o que estava acontecendo, mas o médico não queria dizer. Ele fez um escândalo e disse que só sairia de lá quando soubesse o que eu tinha. Exames feitos, tivemos a confirmação de que eu estava com hepatite A, resultado de uma infecção hospitalar.

Aí se inicia uma nova fase no longo processo de minha doença. A operação foi adiada e começaram a tratar a infecção. Foram mais de quatro meses vendo pacientes sendo internados e tendo alta, conhecendo todos os médicos e funcionários do hospital, trocando revistas com outros pacientes. Acho que conheci todos os cavalos e todos os montadores do Jockey, para onde o hospital dava vista. Ficava na varanda e via o pessoal treinar, os treinadores até me davam adeusinho. Carlinhos, sempre que levava algum passageiro para os lados da Gávea, dava uma passada no hospital e aí de

quem implicasse com ele por querer entrar em dia que não era de visita: “Minha mulher está com uma infecção por culpa das más condições do hospital e tenho todo o direito de vir fiscalizar o tratamento.” Dona Anita, sua mãe, me mandava garrafas e mais garrafas de chá de picão, que ajudava na cura da hepatite, e também marrom-glacê, para suprir a falta de açúcar em meu organismo.

As visitas eram às terças-feiras e aos domingos, e invariavelmente apareciam Carlinhos e Vera com a revista *Veja* da semana, frutas, lençóis limpos, toalhas e muito carinho. Um domingo eles levaram praticamente toda a casa da Vila para me visitar. Só faltou o Mil e Uma, que raramente saía do seu mundo. Isaurinha, sua irmã e sete ou oito mulheres que trabalhavam na casa, dividindo porta comigo, levaram flores e um vaso e colocaram na minha cabeceira. Naquele dia chorei muito de felicidade por não estar sozinha e ter tanto carinho de pessoas que eu conhecia havia tão poucos anos.

Fiquei boa da hepatite e finalmente chegou o dia da operação. Só me lembro que me colocaram em uma maca, entrei numa sala muito gelada, com o ar-condicionado no máximo. Quando acordei, já haviam se passado mais de vinte horas da operação e me disseram que quase morri. Estava numa cama com grades e tubos por todos os orifícios de meu corpo. De triste recordação tenho uma cicatriz torta que começa logo abaixo dos seios e vai até o baixo-ventre. Nunca mais usei biquínis e tenho certeza de que tudo foi uma grande barbearagem.

Tive alta médica e estava morrendo de medo de sair do hospital. Parei com meus pertences na calçada, sem saber para onde ir, quando vi Vera e Danilo na Brasília bege de que ela tanto gostava. Tinham ido me buscar para me levar a sua casa. Toda vez que me lembro daquele dia, imediatamente me vêm à mente as palmeiras

da rua Jardim Botânico. Eu nunca as tinha visto, e Danilo, na volta para casa, passou por ali. Depois de meses de hospital, aquelas palmeiras lindíssimas, todas parecidas, em fileira, me davam a certeza de que eu estava viva e pronta para voltar a tudo o que gostava de fazer.

Vera cuidou de mim durante a convalescença. Eu ainda não podia trabalhar, mas ia com ela para a Vila. Ficava lendo meu livro, esperando Vera acabar. Meus clientes antigos passavam, me viam sentada, lendo no fundo da sala, entravam e vinham saber como eu estava. Uns me traziam chocolate, outros me davam um dinheiro para "ajudar nos remédios", outros me traziam flores. Terminava o dia, voltávamos para casa e lá ia Vera preocupadíssima em preparar uma comidinha. Às vezes me levava ao sítio em Santo Aleixo. "É para você se restabelecer mais rápido com os ares do campo", dizia.

Quando melhorei completamente, voltei a trabalhar, mas Vera não quis que eu morasse mais na zona. Assim, fiquei morando com ela e Danilo por alguns anos. Comecei a me concentrar nos meus sonhos de organização de nossa classe. Vera continuava achando que as prostitutas não iriam se unir por um bem comum. Acreditava que o estigma acarretava a desunião e a indiferença. Quando conseguimos algumas vitórias, como a de fundar a associação da Vila Mimosa, ela passou a acreditar um pouco mais, só que não queria participar ativamente. Ficava na retaguarda, me ajudando, ouvindo minhas idéias e me defendendo das fofocas que sempre existem.

Como bem diz minha mãe: não há mal que sempre dure, nem bem que sempre perdure. Voltei a trabalhar, agora tendo que explicar aos novos clientes o que era aquela imensa cicatriz. Eles sempre achavam que era resultado de uma facada. Sim, porque

puta, além de doença venérea, não tem outras doenças, somente seqüelas de brigas. Assim pensam as pessoas, é esse o estigma.

E A PROSTITUTA FALOU

O Rio tinha acabado de eleger a primeira vereadora negra do Brasil, Benedita da Silva. Ela foi pessoalmente na Vila Mimosa junto com Maria Alice, presidente da associação de moradores da Cidade Nova, nos convidar para participar do I Encontro de Mulheres de Favela e Periferia. Aceitei na hora.

Carlinhos mandou fazer uma faixa com os dizeres: “Prostituta também é mulher” e me entregou. Lá fomos nós, caminhando pela rua Miguel de Frias e levando a faixa. De vez em quando eu olhava para trás só para ver o Carlinhos sorrindo e dando adeus. Mal sabia eu que ali começava um novo período em minha vida.

O I Encontro de Mulheres de Favela e Periferia foi realizado no imenso galpão do Centro de Convivência do Metrô, vizinho à Vila Mimosa. Lá havia cerca de 500 mulheres lideradas por Benedita. Estavam a deputada Lúcia Arruda e a falecida Angela Borba, feminista de grande competência, até hoje lembrada e reconhecida. Também compareceu a Beth Lobo, que tinha um programa de rádio voltado para as mulheres e era multimídia num tempo em que isso ainda nem existia.

Mas eu ainda não conhecia nenhuma dessas figuras. Estava ali para ouvir, e foi o que fiz. Passei um dia inteiro ouvindo mulheres de diversas origens falando sobre suas condições de vida. Tinha as mulheres que viviam no morro, sem saneamento ou condições básicas de sobrevivência, completamente abandonadas pelo Estado. Tinha as empregadas domésticas, que começavam a se organizar. Tinha as trabalhadoras rurais da Baixada Fluminense e

muitas outras. Um exército de mulheres pobres e sofridas do Rio de Janeiro, que não chegavam a ser diferentes das mulheres da periferia paulistana, que eu conhecia bem.

Quem mais me impressionou foi a Benedita. Ela era uma mulher bonita, alta, magra, que falava muito bem. Ela ocupava o espaço e era a imagem do Rio para mim. Do Rio que eu estava começando a conhecer. Era a mulher do homem que mais me chamou a atenção, também. Um negro imenso, conhecido como Bola, com uma visão de mundo leve e alegre. Ele era o único que chegava ali no nosso cantinho para conversar com a gente. As mulheres mantinham distância, o que já era de se esperar.

Aliás, surpreendente foi a Maria Alice ter nos convidado para participar do encontro. Ela morava ali perto, no Estácio, e tinha uma certa convivência com a zona que desmistificava um pouco nossa (má) imagem. Ela dizia que as putas é que davam alegria ao Estácio. O caso é que bem no finalzinho do encontro, já encerrando a plenária, a Angela Borba veio até nós e perguntou se não queríamos falar. As minhas duas colegas não se sentiram à vontade e eu, num ímpeto, sem saber que aquela era só a primeira das minhas centenas de plenárias, levantei e fui lá para a frente, morrendo de medo, claro.

“Meu nome é Gabriela, eu sou prostituta da Vila Mimosa. (Pausa.) Aqui do lado.”

Aí foi um rebu. A prostituta falou. Parece incrível, mas o tabu perdurava mesmo ali, entre mulheres conscientes: prostituta não fala. Falei. Seguindo o modelo das outras mulheres, expliquei como eram as condições da prostituta na Vila, nossas dificuldades, os problemas que costumávamos enfrentar. Mas não falei muito, fui rápida.

A Beth Lobo imediatamente me convidou para o seu programa de rádio e desde então comecei a responder às mesmas perguntas que me fazem há vinte anos. Por que você entrou nessa vida? Você

foi abandonada pela família? Você entrou na profissão por necessidade? E, a melhor de todas, a pegadinha: O que você acharia se sua filha fosse puta? Essa sempre acontece. Há pouco tempo, dei uma palestra numa faculdade e essa pergunta ainda não tinha sido feita. No finalzinho, já me despedindo da platéia, me aparece uma moça bem jovem, tímida, lá atrás. Ela levantou o dedinho e mandou a pérola. Me dá arrepios a caretice dos jovens de hoje. Onde é que nós vamos parar?

Tinha muita gente nesse evento, muitos jornalistas dos principais veículos do país. A Benedita era a sensação do momento. Mulher, negra e favelada. O prenúncio da era Lula.

TOQUE DE MÍDIA

Foi só começar a falar para descobrir que tinha muita gente querendo ouvir. Muito mais do que eu imaginava.

A partir dessa minha pequena fala no encontro da Bené, todo mundo começou a me procurar para dar entrevista. Principalmente as rádios, Rádio Guanabara, Rádio MEC, Bandeirantes, Roquette Pinto.

Fui procurada na zona por um programa de televisão que era o hit do Rio de Janeiro, o "Noites Cariocas", com Nelsinho Motta e Scarlet Moon. Aceitei ir, por duas vezes a gente combinou tudo certinho, mas na hora H eu me escondi e não tinha diabo que fizesse a produção me encontrar. Eu estava com medo, não sei exatamente do quê.

Na terceira vez, eles marcaram ponto na zona, estacionaram o carro da produção e de lá não saíram enquanto não me encontraram. Eles me pegaram a laço. Eu tinha inventado aquela história, e agora, que estava dando certo, não podia negar fogo.

A Vera resolveu que se era para aparecer na televisão, eu tinha que estar extraordinariamente elegante. Ela me enfiou num tailleur verde chiquérrimo, de um tecido leve, acho que era seda, coisa que fazia jus ao seu apelido de "madame". Ela fez a bainha, afinal todo mundo é mais alta que eu, e me deixou linda. Só que o meu sapato era uma tremenda bandeira, muito diferente daquela roupa chique. Tinha um salto imenso com detalhes dourados, de verniz preto com listras igualmente douradas. Não tinha como passar despercebido.

A gente reuniu a zona inteira para ver o programa na casa da Isaurinha. E a câmara passava do meu rosto ao sapato. E do sapato ao meu rosto. Ninguém estava interessado na roupa chique da Vera. O negócio ali era o escândalo. E o escândalo estava no sapato.

O programa foi um sucesso. Eu fui muito respeitada pelo Nelsinho e a Scarlet. Claro que as perguntas clássicas estavam ali, mas o respeito era nítido. Passei por vários programas em que pessoas menos interessantes me trataram muito mal. Eles são o fino da bossa. A Scarlet eu não conhecia. Mas o Nelsinho eu já admirava por conta de uma música de um festival da Record, "O Cantador", que Elis, em começo de carreira, num tubinho branco ao lado de Dori Caymmi, interpretava, enfrentando as vaianas da platéia. A música nunca foi sucesso, porém jamais saiu da minha cabeça, e sempre a canto nas serestas. Eu disse isso a ele no ar e ele se espantou. Vi todos os festivais de música da Record, da Excelsior, foram minha cachaça na década de 70.

Durante a entrevista, a audiência foi nas alturas. O programa era cult e só passava no Rio, no SBT. E, segundo a Scarlet me contou muitos anos depois, os telespectadores pediram reprise do programa e a produção passou à revelia do dono da casa. O Silvio Santos não queria de jeito nenhum, e como represália tirou o programa do ar. Isso era por volta de 83, 84, e eu fiquei conhecida.

Passei a ser a porta-voz das prostitutas, respondendo sempre às mesmas perguntas.

AMOR DE RENÚNCIA

Minha segunda filha já estava com seus 5 ou 6 aninhos. Eu já não ia mais a São Paulo mas tinha notícias dela por parte das minhas amigas Terezinha e Ana Maria. Até que um dia eu recebi na Vila Mimosa uma intimação para comparecer ao Fórum em São Paulo. Lá encontrei as duas com os olhos inchados de tanto chorar. O pai da minha filha, com seu advogado, havia compilado um dossiê com matérias de jornais e entrevistas, nas quais eu assumia publicamente a profissão, e abriu um processo pela guarda da menina.

O juiz chamou pessoa por pessoa, cada um dos envolvidos na história. Eu já sabia que ia perder a causa, e o que eu disse ao juiz é que achava que quem devia tomar conta da menina eram as minhas amigas. Porque a amavam e estavam desesperadas com a possibilidade de perdê-la. Contei que elas me ajudaram muito e cuidaram dela com muito carinho por todo aquele tempo. Quando o juiz chamou a todos para dar a sentença, ele disse que a guarda da menina seria do pai, mas que assim como eu, Terezinha e Ana Maria poderiam não só ver, como também passar fins de semana com a menina.

Ele terminou dizendo que esperava que o pai tivesse pela menina tanto amor quanto nós três tínhamos. Inclusive o amor que eu tinha por ela. Um amor de renúncia, segundo o juiz.

O INÍCIO DE MAIS UMA BATALHA

Era verão e durante o dia o Estácio é muito quente. Os quartos da zona se tornavam verdadeiros fornos. Eu ainda não estava habituada com o calor e por isso não conseguia trabalhar de dia, pois os homens suavam muito, pingavam. E me incomodava ficar toda molhada de suor, tinha que tomar banho toda hora. Então fui atrás de uma alternativa.

Existem homens que gostam de passar na zona antes do trabalho. São poucos, pouquíssimos. Mas, por outro lado, quase não tem mulher, a concorrência é baixa. Eu tinha uma colega que começava às seis da manhã e ao meio-dia ia embora para casa. Quando descobri isso, decidi fazer a mesma coisa. Trabalhar bem cedinho e parar na hora do almoço. Se não conseguisse nada durante as manhãs, eu trabalharia de noite.

A Vila Mimosa não fechava. Foi a primeira e única zona em que eu trabalhei que era 24 horas. Na verdade, as noites eu reservava para minha diversão: beber cerveja e jogar conversa fora. E nunca misturei trabalho com diversão. Esse ponto é delicado, e muitas mulheres se acabam aí. Meu pai dizia: "Para andar na noite tem que ter sabedoria." E essa regra eu aprendi. Hora de trabalho, trabalho. Depois do almoço, então, eu estava livre, podia fazer o que quisesse.

Nos arredores da Vila tinha muita criança, elas ficavam soltas brincando por ali. Crianças pequenas, a maioria filhas de prostitutas moradoras de um prédio abandonado perto da Vila. Um lugar bem ruim, mas que as mulheres ocupavam com seus filhos. Eu resolvi brincar com essas crianças. Bem perto da Vila tinha um campinho não ocupado do Metrô com umas árvores que protegiam a gente do sol. Eu comprava aquarelas, papéis, lápis etc. e levava as crianças para lá.

A gente passava as tardes ali brincando. As crianças pintavam aquarelas lindas, que retratavam seu mundo interior e seu cotidiano. Era óbvio que a cada folha pintada elas se tornavam

melhores, não sei exatamente em quê. Um pequeno tempo dedicado a elas fortalecia sua auto-estima, sua identidade.

Tenho uma amiga, a Carmem, que era menininha e brincava lá nessa época. Ela trabalhou um tempo conosco na ONG que eu fundaria depois, a Davida, e sempre lembrava desses dias. Sem me dar conta eu já fazia algum tipo de trabalho social. Conhecia melhor a vida dessas crianças e conversava com as mães. Normalmente elas estavam fora da escola, e eu tentava convencer as mães de que com estudo elas poderiam ter um futuro melhor, mas poucas acreditavam nisso.

Próximo ao campinho havia um posto de atendimento do Banco da Providência, projeto social da Arquidiocese do Rio. Portanto, bastante conservador. Eles mantinham já há muito tempo um trabalho de atendimento às prostitutas, com posto médico etc.

Um dos rapazes que trabalhava lá sempre que passava pelo campinho ficava olhando. Eu já tinha aparecido na televisão e tal, era mais ou menos conhecida na área. Um dia ele parou para conversar comigo. Queria saber qual era o meu objetivo com aquelas crianças. Eu respondi que não tinha nada de mais, que só preferia que elas brincassem por ali comigo a ficarem comendo terra na zona. Ele me disse, então, que no Banco da Providência havia uma sala com materiais de escolinha, mas que estava desativada porque eles não conseguiam levar as crianças para lá. Me convidou para aproveitar aquele espaço e eu aceitei de pronto. Muito melhor para as crianças do que ficar desenhando sentadas no chão duro.

Ia vir problema, era óbvio. Mas não sei por que achei que dava para enfrentar. Quase não deu.

NEM JESUS CRISTO SALVA

Não demorou muito e as mulheres católicas começaram a implicar com a minha presença. Dizendo, claro, que eu, como prostituta, era um mau exemplo para as crianças. Logo elas, que não mexiam uma palha por aquelas meninas e aqueles meninos. Tinha também uma mulher que insistia em oferecer umas aulas de artesanato para as prostitutas, sem nenhum êxito. A grande idéia dela era ensinar as meninas a pintar florzinha em pote de maionese Hellmann's e colocar babado naquela tampa laranja. E diziam que aquilo era uma alternativa de renda para a puta! Elas partiam do princípio de que a prostituta é uma vítima que não teve chance nenhuma, nem de pintar vidro de maionese.

Nilton Guedes era o nome do rapaz que veio falar conosco no campinho. Ele entrou na minha vida para nunca mais sair. Um negro muito bonito, inteligentíssimo, grande amigo. Professor de escola pública, me ajudou muito com as crianças. Ele foi o grande responsável por eu ter começado a trabalhar com aids. Ele se contaminou com o vírus no início da doença no Brasil, quando as pessoas sofriam, morriam rápido e ainda não havia os remédios.

Passei a freqüentar a casa do Nilton. Ele dividia um apartamento na praia de Botafogo com outro amigo, também de Campo Grande, o Maurício. Eu perguntava pro Niltinho: "Por que você me levou para aquela merda?" E ele me contava tudo o que não podia me falar dentro do Banco da Providência, das politicagens até a implicância comigo em especial.

Um dia eu dei uma entrevista para uma revista chique que tinha no Rio, uma entrevista grande, com fotos lindas, onde eu falava do meu orgulho da prostituição. A revista saiu e aquilo repercutiu.

Fui expulsa do Banco da Providência e proibida de brincar com as crianças sob a acusação de estar fazendo apologia à prostituição. Ainda fui ameaçada: se eu insistisse em ficar com as crianças mesmo fora de lá, no campinho, eles me botariam na cadeia, por aliciamento de menores! Um jogo pesado, pesadíssimo.

Me arrependi totalmente de ter ido parar perto daquela gente. E passei a ter crises de raiva. Meu convívio com as pessoas de fora da zona se tornou difícil, hostil. Eu estava sempre na defesa, pronta para o revide.

TERRITÓRIO DIVIDIDO

Antes de sair do Banco da Providência e já bem conhecida por ali, fui procurada pelo Leonardo Boff. Ele chegou na Vila Mimosa com um fusquinha e levou um monte de comida para fazer uma Santa Ceia com as prostitutas.

Eram tempos da teologia da libertação e várias pastorais foram criadas para se aproximar do povo pobre. A pastoral da mulher marginalizada (eufemismo para prostituta) era e é uma delas. Defende o fim da prostituição e acredita que a prostituta é uma vítima da sociedade machista. É até hoje muito forte em algumas cidades do Brasil, mas no Rio nunca conseguiu se firmar.

A pastoral da mulher marginalizada ia fazer um encontro em Salvador e o propósito dele era me convidar. Eu disse que iria, mais um dos meus enganos que deu numa coisa muito certa. O encontro foi uma tragédia, mas lá eu conheci Lourdes Barreto, minha grande parceira ativista. A impagável Lourdes. Junto com a Helena e a Vera, Lourdes foi e ainda é uma grande amiga. Nós somos muito parecidas, não levamos desaforo para casa e elegemos o botequim como o melhor lugar para se conversar. Ela já deve estar com uns 60 anos, e temos histórias fenomenais de nós duas.

Depois que aceitei o convite, Leonardo Boff me chamou de lado e me deu algum dinheiro: "Para pagar sua passagem de ônibus até Salvador." Lá fui eu, estrada afora. Passei 22 horas num banco comum, nem sequer era leito. Cheguei em Salvador com os ossos

quebrados. E as prostitutas de Belém, de Juazeiro, de todos os cantos do Brasil, tão quebradas quanto eu. Porém, a pastoral inteira chegou bem-disposta com adesivos de companhias aéreas colados nas malas. Ali, o território já estava claramente dividido.

Eu nem sabia direito o que era a pastoral. Além de tudo, não tenho fé católica. Quando o Nilton morreu, fui no velório e no enterro. Depois, eu e uns amigos fomos tomar uma cerveja. Quando a gente foi servir, o copo virou, do nada. Sentimos na hora que tinha alguma coisa acontecendo. Decidimos sair do bar e ir beber em casa. Levamos uma sacola com umas cervejas. Quando um dos meninos foi colocar as garrafas na geladeira, a sacola caiu no chão e elas se quebraram todas. Não ficou uma! Eu chamei o Nilton e falei: "Meu amigo, segue em frente o teu caminho, que a gente vai te amar para sempre. Agora, deixa a gente tomar nossa cervejinha, vai!" Depois dessa "conversa", a gente bebeu em homenagem ao Nilton até amanhecer.

Minha fé nos ancestrais deve vir da minha avó por parte de mãe. Ela era índia, falava tupi-guarani. Minha mãe saiu da roça para casar com meu pai. Tem palavras que a mamãe falava que a gente não usa. Por exemplo, quando eu trabalhava fora e ela arrumava minha marmitta, dizia: "Não esquece o picuá." Anos depois eu descobri que picuá é uma palavra tupi-guarani que significa sacola para alimentos.

O Deus inacessível, que julga e condena, não faz o menor sentido para mim. Deus é a natureza e os ancestrais. Acredito nas pessoas, nas coisas que se revelam na convivência.

Há uns dez anos uma amiga me levou num candomblé lá pros lados de São Gonçalo e me disseram que sou filha de Iemanjá.

Acredito em Iemanjá, já tive altos papos com ela. Mas eu não acredito numa Iemanjá branca e toda magrinha como uma Barbie... Minha Iemanjá é preta, é forte, é mãe. Mas, por outro lado, quando comecei a freqüentar esse candomblé, logo surgiu um convite para

me dedicar como equede, uma espécie de ajudante dos orixás. Eu agradei e falei: "Olha, eu prefiro aparecer aqui quando eu precisar, tudo bem?" Acho que eles aceitaram minha proposta, porque sinto que sou protegida pelos orixás. E por Iemanjá, pois quando eu estou triste ou tenho que decidir alguma coisa, eu olho para ela e digo: "Minha amiga..."

A PALAVRA PROIBIDA

A abertura do Encontro de Salvador foi num Teatro Castro Alves lotado. O bispo de Juazeiro do Norte, dom José Rodrigues, estava presidindo a mesa que era composta por várias freiras, o Boff, eu, uma colega de Minas Gerais e mais duas prostitutas. Eu ainda era crua nas nuances da política de movimento social. A colega mineira falou antes de mim e se apresentou assim: "Boa noite, meu nome é Suely e eu sou uma 'menina' de Uberaba." Menina? Virei para o Boff e falei: "Por que ela está falando que ela é uma menina?" E o Boff: "A pastoral acha muito forte o nome *prostituta* e resolveu criar uma denominação carinhosa, que é *menina*." Até hoje eles usam essa terminologia. Aí chegou a minha vez de falar: "Meu nome é Gabriela e, ao contrário da minha colega de Uberaba, eu sou uma prostituta e atualmente vivo no Rio de Janeiro."

Na hora do debate o auditório estava lotado e todo mundo queria saber por que a mineira falava *menina* e eu falava *prostituta*. Aí começa minha grande questão com as denominações politicamente corretas, um dos maiores temas do meu trabalho até hoje. Eu respondia à platéia: "Eu acho que é porque as pessoas têm vergonha da palavra *prostituta*." Aquilo foi um rebu na pastoral.

De uma maneira geral, fui muito maltratada naquele encontro. A Lourdes era a única que me defendia. Nós ficamos hospedadas num

casario de freiras. Eu e Lourdes dormíamos no mesmo quarto e de noite conversávamos sem parar sobre os absurdos do dia. Lá nós começamos a pensar num movimento autônomo das prostitutas. Sem a guarda da Igreja, sem nada. A Lourdes, diferentemente de mim, já vinha de uma trajetória longa dentro da Igreja. Ela não concordava com um monte de coisas, mas não via outro caminho possível. Eu via, embora ainda tivesse que pesquisar mais.

O fato é que esse momento com a Igreja e todo o pessoal do PT católico que veio no pacote acabou durando demais. E o movimento autônomo se tornava uma urgência. O objetivo deles era que eu assumisse o discurso da vitimização da puta. E isso não aconteceria nunca. Eu penso que se você considera uma pessoa vítima é porque já estabeleceu uma relação de dominação com ela. Nesse particular, prefiro os conservadores. Eles são mais claros, menos ambíguos.

Encontrei com a Lourdes pela segunda vez quando o Ministério da Saúde nos chamou para um encontro em Jundiaí, São Paulo, para discutir alguma coisa absolutamente sem importância, a não ser pelo fato de voltarmos a nos encontrar. Ela morava no Pará, não existia e-mail, cada carta demorava uma eternidade, telefone era caríssimo... não dava para a gente se falar a toda hora para articular o movimento.

Em Jundiaí nós conversamos muito. E eu consegui convencê-la a organizarmos um encontro nosso. Mas como fazer isso sem dinheiro? Quem tinha dinheiro era a pastoral, e com a pastoral não podia ser. Tinha que ser um encontro de prostitutas com prostitutas.

SAUDADE DA INOCÊNCIA

Saber eu sabia, mas custei a entender que Carlinhos Pantomima não me amava. Era um tremendo mulherengo e nunca tinha me escondido isso. Mas também não cansava de dizer que eu era a única das suas mulheres com quem ele podia falar de todos os assuntos.

De repente ele voltou a ficar apaixonado por uma garota que ele tinha e sumiu da zona por um tempão. Só isso já seria motivo para me deixar com raiva. Mas o pior de tudo foi que, quando ele reapareceu, agiu como se nada tivesse acontecido. Fiquei muito chateada com aquilo. Despachei o Carlinhos, disse que não queria mais nada com ele. Ele só fazia rir e dizia: "Mas eu gosto muito de você, não vou parar de te procurar para a gente conversar e tomar uma cerveja." Estava claro que ele gostava de mim, mas de outra forma. Eu sentia muito a falta daquela figura, de rir e ficar para cima e para baixo com ele. Decidi revidar. Do jeito que as mulheres sabem revidar quando um amante tenta se passar por amigo para não se comprometer: fazendo com que ele pague na mesma moeda, sentindo muito ciúme.

Tinha um mulato, compositor da Estácio, que vivia me paquerando. Eu pensei: "Vai ser esse mesmo."

Levei o cara para tomar sopa de ervilha no Vila Verde, sabendo que, mesmo que o Carlinhos não passasse por lá, ele saberia do fato. Fiquei aos beijos com o mulato, até que apareceu o Carlinhos.

Ele ficou louco, falava alto e gesticulava como um galinho garnizé, queria bater no mulato. Me arrependi. Não precisava ter feito aquilo com o Carlinhos. Mas aí estava. Um escândalo completo. O mulato percebeu a história toda e foi embora. Tentei conversar com o Carlinhos, mas ele não me perdoou. Demorou muito até nós voltarmos a tomar cerveja como amigos. Depois de um tempo, ele sumiu de novo.

Alguns anos mais tarde, tive uma surpresa. Uma amiga psicóloga que trabalhava no presídio de Água Santa me disse, no meio de um papo qualquer: “Gabriela, sabe que tem um preso que cismou que é seu amigo? Vive me pedindo para levar você lá para visitá-lo.” Normalmente eu não levaria isso a sério, mas na hora me deu um estalo. Eu perguntei: “Qual o nome dele?”

Carlinhos estava preso por assalto a banco. Eram três os envolvidos. Os outros dois conseguiram fugir e ele foi pego. Mas não denunciou ninguém. Cumpriu a pena sozinho e era considerado um preso exemplar. Divertia todo mundo, ajudava na cozinha e vivia contando história. Fui visitá-lo e ficamos muito emocionados. Ele olhou para a minha amiga e disse: “Nós fomos muito felizes no tempo em que éramos mais inocentes.”

Adoro Carlinhos Pantomima. Meu amigo, uma das pessoas mais generosas e bondosas que conheci na vida.

VIOLÊNCIA, O X DO PROBLEMA

Me chamaram para um debate sobre sexualidade e lá conheci Rubem Cesar Fernandes, então coordenador do Iser, Instituto de Estudos da Religião. No final do debate, Rubem me perguntou se eu tinha interesse em sistematizar meu trabalho. Ele levava tudo o que era diferente para dentro do Iser. Fazia parte da sociedade carioca, ele levava. Mas uma coisa era levar, outra era conviver lá dentro...

Minha grande amiga no Iser foi a Edda Mastrangelo, uruguaia radicada no Rio, na época casada com um pastor presbiteriano que viveu na Alemanha no tempo da ditadura, Zwinglio Mota Dias. Zwinglio é um cara moderno, uma cabeça fenomenal, uma espécie rara de teólogo protestante. Hoje ele é chefe do departamento de Estudos Sociais da Universidade de Juiz de Fora.

Eu conversava muito com a Edda sobre a minha idéia e da Lourdes de fazer um Encontro Nacional e a Edda trouxe o Zwinglio para o assunto. Ele tinha acesso a financiamento através do Conselho Mundial de Igrejas de Genebra e conseguiu 7 mil dólares para o encontro, o que era mais do que suficiente.

O Zwinglio, também conselheiro do Iser, chegou de Genebra com o dinheiro para transformar em realidade o trabalho que eu estava preparando, e o Iser disse que eu não poderia gerir o projeto. Enquanto era para fazer sem dinheiro, era comigo. Quando pintou o dinheiro, não podia mais ser eu?! A desculpa era burocrática. Eu tinha que ser coordenadora de projeto, e para assumir esse cargo eu deveria ter curso superior completo... Só que ainda não inventaram curso superior para a minha profissão! Uma pena, aliás.

A briga foi parar na diretoria. Eu tive uma reunião com o Zwinglio, o Rubem Cesar e outras pessoas importantes na época. E ninguém conseguia desfazer o impasse. Então eu decidi: "Zwinglio, leva esse dinheiro de volta para Genebra. Eu não quero, não vou fazer." Bastou para eles cederem.

Começamos a produzir o Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas. A Edda meteu a mão na massa e foi uma produtora maravilhosa. O Flavio Lenz, nessa época um mero amigo, casado com outra amiga minha, a Regina, era editor da publicação do Iser e fez uma exímia assessoria de imprensa. Fez do encontro um grande hit na mídia. O Flavio se voluntariou na época para tratar somente disso.

Mas nós tivemos muitos problemas. Nenhum hotel queria nos aceitar. Quando se tratava de um cliente levando uma puta, não tinha problema. Mas quando se tratava de um encontro nacional de putas, eles diziam não. Hoje isso não é mais problema para a maioria dos hotéis. Mas na época fomos recusadas por todos. Até que nos cansamos de dizer uma verdade inteira e resolvemos dizer

meia-verdade. Fomos ao hotel Flórida, no Catete, e dissemos que era um encontro de mulheres. Fechamos negócio.

Depois, nós precisávamos de um lugar para as reuniões, ninguém queria ceder. Até que conhecemos o diretor do Calouste Gulbenkian, um centro cultural no centro da cidade. Ele era um sujeito ótimo, abertíssimo, interessado. Nos cedeu o teatro da casa. Só que quando ele disse às serventes que ia haver um encontro de prostitutas lá, elas fecharam a cara: "Nesse dia, então, nós não vamos trabalhar." Ele respondeu: "Quem não vier trabalhar, vai ser descontada no ponto." Mas isso nós só soubemos no último dia do encontro.

A Edda conseguiu com Perfeito Fortuna, que dirigia o Circo Voador, uma noite de festa na casa a fim de abrir nosso encontro para a sociedade, com shows e a participação de pessoas famosas que simpatizavam com o nosso movimento.

A gente fez uma lista de assuntos a serem discutidos: profissão, preconceito e estigma, escolaridade e violência, entre outros. Mas no final, mesmo com todo o esforço para conduzir a discussão para outros caminhos, tudo acabava no assunto da violência. Mas não era de qualquer violência da qual se precisava falar, e sim da violência policial. Violação de direitos humanos para a prostituta é sempre violência policial. Existe um esforço para ampliar esse conceito na visão da prostituta. Ela precisa entender que uma cafetina que não lhe dê boas condições de trabalho, por exemplo, também está violando os direitos humanos.

DÉCIMO
mandamento:
TERÁS ORGULHO
DA TUA PROFISSÃO
e usarás camisinha.

DO ESCONDERIJO AO ESTRELATO

O Primeiro Encontro Nacional de Prostitutas foi um sucesso absoluto. Mais de 2 mil pessoas estiveram lá. Entre elas, Rose Marie Muraro, Lúcia Arruda e Lucélia Santos. E na hora do microfone, quando nós chamamos nossos parceiros para agradecer a eles publicamente, o diretor do Calouste contou a história das serventes, dizendo que no final elas lhe agradeceram porque adoraram conhecer a gente e queriam nos homenagear. Subiram ao palco e nos deram flores.

O gerente do hotel depois descobriu a verdade e ficou nosso amigo. Também foi ao palco agradecer nossa presença no hotel dele. Darlene Glória, já evangélica, fez um belo discurso. O filho do

Zwinglio levou uma banda de rock. A Elza Soares deu um show maravilhoso e Martinho da Vila encerrou a festa em grande estilo.

Houve uma presença maciça da imprensa, do Brasil todo e do mundo. O Flavio colocou na agenda uma entrevista coletiva antes da festa no Circo Voador, para divulgar as decisões do encontro, que teve grande repercussão. A sociedade nos viu organizadas em nome da nossa profissão. Nós nos vimos assim pela primeira vez. Mas eu nunca sonhei baixo, sempre quis chegar num lugar legal e nunca hesitei em tentar. Se recebêssemos um monte de "nãos", significaria apenas que nós tínhamos tentado e não conseguido. Acontece que muito mais pessoas preferiram atender a negar o nosso chamado.

Foi um evento maduro e bem-feito. Eu acho que aquele era o momento certo. Estava no inconsciente coletivo, a sociedade precisava dar um grande passo em relação à puta. Nós fomos abrindo caminho, saímos do escuro para praticamente um estrelato.

Muita gente começou a nos procurar, universidades, sociólogos, intelectuais. Os pesquisadores de prostituição até então viam a prostituta como vítima, e tudo que eles buscavam era apenas para provar a tese deles. Já havia alguns bons autores, como Magali Engels e Margareth Rago. Com o tempo as pesquisas ficaram mais sofisticadas, e acho que isso se deve a nós, com nossa iniciativa de discutir sobre nós mesmas. Hoje em dia é difícil uma pesquisa sobre prostituição que não nos cite, e tudo começou com esse movimento.

As meninas voltaram para suas cidades, começaram a organizar suas associações e angariaram com certa facilidade o apoio de estudantes, intelectuais e outros segmentos da sociedade. No caso de Belém, em que as mulheres eram, na maioria, analfabetas, o apoio dos estudantes foi crucial para chegar à formalização de um projeto. Idéia e depoimento todo mundo tinha, mas tornar isso uma ação política não era tão simples.

Tudo isso aconteceu numa época em que a sociedade ainda não estava interessada no discurso das minorias. Foi muito antes da era Lula, quando a responsabilidade social e as minorias viraram moda.

DECADÊNCIA SEM ELEGÂNCIA

Na Mimosa, eu, Clara e Eunice fundamos a primeira Associação de Prostitutas do Brasil. Por meio do Iser recebemos ajuda do advogado Modesto da Silveira, famoso na época da ditadura por defender os presos políticos. Ele nos ajudou a fazer o estatuto e ocupamos uma sala de um sobrado abandonado no casario da Miguel de Frias.

Fizemos uma festa para comemorar a fundação da associação e chamar a atenção da imprensa. A malandragem da rua armou um palco e pôs um churrasquinho na brasa. O pessoal do Iser convidou Adéle Fátima, e o meu antigo namorado Carlinhos tinha um amigo cantor de pagode que decidiu passar lá para dar um show e uma força. Era ninguém menos que Zeca Pagodinho.

Minha presença na associação infelizmente durou pouco, oito meses. O interesse da imprensa sempre se voltava para mim, independentemente de eu querer ou não. E como era de esperar isso causava um certo ciúme. Eu não tinha mais paz.

As cafetinas tinham muito poder na zona e não simpatizavam com a associação. Elas passaram a me olhar de viés. Não tem como ficar bem lá se as cafetinas não quiserem. Eu gostava muito da Mimosa, e era duro ser tratada como *persona non grata* lá dentro. Não aconteceu nada de mais, mas era aquela fofocada de ambiente fechado, de gueto. Não tem como viver com aquilo.

De repente apareceu um grande número de jovens ladrões nas duas entradas da Vila, e eles roubavam todos os clientes que saíam. Muitas vezes levávamos alguns clientes até a estação do

metrô porque eles não roubavam homens acompanhados por uma de nós. Foi nessa época também que uma das casas da Vila passou a funcionar como ponto de venda de drogas, tendo como fachada a prostituição.

Um dia apareceu por lá um rapaz negro, bonito e sempre simpático com as mulheres. Seu apelido era Dentinho e era filho de uma cafetina, recém-saído da prisão. Expulsava os ladrões da zona, e aqueles que não obedeciam ele matava. Todos os dias alguém aparecia assassinado na calçada da padaria, e a vida na zona começou a se tornar muito difícil. Todo dia tinha polícia, troca de tiros e as cafetinas fechando as casas. Os clientes já não iam para a zona, principalmente à noite, e gradativamente os bandidos adquiriram mais espaço, a ponto de em cada entrada sempre ter gente armada.

Ali começava a decadência da antiga Vila Mimosa. Algumas cafetinas arrendaram suas casas para pessoas desconhecidas que não tinham a mesma relação com o lugar. Paralelo a isso, começou a crescer o poder do tráfico nos morros, que, é claro, chegou também à zona de prostituição.

Dentinho matou muita gente, e um dia ele também foi morto. Uns dizem que foi a polícia, porque ele não pagou "pedágio", outros dizem que foi o pessoal do tráfico. Nunca saberemos. Sabemos que a Vila Mimosa como lugar de trabalho, cumplicidade e companheirismo estava acabando.

Justo nessa época coincidiu de a Estácio de Sá ganhar o carnaval carioca com o enredo "Paulicéia Desvairada". Até então, o público da Estácio era o pessoal do morro de São Carlos, as prostitutas e os travestis, que adoravam desfilar pela escola. Mas quando ela foi campeã, a zona sul começou a freqüentar a quadra e a direção resolveu limpar a área. As prostitutas passaram a ser barradas na entrada e os seguranças davam tiros pro alto por nada, para fazer show.

A zona aos poucos virava uma zona.

DE VOLTA AO LADO A

A essa altura, a militância e o trabalho no Iser me tomavam muito tempo, e a Vila Mimosa passou a ser somente minha casa e meu descanso.

Eu morava na zona havia vinte anos. Abri mão da vida comum e mergulhei de cabeça naquele mundo. Primeiro, São Paulo. Depois, Belo Horizonte. Agora, Rio. A cultura da boemia da zona estava entranhada em mim. Ali era um lugar onde as pessoas iam viver livremente coisas que do lado de fora escondiam. Talvez por isso a volta à classe média e seus tabus, depois de tantos anos, não fosse algo simples.

Meu lugar não era mais a zona, mas também ainda não era nenhum outro. Eu estava sem habitat. Sem habitat, paciência, humor ou tolerância. Uma chata, uma difícil. Nem eu me agüentava. Como resultado, engordei muito e fiquei horrorosa.

Eu não conseguia assumir uma casa. Andava com uma sacolinha em que levava minhas roupas, sem saber onde dormiria cada dia. Encontrei muito abrigo na casa da Edda e do Zwinglio, em Santa Teresa, e também em Laranjeiras, na casa da Celma, que era secretária do Iser. Vez ou outra, eu dormia na casa do Flavio e da Regina, na rua Benjamin Constant, na Glória. Ou ficava num hotel na avenida Mem de Sá, na praça da Cruz Vermelha. Programas quase nunca, só quando aparecia um freguês antigo. Minha vida de andarilha durou muito, fiquei mais de um ano perdida.

Até que cheguei ao fundo do poço. Onde, segundo dizem e eu pude comprovar, existe uma mola que te joga de novo para cima. Tomei duas grandes decisões. Uma, fazer uma dieta. Outra, alugar um apartamento.

Com o meu salário do Iser, aluguei um conjugado na rua Hermenegildo de Barros, na Glória. Levei minha dieta a ferro e fogo. Rapidamente perdi 10 quilos, o que para uma mulher de 1,50m foi uma mudança radical na silhueta. Das cinzas, eu começava a renascer.

SOS VILA MIMOSA

Não muito tempo depois de sair da Vila Mimosa, para minha grande surpresa, fui procurada pelas cafetinas, que, ironicamente, estavam precisando da minha ajuda.

Ali perto da zona havia um casarão abandonado que a prefeitura tinha cedido para um pastor sediar uma TV recém-adquirida. Quando chegou e sentiu a barra do local, o sujeito contratou um monte de capangas para pôr ordem na região. Eles entravam armados na zona para expulsar as pessoas e davam surras e mais surras. Ficavam na porta da Vila, pedindo documento aos clientes. Por outro lado, o pastor oferecia dinheiro à cafetina que quisesse sair numa boa. Duas já tinham aceitado. As outras entraram em desespero porque, naturalmente, os fregueses começaram a desaparecer. Por isso elas foram me procurar no Iser.

Fizemos uma reunião num sábado com os diversos segmentos religiosos para discutir a questão. Idéia do Zwinglio: já que o cara era pastor, a gente ia fazer uma celebração ecumênica na zona e convidá-lo. Maravilha.

Montamos um palco com jeito de altar e recebemos pastores das mais variadas igrejas. O Zwinglio pediu que eles fossem todos de roupas religiosas porque na época os evangélicos não eram assim tão fortes e o público não entendia pastor vestido de terno. Foram todos de bata, parecendo padres. O pastor foi de terno. Mas ali,

naquele palquinho-altar, ele se comprometeu a não mexer mais com as prostitutas, diante de toda a imprensa.

Além disso, fizemos um ato público no Circo Voador contra o pastor e a TV e fomos recebidas em audiência pelo prefeito Saturnino Braga. Afinal, o pastor podia ficar com a casa, mas o prefeito não lhe dera o direito de expulsar o pessoal da zona. Resolvido. O pastor e seus capangas não incomodaram mais a Vila Mimosa, mas também a TV não deu em nada. Acabou logo depois de entrar no ar.

Agora, então, as moças não precisavam mais de mim. Novamente, fui proibida de entrar na zona, até para tomar cerveja. E era só isso que eu queria mesmo, encontrar as pessoas, bater papo e beber. Não estava interessada em política, a zona era minha casa, meu quintal.

UMA DOR SEM TAMANHO

Um dia eu recebi um telefonema do hotel Palace dizendo que papai estava muito doente, internado no hospital local. Deixei tudo e fui para Caxambu.

Ele tinha sofrido um derrame e estava com todo o lado direito paralisado. Fiquei com ele até a alta hospitalar. Ele voltou para seu quarto no hotel e todos os funcionários tomavam conta dele, não o deixavam beber nem fumar. Mas ele se escondia no banheiro para fumar. Todos cuidavam para que ele se alimentasse minimamente, já que comer não era seu forte. Gostava mesmo era de seu vinho, das conversas, do cassino e do cigarro. Ficava todo o tempo com uma bolinha na mão, fazendo exercícios para recuperar os movimentos. Ele tinha certeza absoluta de que ia sarar e voltar a sua vida e rotina de todos os dias.

Um dia recebi a notícia de que ele tinha morrido. A viagem de quase quatro horas até Caxambu foi de um sofrimento que não sei medir. Só sei que o sentimento de perder meu melhor amigo, conselheiro e pai era algo que eu jamais pensara existir. Não era um sentimento, era um torpor, um vazio.

O dono do Palace já tinha tomado todas as providências para o funeral e meu pai estava sendo velado em uma casa anexa do hotel. Gina, meu cunhado e meus sobrinhos já tinham chegado e foi a primeira vez que eles foram ao recanto do meu pai.

Gina chorava muito e me perguntou por que ele tinha escolhido viver sozinho, sem a família. Essa é minha irmã, tão querida e tão diferente de mim. Sempre acreditou que as pessoas só não são solitárias quando vivem em família. De fato, ela nunca deixou a peteca cair quando o assunto era família. Thais, minha outra irmã, sempre ia visitá-lo e eles tiveram seus momentos de alegria. Mas ela não quis ir para o enterro. Entendi perfeitamente seu sofrimento e a sua necessidade de guardar a imagem dele vivo, com um cálice de vinho na mão, seus óculos fundo de garrafa e seu amor por nós.

Naquela madrugada creio que grande parte da cidade esteve no velório. Era muita gente, e lá pelas três da manhã começaram a chegar crupiês elegantes dos vários cassinos clandestinos no circuito das águas, como é chamada a região de Caxambu. Foi uma celebração! Eles beberam uísque e vinho servidos pelos garçons do hotel e contaram histórias sobre meu pai, considerado por todos o melhor crupiê que os cassinos do Brasil jamais conheceram. Muitas histórias eu não conhecia porque ele era muito discreto.

Uma multidão acompanhou o cortejo fúnebre. E conforme ele ia passando pelas ruas, o comércio ia fechando suas portas a meio. Quando chegamos à Igreja Matriz, os sinos começaram a dobrar e houve uma missa de corpo presente – a primeira e única missa a

que prestei atenção na vida. Gina estava a meu lado e ali eu pude responder a sua pergunta sobre a solidão de papai: “Ele nunca foi só porque ele respeitava as pessoas e era respeitado por elas. Veja como a igreja está lotada de pessoas, e todas elas, inclusive o padre, conviveram com ele e descobriram seu grande amor pela vida.”

Terminado o enterro, eram tantas pessoas que nos davam pêsames pela cidade que fiquei tonta e passei a responder automaticamente.

No hotel fomos levadas ao quarto do meu pai para fazer um inventário das coisas dele. Lá, naquele quarto espaçoso e claro, ele viveu uma parte de sua vida. Não tinha dinheiro, nem propriedades, somente suas roupas sempre bem cuidadas, seus sapatos pretos tão engraxados que pareciam um espelho, seus livros e alguns papéis. Encontrei no meio de tudo uma carteira de trabalho, expedida em 1940, com muitos registros em cassinos pelo Brasil afora. Retrato de uma época em que o Brasil era mais romântico e menos moralista quanto aos prazeres da vida. Na primeira página, uma foto três por quatro de um homem jovem e bonito já de óculos e vestido como eu sempre o vi: terno, camisa branca e gravata.

Fiquei com a carteira de trabalho e seus óculos fundo de garrafa. De material é tudo que tenho de meu pai, mas ele me deixou uma herança incalculável com seu modo de vida, carinho e companheirismo. Sou muito como ele nas minhas decisões e nos meus gostos, que incluem um bom vinho, um bom restaurante, bons amigos, bons papos e um amor imenso pela noite e a boemia, entre muitas outras coisas que descubro conforme vou vivendo.

A VOLTA DA POLÊMICA DO NOME

Tinha muita gente que dizia que eu não era o retrato da prostituta brasileira. O pessoal do PT me comparava com a Eunice, que é negra, pobre e sem instrução. Isso também foi muito difícil para mim. Eles queriam me provar que eu não era uma coisa que eu era. No mínimo cansativo.

No final de 88, nós decidimos lançar o jornal *Beijo da Rua* em Recife, onde ia haver o Primeiro Encontro de Prostitutas do Nordeste. Tivemos apoio do prefeito de Recife, Jarbas Vasconcelos, que cedeu um teatro para sediar o evento.

O primeiro número do *Beijo da Rua* fez o maior sucesso e nós publicamos nele um poema do Carlos Drummond de Andrade chamado "A puta". Eu estava lá numa tremenda festa, bebendo cerveja e, de repente, aparece uma prostituta com uma faca na mão, bravíssima, dizendo: "Eu quero saber de quem é essa porcaria desse jornal que está me chamando de puta!" Os donos do bar conseguiram tirar a faca da mulher a duras penas. Expliquei que Carlos Drummond era um grande poeta mineiro, que a palavra puta não era um xingamento e sim um elogio. Ela queria me matar de todo jeito. Eu dizia: "Esse jornal é nosso!" E ela me respondia que não era puta! Eu corri um sério risco de morrer em solo pernambucano, com uma peixeira na garganta. Essa mulher deve ter sofrido muito por causa do nome "puta", como todas nós, é claro. Mas para ela era um trauma fora do comum. Depois ela entendeu, ficou tudo bem.

No Segundo Encontro, outros assuntos entraram em pauta, como as fantasias sexuais. Mas a discussão sobre o nome acabou reaparecendo. Segundo Encontro Nacional de Prostitutas. Ninguém queria usar a palavra "prostituta". A partir do momento em que a gente já estava organizada, a gente precisava ter um nome mais "sério". O Fernando Gabeira deu o nome de "profissionais do sexo". A rede passou a se chamar Rede Brasileira de Profissionais do Sexo. E todo mundo passou a chamar prostituta de profissional do sexo.

P.S. Sou contra. Para o movimento é importante assumir o nome, não fugir dele.

Num Congresso em Florianópolis, Chateaubriand, assessor do movimento de prostitutas, organizou uma mesa para discutir a história da palavra *prostituta*. Eu já fui chamada pela Faculdade de Linguística da Unicamp para discutir isso. Eles ficaram entusiasmados com essa discussão. E o assunto rende. As colegas da América Latina consideram nosso movimento atrasado em relação ao delas, porque elas usam "trabalhadoras do sexo", e nós ainda não vencemos o preconceito e nos chamamos "prostitutas". Eu penso o contrário, parece que mudar o nome é um pedido de desculpas.

Num congresso latino-americano sobre aids em Buenos Aires, foi distribuído um livreto com instruções para os voluntários. No capítulo "palavras que não podem ser usadas nesse congresso de forma alguma", estava a palavra prostituta. A minha mesa no congresso era das mais badaladas, tínhamos acabado de lançar a Daspu, todo mundo queria saber quem éramos nós. Então, estavam lá todos os bambambãs da ONU e de outras organizações e instituições. A coordenadora da mesa, líder de uma associação de prostitutas do Equador, me perguntou: "Como eu te apresento, Gabriela?" Eu disse: "Diga que eu sou da Coordenação Nacional da Rede Brasileira de Prostitutas." Mas eu já sabia no que ia dar. Eu fui a terceira a falar. Ela me apresentou em espanhol: "Tenho a grande honra de apresentar a vocês Gabriela Leite, nossa liderança mais antiga, que é da Coordenação da Rede Brasileira de Trabalhadoras do Sexo." Eu tomei a palavra: "Eu estou muito feliz de estar aqui, mas queria fazer uma correção à minha colega equatoriana. Queria dizer que o nome da nossa rede é Rede Brasileira de Prostitutas e que nós gostamos que nossa rede seja chamada dessa maneira, portanto, toda vez que for falar da Rede Brasileira de Prostitutas,

tem que falar Rede Brasileira de Prostitutas. Porque nós gostamos muito de ser chamadas de prostitutas”, eu fiquei repetindo, repetindo, repetindo... fiquei puta.

“TUDO parece ousado
para quem nada se
atreve.”

— FERNANDO PESSOA

FLAVIO LENZ, O HOMEM

Eu nem sabia que isso existia, mas devo ter passado uns cinco anos vendo como amigo quem considero o homem da minha vida.

Via nele um bom papo, um companheiro na militância, um intelectual poderoso, um jornalista de grande competência. Ele era tudo, menos objeto do meu desejo. E se naquela época me dissessem que um dia nós estaríamos juntos e apaixonados, eu teria rido muito.

Nós estávamos trabalhando a pleno vapor na publicação do jornal *Beijo da Rua*. O Flavio era o editor e nossas conversas no botequim varavam madrugadas. Discutíamos temas, tínhamos idéias, trazíamos convidados. Muita gente boa escrevia matérias e era entrevistada. O *Beijo* era um pequeno sucesso editorial.

Eu conheci a Regina, mulher dele, quando ela estava grávida do Rafael. Uma vez saímos numa escola de samba juntos, com o Rafael já nascido. E como éramos muito amigos, eu jantava freqüentemente na casa deles. Desde pequeno o Rafael me adorava. Era um menininho muito simpático, uma gracinha. O Iser, nessa época, estava no seu terceiro endereço, um casarão da ladeira da Glória, onde a gente fazia umas festas de fim de semana, à beira da piscina. Naquela época todo mundo era muito ligado. Um dia o Flavio e a Regina chegaram com o Rafael numa festa e, quando ele me viu, saiu correndo, me abraçou. Nunca me esqueço desse momento. Eu ficava pensando: "Por que será que essa criança gosta tanto de mim?" Ele ficava atrás de mim o tempo inteiro. E eu o adorava também, me despertava um sentimento completamente especial.

Nessa época, o casamento do Flavio e da Regina estava meio mal. Como eu era amiga dos dois, ouvia muito as queixas de um e de outro. O Flavio realmente não era fácil. Tinha a ex-mulher que

morria de ciúmes dele e dava show na frente de todo mundo. Tinha a mulherada que ficava encantada com o charme e a elegância do intelectual e marcava em cima. A Regina já estava ficando cheia daquilo tudo, com toda a razão.

Regina é uma mulher inteligentíssima. Socióloga, poliglota e altamente capacitada. Justamente no momento em que não estava muito feliz com o Flavio, ela recebeu uma bolsa para um curso nos Estados Unidos. Era uma oportunidade e podia ser uma boa para o casamento. Ela resolveu ir, dando um tempo para ver como ia ficar.

O Rafael, na época com 5 anos, ficou com o pai. O Flavio tinha uma certa estrutura, com empregada e a mãe dele, que adorava o neto, e certamente daria uma superforça. Mas ele tinha o horário puxado no *Jornal do Brasil* e não dispunha de empregada que ficasse o tempo inteiro. Como eu era muito amiga dele e adorava o Rafa, me dispus a pegá-lo na escola de vez em quando e ficar com ele. Eram uma festa esses dias com o Rafael, uma maravilha. De alguma forma aquilo realizava meus instintos maternos.

Assim que a Regina viajou, o Flavio caiu numa depressão profunda. Ele percebeu os estragos que havia feito e que precisava correr atrás do prejuízo. Fez o possível e o impossível para ir aos Estados Unidos atrás dela. Foi implorar pelo visto no consulado, pediu férias no *Jornal do Brasil* e deixou o Rafael comigo e com a avó Maria Luiza.

A gente ficou muito tempo juntos, no meu conjugado. Eu levava na escola, buscava, fazia o jantar, dormia com ele. Uma maravilha. Só que o Flavio voltou dos Estados Unidos pior do que tinha ido. Porque lá a Regina deu menos esperanças ainda para ele. Eu procurava dar uma força pro meu amigo, mas sabia que a sova era merecida.

Eu continuava com meus namoradinhos. Desde que tinha terminado com o Carlinhos Pantomima não havia acontecido nada de empolgante. Eu conhecia uns rapazes, saía com eles, mas na

verdade estava muito por conta do meu trabalho. Aquela era a prioridade. E se o coração não estava disparando por ninguém, não chegava a fazer falta.

Naquela noite eu tinha uma saída marcada com um dos meus namoradinhos. Era sexta-feira e o samba na Mangueira prometia. De repente o Flavio me liga, dizendo que ia ter pescoção no *Jornal do Brasil*, se eu não podia ficar com o Rafa até ele chegar, lá pelas duas da manhã. Eu disse que não poderia. Adorava o menino, mas estava muito em cima para desmarcar com o meu namoradinho. O Flavio ficou de ver com uma amiga também do Iser, a Caetana, que tinha uma filha da idade do Rafa, se ele podia dormir lá. De toda forma, como eu fiquei preocupada, disse a ele que estaria na Taberna da Glória tomando uma cerveja até as 11, porque o samba só ia começar à meia-noite. E que, qualquer coisa, me procurasse por lá...

Eu já tinha percebido que o Rafael estava muito sensível. Claro, as coisas estavam complicadas. A mãe viajando, o pai sofrendo. A criança sempre é afetada. Não deu outra. Estava lá tomando minha cerveja quando vejo o carro da Caetana estacionar em frente à Taberna, e o Rafael lá dentro aos prantos: "Eu quero a Gabi, eu quero a Gabi!" Acabou-se o samba na Mangueira. Quando ele me viu, me abraçou, parou de chorar e disse: "Vamos para casa!" Fui até o balcão, pedi o telefone do bar e liguei pro Flavio no *Jornal do Brasil*. Que situação. O Flavio me pediu encarecidamente para levar o menino para a casa dele, supondo que lá ele ficaria tranqüilo com a Caetana. Ok, lá fomos nós.

Quando a gente entrou na casa do Flavio, o Rafael disse: "Eu não quero nenhuma dessas pessoas na minha casa, só quero a Gabi." A essa altura o namorado já estava de cara feia e tal. O menino começou a chorar de novo. Todos desceram e ficaram me esperando na padaria.

Enquanto o Flavio não chegava, eu fiz uma comidinha pro Rafa e botei ele para dormir. O Flavio chegou, eu saí. Mas aí ninguém queria mais ir para canto nenhum. Nem preciso dizer que esse cara nunca mais me procurou na vida... Muito educado, mas nunca mais apareceu.

Eu fui para casa e naquela noite comecei a pensar que eu não queria mais ficar com o Rafa. Eu já tinha tido duas crianças que não pude criar e agora tinha um menino que me amava e me adorava, mas só até a mãe dele chegar. Vi que eu estava muito afeiçoada e sofria muito com ele e por ele.

Chamei o Flavio e disse: "Meu amigo, espero que você me compreenda, mas eu não quero mais tomar conta do Rafa. Eventualmente podemos sair e tal, mas não mais assim." Ele me conhecia bem, sabia do que eu estava falando e me entendeu perfeitamente.

Quando a Regina voltou, eles decidiram se separar mesmo. Esse momento eu não acompanhei muito de perto. Tinha decidido me concentrar em outras coisas. Passado um tempo, o Flavio me procurou. Ele me disse que estava se libertando daquela fixação pela Regina, que estava aceitando a perda. De fato, ele estava bem melhor. Mais tranquilo, mais leve. Sei lá quantas cervejas depois, veio a grande surpresa.

O Flavio me disse que estava interessado em ter uma relação mais próxima comigo. Achei aquilo estranhíssimo, sair com meu amigo de tantos anos. Ele era charmoso, muito educado e fino, e eu via a mulherada em cima dele, mas não podia imaginar uma coisa dessas. Eu nunca tinha tido nenhuma paquera com ninguém do Iser. Eu via acontecer de tudo lá dentro, nos estudos da religião, mas comigo ninguém se metia. Eu era a prostituta do pedaço e muito chata, de poucos amigos. Fiquei meio descrente, achando meio esquisito, mas decidi não negar fogo. Aliás, aquele rapaz magrinho,

de olhos azuis e fala mansa, não era nem um pouco de se jogar fora.

A gente começou a dar umas saídas, ainda muito tímidas, muito sem jeito, mas eu tive que viajar. Havia um congresso em Florença e resolvi aproveitar para conhecer Veneza antes. Péssima idéia. Foi pisar em Veneza para descobrir que nada tinha graça. E foi ao descobrir que nada tinha graça que eu vi que estava apaixonadíssima pelo meu amigo Flavio Lenz. Era um cartão-postal por dia, tudo me lembrava ele, tudo eu queria comentar com ele, tudo! Fui pega por uma saudade dilacerante e não via a hora de chegar no Rio de Janeiro.

Quando cheguei, 15 dias depois, uma eternidade, o Flavio estava me esperando no aeroporto. Ele me falou sobre o processo de separação com a Regina e que havia saído de casa e estava num hotel de solteiros em Santa Teresa. Flavio não foi trabalhar no Iser e passamos o dia conversando e bebendo cerveja. Nós estávamos completamente encantados um pelo outro. Parecia que não nos conhecíamos, mas ao mesmo tempo tínhamos a intimidade dos cinco anos de amizade. A combinação surpreendente era perfeita.

Quatro da tarde, o Flavio foi pro *Jornal do Brasil* e eu fiquei no quarto dele no hotel. Desmaiei na cama depois de 24 horas no ar e um monte de cerveja. Quando o Flavio chegou de madrugada, bateu várias vezes na porta e eu não ouvi nada. Para não me acordar, ele arrumou uma escada com o gerente do hotel e entrou no quarto pela janela. Quando me contou no dia seguinte, achei super-romântico.

Eu e a Regina nunca fomos rivais. Muita gente quis que isso não fosse verdade e até se empenhou para que parecesse mentira. Mas em nenhum momento nós competimos pelo Flavio. Somos amigas até hoje, gosto dela e ela de mim. Mais que isso, eu a admiro

muito. E amo o filho dela, o que certamente nos aproxima ainda mais.

Mas é claro que eu estava de novo quebrando um tabu. Estava namorando o ex-marido da minha amiga, sem brigar com ela e tampouco a traindo. Isso incomodava muita gente, especialmente as mulheres. E não demoraria, ia haver represália. Mas naquele momento eu estava no céu, nem cogitava essa hipótese de o tempo fechar.

O Flavio resolveu deixar o hotel de solteiros e alugar um apartamento, para que o Rafael pudesse ficar com ele nos fins de semana. Nesse mesmo momento, o senhorio do meu apartamento pediu rescisão do contrato, porque estava precisando do imóvel para morar. Nesse caso, pelo menos antigamente, não sei hoje, o inquilino tinha que entregar o apartamento de imediato. Coloquei minhas coisas num guarda-móveis e fiquei de novo morando de improviso. Como o quarto do hotel era bem grande, legal, eu decidi ficar com ele. O Flavio foi para um apartamento na rua Candido Mendes. Nessa época o Rafael tinha 6 anos e estava muito triste. Foi quando houve a consumação da separação do Flavio e da Regina. E no início do nosso namoro o Rafa me deu uma rejeitada. Foi tudo muito rápido para nós, que dirá para o menino.

Logo depois que o Flavio se mudou, ainda arrumando o apartamento, recebi um convite para uma conferência em Estrasburgo, na França, onde haveria um Congresso de Prostitutas Migrantes, assunto que se discute muito até hoje. Como as conferências teriam que ser feitas em inglês e sem tradução simultânea, o Flavio era a pessoa mais indicada, e eu passei o convite para ele. Ele ficou lá por umas duas ou três semanas, e nesse período eu não vi o Rafa. Ele ficou com a avó, dona Maria Luiza. Quando o Flavio estava para chegar, antes de ir para o aeroporto, marquei uma cerveja com ela. Era a hora de assumir as coisas.

A Maria Luiza era uma mulher séria e elegante, uma protestante aguerrida que não ficava muito feliz com as opções de esposa do filho. Ela custara muito a aceitar a Regina, e quando as duas acertaram o passo, houve a separação. Como se não bastasse, o filho se apaixonava por outra ainda mais complicada para ela, uma prostituta. Foi chato. Ela me tratava com indiferença, o Flavio ficava chateado, era uma situação desagradável. Mas eu já estava gostando muito dele e não dava para ficar naquela com sua mãe. Passei numa butique, comprei uma roupa azul bem bonita, de linho, e fui para a Taberna da Glória.

Um dos traços característicos daquela que seria minha sogra e amiga é que ela era direta. "Eu não gosto de você, acho que você está atrapalhando a vida do meu filho." Não me intimidei, gosto de gente assim, e lhe disse: "Olha, isso para mim também é uma surpresa, foi tudo muito de repente. E pode até ser um namorico, uma coisa à toa, que vai passar, mas eu estou gostando muito do Flavio. Ele é um grande companheiro, uma pessoa muito especial." Expliquei que não queria atrapalhar a vida dele, que tanto ele quanto o Rafael e a Regina eram importantes para mim já há muito tempo. O que eu queria era continuar numa boa com ele enquanto estivesse legal para nós. Mas o mais importante, o que eu acho que mudava tudo, era esclarecer para ela que eu não tinha nada a ver com a separação deles.

Depois de uma hora, mais ou menos, o Waldo, pai do Flavio, passou na Taberna de carro com o Rafael, para pegar a Maria Luiza e seguir para o aeroporto, para buscarem o filho. Paguei minha conta e me despedi dela para pegar um táxi, quando ela me surpreendeu: "Não, não. Você vem com a gente." A partir desse dia, ela começou a me tratar muito bem. Nós fomos muito diretas uma com a outra e deu certo. O Flavio, quando chegou no aeroporto e nos viu todos juntos, levou um tremendo susto. Ele nunca esperava aquilo.

Fomos para a casa dele. Os pais dele foram embora, ficamos nós três para jantar. Fiz meu tradicional espaguete e o Flavio desceu para comprar um vinho ali no supermercado da esquina. Nesse dia ele me convidou para morar com ele.

NO CÉU (E UMA OU OUTRA CENINHA DE CIÚME)

Quem via as coisas acontecendo tão rápido entre nós não poderia imaginar que aquilo realmente viesse para durar.

O apartamento do Flavio era pequeno e, como ele só decidiu me convidar depois que já tinha montado tudo, minhas coisas continuaram no guarda-móveis.

Se antes do Flavio eu já quase não fazia programas, depois dele abandonei a profissão. A militância e o exercício do trabalho são quase inconciliáveis. E eu estava melhor financeiramente, pois logo depois do Primeiro Encontro surgiu uma oportunidade de uma bolsa de estudos.

Um andar abaixo do escritório do Iser ficava o escritório da Ashoka, uma instituição americana de apoio aos empreendedores sociais, com sede em Washington e mantida com a doação de cidadãos americanos. Lá eles levam os donativos muito a sério, e a Ashoka, desde que veio para o Brasil, cresceu muito, sempre voltada para pessoas, não para instituições. A diretora, Lene Silverstain, uma americana que morava no Brasil há muitos anos, sugeriu, depois do Primeiro Encontro, que eu apresentasse uma proposta para a instituição.

A coisa funcionava da seguinte forma: você recebe uma quantia mensal para ajudar no seu trabalho durante três anos, podendo estender por mais um. Eu recebi durante quatro anos. Depois disso, você não recebe mais dinheiro, mas continua associado à

instituição. De três em três meses eu recebia um cheque de 1.200 dólares.

Um tempo depois de eu ter ido morar com o Flavio, a Regina resolveu deixar o apartamento dela na Benjamin Constant e foi morar com os pais, em Niterói. Como o Rafa estudava no São Vicente, no Cosme Velho, ele passou a ficar com a gente direto, na Glória. O Flavio o levava de manhã para a escola, eu buscava de tarde, dava almoço, ficava com ele e nos fins de semana ele ia para a mãe. Foi uma época muito feliz. O Flavio se mostrava um companheiro maravilhoso, sempre atento e disponível. Esse é o príncipe que não virou sapo. Hoje, tantos anos depois, ele continua o mesmo.

No começo da nossa vida juntos, eu brigava muito com o Flavio. Afinal, eu sabia o quanto ele era mulherengo. Então, eu marcava em cima. Mas depois a coisa foi se assentando.

A história mais engraçada e absurda dessa fase aconteceu quando nós tínhamos nos mudado havia pouco tempo para nossa casa atual. É um casarão antigo, com três andares: um embaixo, onde fica uma casinha menor; o do meio, onde nós moramos; e o sótão, onde a gente hospeda os amigos, eu monto meus quebra-cabeças e outras coisas assim. Ele ainda trabalhava no *Jornal do Brasil* e sempre tomava uma cerveja na praça Mauá com os amigos da redação, depois do expediente. Eu já estava irritada com aquela coisa de ele chegar em casa com o dia amanhecendo. Nessa noite, cheguei em casa por volta das 11 da noite, também tinha tomado umas cervejas com o meu pessoal, e não vi o Flavio. Já estava meio alta, fiquei puta: resolvi ir atrás dele na praça Mauá.

Saí de casa e peguei um táxi, mas aí me lembrei que eu estava sem dinheiro e só com uma folha de cheque. Pedi ao motorista para dar uma paradinha no Santos Dumont para eu tirar algum no caixa

eletrônico. Só que o caixa eletrônico já tinha parado de funcionar por causa do horário. Pedi que o motorista aceitasse meu cheque e ele topou. Me deixou na praça Mauá e lá se foi minha única folhinha de cheque. Quando cheguei no botequim, o Flavio não estava lá. Se não estava lá, só podia estar no Capela, restaurante tradicional da Lapa, ponto de encontro dos jornalistas na época em que se podia fumar lá. A minha sorte é que era véspera de carnaval e havia muitos homens trabalhando na decoração da avenida Rio Branco. Fui andando da praça Mauá até a Lapa, de madrugada, bêbada e xingando o Flavio.

Quando cheguei ao Capela, encontrei todos os amigos do Flavio, menos ele. Já entrei dando esporro: "Cadê o Flavio?!" Um amigo dele, diagramador, um cara muito gentil, sentiu a barra e tratou de me acalmar. "Gabriela, senta um pouquinho, toma um chope. O Flavio já foi para casa, vai para lá." "Nada, eu estive em casa, ele tá é com mulher!" Aquelas coisas. O rapaz muito discretamente pegou um dinheirinho, me deu e me colocou dentro de um táxi. Quando cheguei em casa, já do portão, olhei pro sótão e vi que a luz estava acesa. Ai, que vergonha. Já subi as escadas deixando o diabo lá embaixo. Quando entrei, o Flavio estava dormindo com um livro na cara. Ele já estava lá fazendo suas leituras quando eu chegara da primeira vez, às 11 da noite. Como dizem os adolescentes, foi um mico.

Havia um ou outro percalço, mas eu e o Flavio estávamos no céu. E a gente até podia suspeitar, mas sem ter certeza, do quanto aquilo podia despertar a fúria de algumas pessoas.

UM COPO DE CÓLERA À BEIRA DA PISCINA

Era Natal e havia uma festa no Iser. Mais de cem pessoas num churrasco à beira da piscina. O Flavio estava trabalhando e eu fui

na frente com o Rafa. Quando cheguei lá, estavam entregando na porta um manifesto, assinado pelas mulheres do Iser. Entrei na festa e senti um clima pesado, que eu não entendi muito bem. Sentei e comecei a ler o manifesto, que na verdade era uma sentença de morte. Era a minha sentença de morte.

No documento elas afirmavam que eu era uma mulher perigosa, pois — pasmem! — havia tirado o marido da Regina. E ainda tinham o requinte de justificar o pedido de expulsão com motivos técnicos. Um, que a prostituição não cabia na missão da instituição. Outro, que uma ONG não podia receber dinheiro do governo. Eu estava negociando com o Ministério da Saúde um projeto sobre aids e fazendo pressão para a instituição aceitar o dinheiro. Pouco tempo depois não só o Iser, mas quase todas as ONGs estavam recebendo dinheiro público.

A Edda Mastrangelo foi a única mulher de lá que não assinou o manifesto. E a Regina imediatamente se pôs contra. Era mesmo um absurdo, uma invasão da privacidade dela.

Eu fiquei sentada ali, à beira da piscina, olhando aquilo tudo, sem acreditar. O clima era funesto e o Rafa, mesmo sem entender o que estava acontecendo, não saía um minuto do meu lado. Quando o Flavio chegou e leu o manifesto, me disse apenas uma coisa: “Vamos embora daqui.”

Passamos o Natal na casa dos pais dele. Maria Luiza e Waldo ficaram indignados com a situação. Waldo era um dos fundadores do Iser.

O Flavio caiu de cama por uma semana inteira. Ficou numa depressão terrível, prostrado, não conseguia trabalhar. No dia 31, ele se levantou e disse que ia dar uma saída. Fiquei preocupadíssima. Uma hora depois, voltou com uma champanhe das boas e disse: “Hoje nós vamos comemorar, vamos passar o ano na praia.” Naquele tempo, Copacabana ainda era o melhor lugar para se passar o dia 31.

Há quem diga que o motivo oculto do pedido de expulsão, assinado única e exclusivamente por membros do gênero feminino da instituição, era um só: Flavio Lenz estava fora de circulação. Charminho que ele até merece. Mas eu acredito que elas tiveram uma motivação de outra natureza. O manifesto era uma resposta ao acinte que eu cometera contra os tabus cuidadosamente mantidos pelas sociólogas da religião. Uma prostituta não deve ter direito a se casar com um intelectual da classe média. A não ser que ela seja a personagem interpretada pela Julia Roberts. Uma prostituta não deve ter um homem que é disputado por mulheres bem formadas e inteligentes. A não ser que ela seja a Julia Roberts. E mais do que isso, uma prostituta não pode se casar com o ex-marido de uma amiga sem ter ao menos cometido um ato sórdido de traição do qual elas pudessem confortavelmente me acusar. Era isso o que incomodava.

Mas se há algo na história de Jesus que a religião usou muito e com o qual eu não compactuo é a idéia de dar a outra face. Não dou, não. Eu revido. E se eu não revidar me sinto extremamente culpada.

SOMOS MÁS. PODEMOS SER PIORES

Essa história de manifesto foi liderada por uma antropóloga que hoje mora nos Estados Unidos e que, na época, era responsável pelo projeto de aids dentro da instituição. Ela tinha sido aluna do Rubem Cesar no Museu Nacional e estava crescendo muito, com a minha ajuda inclusive, porque eu já trabalhava há algum tempo com o assunto. Anos depois, eu reencontrei essa senhora e foi uma cena de filme.

Eu estava num congresso sobre aids no Chile, e, terminada a última conferência, a turma se juntou para sair e tomar um pisco

sauer, bebida típica do país. Mas eis que eu precisei voltar para ir ao banheiro. Eu estava atravessando o centro de convenções já vazio quando ouvi um barulho de salto de sapato atrás de mim. Eu olhei: era a distinta senhora. Foi só olhar para ela e fui tomada de novo pelo mesmo ódio que sentira à beira da piscina. Não tive dúvida. Dei meia-volta, parei na frente dela e cuspi. Cuspi, sim, nos pés dela. Ela ficou imóvel, não disse uma palavra. Ficou parada me olhando ir embora, sem reclamar. Ela sabia que merecia.

A propósito, essa senhora, como coordenadora de um projeto de aids, foi uma das primeiras pessoas a receber verba governamental, e muita. Assim como muitos outros projetos de ONGs que recebem e vivem do dinheiro público.

UM PASSO ATRÁS NA DIREÇÃO CERTA

Depois da virada, eu, Rafael e Flavio fomos para Olinda, passar férias. Foi nesse dia que o Rafa me batizou com o jeito que ele me chama até hoje. Nós estávamos no aeroporto e ele, sempre muito falante, muito alegre, despertou a atenção do rapaz do check-in: "Tá feliz? Vai viajar com o papai e a mamãe?" E o Rafa respondeu com aquele jeito lindo dele de olhar fixamente para as pessoas: "Estou feliz, sim. Esse é o meu pai mas essa não é minha mãe, minha mãe está lá em casa. Ela é minha quase-mãe." Adorei o título, sou apaixonada pelo quase-filho.

O Rafa voltou um pouco antes com o Rubem Cesar, que também estava lá. Eu e o Flavio ficamos curtindo uma luazinha-de-mel improvisada, para nos refazer da *bad trip*.

Os dias no Recife foram maravilhosos, e isso deixou claro que não fazia o menor sentido voltar para aquele antro, aquele inferno que tinha se tornado o Iser.

Assim que chegamos no Rio, eu tive uma péssima notícia que só veio confirmar isso. Era costume toda terça-feira eu e minhas colegas fazermos uma reunião para discutir nosso movimento no pátio externo da sede do Iser. Numa terça em que eu ainda estava viajando, as meninas foram para lá e a direção notificou-as de que elas não podiam entrar nas dependências da casa, nem na cozinha, nem sequer no banheiro. Só podiam ficar lá fora. Um desrespeito, uma covardia. Fiquei uma fera. Por muito menos eu já havia mudado a minha vida, não fazia nenhum sentido aturar aquilo.

Marquei uma conversa com o diretor administrativo. Nos encontramos na Taberna da Glória e avisei que estava saindo da instituição. Ele argumentou, resistiu a aceitar. Propôs que alugássemos uma sala para mim para que esse mau momento não me incomodasse, e eu pudesse tocar meu projeto. Eu não quis. Por fim, ele sugeriu que eu, como todo funcionário que não está satisfeito, pedisse minhas contas e fosse embora.

Eu não era uma funcionária qualquer, tinha implantado um projeto que eu coordenava lá dentro. Eu ia sair, mas levaria tudo, rigorosamente tudo que eu havia planejado e desenvolvido. Ele lavou as mãos, me disse que nesse caso eu devia contratar um advogado. Isso não seria problema.

Fui até o Iser, avisei o Flavio e a todos que trabalhavam comigo que eu estava indo embora e que ia para a Taberna comemorar minha liberdade. Ventava forte quando o Flavio apareceu do lado de fora do bar, uma hora depois, cheio de pastas de arquivo suspenso, gritando no meio da rua: "Estou livre! Livre!" Jogando os papéis todos pro alto, ao sabor do vento. Foi uma coisa bonita de ver. O Flavio me disse: "Gabriela, eu também saí. Vamos montar uma instituição juntos." Nesse dia, nós ficamos bebendo até amanhecer.

DAVIDA

O desafio era montar a nossa própria instituição, com o objetivo único de defender os direitos da prostituição, seu reconhecimento como profissão, diminuir os riscos a que estão expostas as prostitutas e o que mais fosse crucial para o desenvolvimento da cidadania dessas mulheres.

O nome Davida, inspiradíssimo, foi o Flavio quem deu. O Waldo montou o estatuto, passo a passo com a gente, e foi presidente da instituição até morrer. A gente tinha tudo, menos dinheiro.

Planejamos um show de lançamento da ONG Davida com lucros revertidos para as despesas da sua fundação. A Ângela Leal nos cedeu de graça o palco do teatro Rival. A Sandra de Sá topou cantar e o Zeca Pagodinho não só foi, como levou a banda inteira dele.

A bilheteria era nossa. Só que, antes de começar o show, o Zeca me disse: "Então, Gabriela, eu trouxe todo mundo aí, mas as pessoas precisam tomar uma cerveja." Claro que nós assumimos a cerveja da moçada e também a nossa. No final, ficaram elas por elas, bilheteria por cerveja. Mas valeu pela divulgação, pelo apoio desses artistas maravilhosos.

Nós precisávamos de uma sede. O Lima, presidente do Bloco Carnavalesco Unidos do Morro do São Carlos, tinha uma quadra bem grande no Estácio, onde o bloco ensaiava. Ele nos ofereceu um espaço para montar uma casinha e funcionar provisoriamente. Assim foi feito. Para cuidar da questão com o Iser, conseguimos um bom advogado que aceitou pegar a nossa causa de graça. A negociação demorou um ano. Mas não abri mão de nada, eu queria tudo. Até os móveis que eu tinha comprado para minha sala. Enchemos duas Kombis com material de projeto e levamos para o Estácio. De volta ao Estácio.

A FAMÍLIA CESAR

Nem tudo era murro em ponta de faca na nossa vida. Junto com Flavio veio de presente uma família maravilhosa que me acolheu e me ensinou muito.

Depois do quebra-gelo que tive com Maria Luiza, ela ficou muito minha amiga. Tornou-se um hábito almoçarmos juntas aos domingos. No início era muito estranho para mim. Eles eram protestantes e eu não podia fumar lá. Mas depois comecei a adorar aquilo. Mesmo sem gostar de cozinhar, Maria Luiza sempre nos recebia com um pratinho especial. Eu retribuía com prazer, e o Waldo até seu último dia na Terra amava e elogiava minha comida.

O Waldo era mais simpático, a Maria Luiza mais fechada. Era professora de português. Uma excelente professora, séria, rígida e completamente apaixonada pelo seu ofício. Os alunos a adoravam, entravam em contato com sua vocação e realmente aprendiam. Ela falava muito bem o francês e o inglês. E, já senhora, decidiu estudar alemão. Um dia eu fui no Instituto Goethe buscá-la e ela estava cercada de jovens. Aparentemente muito seca, era, na verdade, extremamente afetiva.

Waldo Aranha Lenz Cesar foi um grande sociólogo da religião. Filho de um pastor protestante, era muito respeitado no meio intelectual. Foi ele quem me ensinou a localizar trechos relacionados à questão da prostituição na história da humanidade. Foi ele quem me mostrou o efeito da religião sobre a figura da prostituta. Praticamente foi o Waldo quem me explicou a minha própria causa.

Maria Luiza morreu primeiro, e de tristeza. Não havia outra explicação. Depois da morte de sua filha, uma das maiores poetisas do Brasil, Ana Cristina Cesar, que infelizmente eu não conheci, ela nunca mais foi a mesma. A cada junho ela ficava muito deprimida.

Um dia, neste mesmo mês, ela parou de comer e seu coraçãozinho não agüentou de saudade.

Ana era uma mulher muito especial, muito amada. Foi a tradutora do *Relatório Hite* no Brasil. Seus poemas são emocionantes e lindos. O Flavio costuma dizer que se nós tivéssemos nos conhecido, seríamos grandes amigas. É uma honra para mim pensar assim.

Felipe é o terceiro irmão. Meu amigo querido, apesar de nos vermos pouco. Algumas vezes eu pude ajudar nas divergências que ele e Flavio tinham. Adoro o Felipe.

Quando Waldo já estava bastante doente, com câncer, decidiu ir morar no sítio deles na Serrinha. Ele tinha um orgulho enorme dos pratos que eu preparava para ele, e mesmo de férias no sítio eu abria mão de ficar à toa na piscina ou na cachoeira para fazer o almoço que o meu sogro gostava que fosse pontual. Era um prazer fazer aquilo para ele. Era como se eu continuasse o trabalho de dona Maria Luiza.

Os efeitos da quimioterapia se tornaram muito duros para o Waldo e não era mais seguro deixá-lo ficar no sítio. Ele passou seu último mês na nossa casa, sentadinho na poltrona predileta dele. Estava há dias sem conseguir comer, eu fiz para ele uma polenta com caldinho de feijão. Ele comeu tudo e com sua mãozinha fraquinha, cansada da vida, levantou o polegar para mim, indicando que estava muito gostoso.

Duas horas depois ele reclamou que a língua estava enrolando. Veio a ambulância e o levou. No dia seguinte, ele se foi.

Um dos grandes privilégios da minha vida, sem dúvida, foi conhecer o Waldo. Amigo antes de sogro. Amoroso e amante da vida como meu pai.

AUTO-SUSTENTÁVEL

Um a um nossos financiadores se retiraram, alegando que a instituição ainda era muito nova, não tinha credibilidade para receber investimentos. Uma instituição holandesa de financiamentos chegou mesmo a demonstrar preconceito. Um holandês infeliz disse ao Flavio numa reunião que não ia financiar prostituta nem tampouco o cafetão delas. Um vexame completo. Por outro lado, Oscar Bolioli, de uma instituição americana que nos dava um dinheiro, pouco mas certo, se manteve do nosso lado. Tínhamos prestígio pelo que vínhamos fazendo, principalmente junto à imprensa e à opinião pública, mas os financiamentos ainda estavam bloqueados.

Fomos ficando sem grana e nos vimos na iminência de abandonar os projetos. Foi quando eu resolvi abrir um restaurante na quadra do bloco. Investi o pouco que nos restava e deu certo. Como havia muitas gráficas na região, o restaurante pegou rapidinho. Começamos a funcionar a pleno vapor. Percebemos que era possível usar o espaço com um pouco mais de ambição. Como eu conhecia a turma toda do samba, organizamos um pagode às sextas-feiras. De repente o pagode virou um sucesso, fazia fila de gente para entrar. Viramos empresários num passe de mágica. Mas se por um lado a grana começou a aparecer, por outro nós não tínhamos mais tempo para dedicar ao Davida. Era inevitável parar uma das duas coisas, e assim acabou nossa próspera carreira de empresários.

Conseguimos o primeiro financiamento do Programa Nacional DST/Aids do Ministério da Saúde para desenvolver um trabalho de prevenção no meio da prostituição. Parceria que temos até hoje.

Quando dona Ruth Cardoso lançou o Programa Comunidade Solidária, nós esboçamos um projeto para concorrer ao

financiamento. Juntamos o pessoal do samba com os jovens do Estácio e criamos a Indústria do Carnaval. O projeto foi aprovado e passamos quatro anos mantendo uma escola com oficinas de escultura de isopor, serralheiro, figurinos, adereços. Foi um trabalho de ponta, o primeiro e uma referência no gênero, elogiado pela dona Ruth publicamente. Mas quatro anos depois, eu estava exausta. Trabalhar com jovem não é fácil, porque você também precisa manter um acompanhamento escolar. Além do mais, a nossa instituição tinha como missão principal a prostituição, e isso gerava atritos com as mães. Uma vez um menino pegou um folheto de prevenção de aids para prostituta e levou para a mãe, evangélica. Deu um rebu danado. Vieram as evangélicas todas e tiraram os filhos. Aí a gente cansou.

Nessa época, o Zwinglio trabalhava numa instituição ecumênica chamada Koinonia e nos avisou que uma parte do prédio deles na rua Santo Amaro, na Glória, estava vaga. Nós alugamos essa parte e levamos o Davida para lá. No Estácio estava difícil manter uma boa organização, era muita gente entrando e saindo, contando problemas, querendo conselhos. E havia muitos bares, para nossa máxima tentação.

Na rua Santo Amaro nos concentramos definitivamente na missão da prostituição. Desde a saída do Iser tivemos que abrir demais nosso leque para conseguir sustentar a instituição e a nós mesmos. Não tinha jeito, era abrir ou morrer. Mas era a hora de voltarmos à nossa missão inicial.

LOURDES NO AMAPÁ

Comecei a trabalhar diretamente com o Ministério da Saúde, que assumiu como diretriz na época um trabalho mais sério em relação

à prostituição. Sem dúvida, essa posição do Governo Federal era o começo de uma nova era para nós. A partir da angariação de dados oficiais, uma série de medidas de benefício para a categoria pôde e ainda pode ser tomada.

Para reunir essas informações, fiz uma série de viagens de trabalho com a minha grande amiga Lourdes, que rapidamente se tornou ativista e figuraça das mais importantes para o movimento. Eu poderia escrever um livro inteiro só sobre as histórias que a Lourdes me rendeu nessas viagens. Escolhi algumas para contar aqui.

O Ministério da Saúde nos enviou ao estado do Amapá, para fazer um mapeamento da prostituição. A comitiva éramos eu, Lourdes, uma assessora do governador e o motorista, todos a bordo de um jipe praticamente de guerra. Fomos para o garimpo, um lugar interessantíssimo, mágico e estranho, com toda uma cultura particular.

As únicas mulheres que freqüentam o garimpo ou dormem lá são as prostitutas. E lá se faz um verdadeiro culto ao ouro. As prostitutas, assim como os garimpeiros, usam dentes de ouro, colares, anéis e pulseiras aos quilos. Parece que você entrou nas Minas do Rei Salomão. Só que é tudo muito pobre, nada de roupas bonitas, de luxo, de asseio. Pelo contrário, o contraste é brutal. E não é que a Lourdes cismou que para entendermos o garimpo tínhamos que dormir lá? Só havia um hotel no garimpo e a Lourdes nos arrastou até ele, dizendo que era um hotel muito bom.

Nos enfiamos na floresta usando a tração nas quatro rodas do jipe de guerra. Chegamos lá e o hotel muito bom era impossível. A assessora do governador entrou no quarto e saiu aos berros por causa de uma ratazana do tamanho de um gato. Argumentamos que poderia ser perigoso por causa das doenças, da malária. Não adiantava. A Lourdes ainda me olhou nos olhos e me desafiou: "Você não é uma puta de verdade se não dormir aqui, Gabriela."

Enfiamos a Lourdes no jipe debaixo de um milhão de improperios. Fomos chamadas de burguesas, de metidas, preconceituosas e tudo o mais.

Chegamos na cidade seguinte e o único hotel não tinha toalha. No banheiro, em vez do chuveiro, havia um cano por onde só saía água fria. Para quê? Tivemos que ouvir a noite inteira a Lourdes jogando na nossa cara que aquele hotel era uma merda e que ela preferia mil vezes as ratazanas.

Quando a gente estava voltando, no dia seguinte, precisamos parar para comer. E lá pelos confins do Norte não tem essa de posto de gasolina com restaurante e suvenires. O motorista levava gasolina em galões no jipe e, quando queríamos almoçar, tínhamos que parar numa casa de família. É hábito na região as famílias venderem um prato de comida para os viajantes.

Paramos numa das casinhas de índio da reserva e a dona nos recebeu com a devida atenção.

A Lourdes, muito educadamente, olhava tudo. Vasculhou todos os detalhes da casa e da cozinha da mulher. Na hora de pedir, ela quis apenas um pedacinho de broa de fubá. Ninguém entendeu nada, nós estávamos todos famintos. Tinha comida à beça, nós nos sentamos com a família e mandamos ver num pirarucu enorme e delicioso com arroz e feijão. E a Lourdes: "Não, obrigada. Não estou com fome mesmo."

Três horas depois estávamos todos, menos a Lourdes, passando muito mal. Fui levada para o hospital e tive que encerrar minha viagem ali. A Lourdes, vitoriosa, bradava: "Uma coisa é falar da floresta amazônica. Outra coisa é viver nela."

LOURDES NO OIAPOQUE

Chegamos no Oiapoque e a assessora nos mostrou orgulhosa uma placa dizendo "Aqui termina o Brasil", como se por lá ainda não soubessem que a Terra é redonda. Depois eu fui percebendo que o Oiapoque é um lugar meio absurdo mesmo, difícil de entender.

A cidade é pequeníssima, e apesar de o governo ter me dado um telefone móvel, lá ele não funcionava porque não tinha antena. O prefeito na época era o dono da única central telefônica da cidade, que ainda tinha a particularidade de manter um funcionário ao lado de quem telefonava para ouvir o que se dizia.

Apesar do nome indígena tão simpático, o Oiapoque é um lugar perigosíssimo, rota de tráfico, muito garimpo e, claro, muita prostituta. A elas correspondia um cafetão, rapaz bem jovem, paulistano, dono de uma boate cheia de meninas muito bonitas que ele levava da região Sudeste. O cara usava tanto ouro no pescoço que chegava a ficar encurvado.

A gente foi visitar as meninas, conversar, pesquisar, mas esquecemos de levar as camisinhas que sempre tínhamos em grande quantidade para distribuir. Ficamos de voltar no dia seguinte.

De noite, resolvemos sair para dar uma volta e acabamos entrando na boate do playboy. Só tinha mulher lá dentro e a cerveja era caríssima, ou seja, não valia a pena. Mas não é que a Lourdes cismou com uma garota?

Era uma garota bonita e, sem dúvida, uma safada. A Lourdes, já bêbada, se engraçou com a garota e ofereceu uma cerveja a ela. A gente estava com pouco dinheiro, mas lá foi a Lourdes: "Que que você quer beber?", perguntou ela. A garota respondeu: "Eu não gosto de cerveja, não. Eu gosto de martíni e com uma cereja dentro." "Pede aí." A menina pediu um, dois, três, quatro... Quando a Lourdes ficou dura, a menina deu no pé.

A essa altura eu já estava tomando minha cerveja do lado de fora, num quiosque. Voltei para buscar a Lourdes e encontrei aquela mulher imensa chorando feito um bebê na calçada. Cismou que a garota ia voltar, fez um escândalo. Queria ir para o hotel de táxi. "Lourdes, olha onde você está! Não existe táxi no Oiapoque!" Eu tive que arrastar a Lourdes, que é quase três vezes maior que eu, por três quarteirões.

No dia seguinte, ela acordou, abriu um sorriso e me disse: "E a garota, hein, Gabi! Me enganou, né!"

Logo depois do café, voltamos às prostitutas para levar as camisinhas e as encontramos presas a cadeado dentro da casa. Indagamos o cafetão e ele disse simplesmente: "Mas se eu deixar a casa aberta, elas fogem." Não tivemos dúvida, denunciemos ao governo do estado, sua casa foi fechada, ele foi preso e nunca mais pisamos no Oiapoque.

LOURDES EM BRASÍLIA

Nós temos uma amiga muito bonita, a Tina. Morena, gaúcha, um tipo de mulher. Não há homem que não olhe para a Tina.

Estávamos jantando num hotel em Brasília, mas íamos sair de lá para beber porque o bar do lugar era caro demais.

A Lourdes, ave de rapina, sacou lá no fundo do restaurante um sujeito muito bem-arrumado, tomando uísque Johnnie Walker black label. Ela avisou: "Estão vendo aquele homem ali? É um deputado federal lá do Norte, conheço bem a corja dele. Meninas, vamos beber Johnnie Walker a noite inteira."

A Lourdes se aproximou do cara e disse que a Tina estava muito interessada nele. O homem não teve dúvida, nos convidou para a sua mesa.

Bebemos umas três garrafas inteiras de uísque e o sujeito não via a hora de levar a Tina pro quarto. E a Tina, além de ter vôo marcado para Porto Alegre às cinco da manhã, não estava nem um pouco interessada no deputado. Lourdes combinou com ela: "Diz a ele que você vai ao seu quarto, tomar um banho. Que assim que estiver pronta você avisa pelo interfone e espera na suíte dele. Entendeu tudo? O resto você deixa comigo." Ela fez exatamente o que a Lourdes mandou.

Depois de um tempão o homem disse: "Puxa, mas ela está demorando tanto!" E a Lourdes emendou: "O senhor está louco por ela, né? Realmente, é uma mulher maravilhosa! Olhando assim, ninguém diz que ela tem aids." O homem quase caiu da cadeira. Disfarçou, pagou a conta e se mandou.

Enquanto isso a Tina já sobrevoava Brasília em direção a Porto Alegre.

Igualzinho ela fez também com um certo prefeito de uma capital da região Norte...

TUDO POR DINHEIRO? NEGATIVO

Existe uma agência do governo americano chamada United States Agency for International Development (Usaid). Eles fazem investimentos em programas de cunho social de países do chamado Terceiro Mundo. No final dos anos 90, eles decidiram destinar um dinheirão, US\$ 48 milhões, ao combate à aids nos estados do Rio, de São Paulo e do Rio Grande do Sul.

Em 2004, George W. Bush foi reeleito e endureceu a política americana para aids. Uma das novas regras determinava que qualquer instituição contemplada com dinheiro da Usaid teria que assinar um aditivo se comprometendo a não trabalhar com organizações de prostitutas. Uma atitude conservadora e

retrógrada. Quando eu soube, imediatamente pedi uma reunião com o Ministério da Saúde, em Brasília. Conversei com as minhas colegas que também tinham projetos beneficiados pela Usaid e traçamos uma linha de ação bastante clara: ou eles retiravam esse aditivo ou nós interromperíamos os projetos.

O Ministério da Saúde pediu que eu participasse de uma reunião do Conselho de Aids sobre o tema. Por causa do aditivo, o ministério estava pensando em seguir nossos passos, cancelando suas parcerias com a Usaid. No dia anterior à reunião, assim que cheguei em Brasília, um oficial da Usaid que eu conhecia me chamou para jantar. No restaurante, a primeira coisa que ele me disse foi: "O ministério não vai se negar a receber dinheiro da Usaid, né, Gabriela?" Eu respondi: "Se vocês se negarem a tirar esse aditivo, é provável. Nós dedicamos nossas vidas à prostituição. Preferimos ficar sem o dinheiro a ir contra o que pensamos" Ele, que perderia seu emprego se as parcerias fossem interrompidas, foi me deixar no meu hotel visivelmente abalado. Antes de eu sair do carro, ele me disse, com lágrimas nos olhos: "Eu nunca conheci ninguém como você." Eu sabia do que ele estava falando, mas resolvi brincar: "Claro, né? Nós somos diferentes uns dos outros!"

Eu não dormi naquela noite. Afinal, era muito dinheiro que nós e outras ONGs iríamos deixar de receber. De manhã, fui para a reunião do conselho. Pedro Chequer, que na época era coordenador do Programa Nacional de DST e Aids do Ministério da Saúde, disse: "Como as prostitutas são as mais afetadas com essa nova regra da Usaid, eu queria que a Gabriela expusesse primeiro qual é a posição do movimento." Eu não hesitei: "Nós não aceitamos essa nova regra." Passamos o dia inteiro discutindo e no final o Pedro tomou a palavra e disse: "Está decidido que o Brasil não vai aceitar mais esse dinheiro."

A repercussão internacional foi imediata. O correspondente do *New York Times*, Larry Rother, foi no Davida me entrevistar. O *Washington Post* conversou comigo pelo telefone. Essa história rende até hoje. Desde então todo ano sou convidada a participar de diversas conferências sobre aids em todo o mundo.

Por causa da postura das prostitutas brasileiras, o Brasil passou a ser o único país em desenvolvimento a não receber dinheiro da Usaid. Não foi fácil mandar todos aqueles dólares de volta para os Estados Unidos. Mas não tinha jeito. Não dá para dizer uma coisa e fazer outra.

AMIGAS PARA SEMPRE

Os anos se passaram, o movimento se firmou e comecei a viajar pelo Brasil e exterior. Passei a ver pouquíssimo a minha grande amiga Vera, da Vila Mimosa. Um dia fui dançar na gafeira Elite e encontrei o Danilo. Ele me disse que Vera estava com câncer e fazendo quimioterapia.

Fui visitá-la e, apesar de tudo, ela estava bem-disposta. Conversamos muito, lembramos nossas histórias, jantamos e ela me disse que estava começando a acreditar que um dia as prostitutas seriam unidas. Disse também que o que mais a incomodava na doença era não poder estar na zona, porque para ela o ambiente da prostituição era muito divertido.

Eu a convidei para almoçar comigo e Flavio, em nossa casa. Fiz espaguete, bebemos um vinho e Vera levou alguns livros meus para ler. Foi a última vez que a vi. Ainda bonita, mais magra, com um lenço na cabeça para esconder a falta de cabelos, ela me deu adeus.

Vera Tarragô Rodrigues, minha grande amiga e protetora, se foi. Ela me fez acreditar na amizade, no companheirismo e na dignidade de nossa profissão.

DASPU, A GRANDE SACADA

Uma das nossas ativistas, a Imperialina, costura muito bem e tinha vontade de montar um negócio. Numa das nossas inesgotáveis reuniões sobre como conseguir dinheiro para a ONG, a Imperialina sugeriu: "Gabriela, vamos montar uma confecção." Aquilo foi uma sacada, eu olhei para ela e respondi: "Confecção, não, Imperialina. Vamos criar uma grife."

No dia do aniversário do Davida, fizemos uma festa e ficamos conversando sobre a grife entre cervejas e salgadinhos. Exatamente nessa época a Daslu, grife da alta sociedade, estava em todos os jornais por causa de um escândalo de lavagem de dinheiro. O Sylvio de Oliveira, nosso designer, sempre muito antenadinho, teve a grande sacada: "Já sei o nome! Daspu!" Foi uma gargalhada geral. Não havia dúvidas, Daspu era o nome da nossa grife.

A Daslu contribuiu decisivamente para a visibilidade da marca quando abriu o processo contra nós. E, devo confessar, pegou muito bem. Criou um paradoxo muito interessante. Foi uma sorte.

A Daspu é o ápice de todos esses anos de trabalho. Eu sempre tive convicção de que o trabalho social não pode ser uma coisa árida, sem graça, sisuda. Detesto aquela coisa de militante ir para seminário, falar mal de tudo e usar "a nível de". Para mim o trabalho tem que ser leve, belo, feminino, com arte.

Na passarela, as meninas mostram a cara, soltam a voz e se liberam do estigma. A imprensa internacional todo ano acompanha nossos desfiles, nos entrevista, amplia nossa voz. Elaine Bortolanza, uma amiga minha de Brasília, escreveu um texto para a *Revista Global* e o título dele resume para mim o que é a Daspu: Passarelas Passeatas.

Eu já tinha feito uma campanha na praça Tiradentes para as meninas pararem de andar tão mal-arrumadas. E tive uma grande alegria quando meu amigo Tadeus, antropólogo que está sempre pesquisando a prostituição, me disse: "Gabriela, você sabe que as meninas da Tiradentes estão andando mais arrumadas?"

Eu gosto da beleza. Minha tia, minha avó, meu pai, todos eles gostavam da beleza. Acho que foi Lenin quem disse que da burguesia devemos copiar o bom gosto e o refinamento. Foi o que decidi levar dos meus antepassados aristocratas. Ver as meninas na passarela vestindo uma roupa bonita, jogando charme, derruba preconceitos. É nisso que eu acredito. A beleza vence a hipocrisia.

DIFERENTES E IGUAIS

Por personalidade, eu nunca cultivei o sentimento de culpa. Não sei por que sou assim. Minhas irmãs, que receberam a mesma educação, sentem culpa. Mas meu pai não tinha culpa. Acho que, nesse sentido, eu sou da linhagem dele. E adoro chegar à minha idade com essa minha história de vida, sabendo precisamente o que me dá prazer. Sou uma mulher que só transa com homem. Nunca tive desejo por outra mulher. Se tivesse, teria transado com mulher também. Eu gosto de homem e, mais que isso, faço questão de que o homem se entregue. Se ele não souber se entregar, eu ensino.

Meu prazer é simples. O grande orgasmo vem de passar o dia na cama, transando e batendo papo. Tomar vinho, ficar de bobeira, os dois nus o dia inteiro. Eu adoro passar o dia enrolada no lençol. Fazer café desse jeito, como uma fada, como uma grega.

Na maior parte da minha vida me senti sexualmente livre. É péssimo ir para a cama com um homem sem estar com vontade de gozar. Por outro lado, nunca dormi com cliente. Considero um sacrifício. Mas fui cúmplice de cada um deles.

Gozei muito, a vida inteira. Fartamente. A isso se deve grande parte do meu sucesso profissional. Os homens apreciavam me ver gozar. Eles sabiam que era de verdade. Hoje em dia não é mais assim. A baixa dos hormônios é uma realidade, compromete. E eu não gostei de fazer reposição, me senti mal. Resolvi sobreviver com o que eu sou. Não consigo gozar mais tão facilmente, mas o desejo e a entrega, isso nenhum hormônio me tira.

Hoje em dia me sinto uma mulher presa por ser diretora de uma ONG. Eu preciso encontrar uma saída para isso, e sei que vou conseguir. Quando era garota, tudo que eu queria era ser *crooner* de orquestra. Não precisava ser a estrela, só queria cantar numa casa noturna. Hoje eu quero montar um restaurante na Serrinha, em Penedo. Para fazer os pratos que eu adoro.

Se der, quero continuar com o Flavio até o fim da vida. Quero viver no Rio para sempre, e isso vai acontecer porque só depende de mim. Quero ganhar um pouco mais de dinheiro para fazer as mesmas coisas que eu faço, mas comprar tranqüilamente meu Channel 19, pois é muito duro viver sem ele.

Em relação à minha família, tem uma coisa que eu fiz e me arrependi e outra que eu não fiz e me arrependi.

Eu não devia ter tido filhos. Não tenho vocação nenhuma para ser mãe e acabei cedendo às pressões, à imposição de que a mulher tem que ter filhos. Isso não quer dizer que eu esteja maldizendo minhas filhas. Elas são boníssimas pessoas e, a bem da verdade, nunca foram um fardo para mim. Eu é que sou um fardo para elas, tenho certeza. Sei que não sou boa mãe. Não sou a mãe que ninguém desejaria ter. Embora, sem imposições, eu seja uma quase-mãe muito boa para o Rafael. Eu pensei o tempo todo sobre isso durante a minha vida. Como mãe, eu, que agora também sou avó, nunca consegui ser nem metade do que pude ser para os outros. Fico triste por ter me imposto como mãe para minhas filhas. É estranho isso, mas é verdade.

Por outro lado, me arrependo de não ter compreendido antes quem é minha mãe. Meus sentimentos por ela sempre foram contraditórios. Eu e Thais já cansamos de ficar horas no quintal bebendo cerveja e falando sobre ela e seu modo de ser. Ela não era de abraço e nem de beijo. Havia um muro em torno dela e tínhamos receio de nos aproximar. Thais conseguia transpor esse muro, sabia vencer suas broncas com beijos e afagos. Nunca consegui e creio que a Gina também não. Mas houve um dia, no Natal, em que, depois de conversar muito sobre ela, eu e Thais subimos para o sótão e encontramos nossa mãe dormindo. Eu acordei aquela mulher que sempre foi um enigma para nós com abraços e beijos. Ela riu, sem dar o braço a torcer: "Que bobagem é essa, Otilia?" Minha mãe se recusa a me chamar de Gabriela. Nesse momento, pela primeira vez na vida adulta, ela me abraçou e beijou, e nesse momento deixei as mágoas e desavenças de lado. Fiz as pazes com ela para sempre.

Demorei demais a entender essa mulher incrível que eu hoje conheço muito bem. Ela é tão inteligente, forte e corajosa, e eu dei pouco reconhecimento e carinho a ela. Meu pai foi um grande sedutor e eu o imitei em tudo. Mas sem minha mãe eu não seria

nada. Meu caráter vem dela, minha força, minha voz e minhas convicções também. Porém durante muito tempo eu só fiz enfrentá-la. Minhas irmãs falam que não tem ninguém na família tão parecida com minha mãe como eu. E é verdade.

HORA DE ANDAR PARA A FRENTE

Claro que todas as prostitutas, como eu, já gozaram com seus clientes. Por mais que um homem seja desconhecido, ele pode ser o tipo que satisfaz nossas próprias fantasias, sem que se diga nada. Ou é daqueles homens que fazem o coração bater mais forte. No meu caso, minha maior fantasia sempre foi essa: encontrar homens desconhecidos, que me levassem ao orgasmo até com uma trepadinha boba. Todo mundo sabe o que é isso, todo mundo já sentiu uma atração imensa sem motivo aparente.

A prostituição não é uma profissão fácil. A paixão é fundamental para suportar as contradições e os chamados ossos do ofício. Mas até hoje nunca conheci uma puta que largasse a profissão por não gostar dela. A Igreja misturou muito o sexo com o amor. Sexo é da vida. Amor é egoísta, é do indivíduo.

O mundo não é feito de vítimas. Todo mundo negocia. Alguns negociam bem, outros mal. Mas cada um sabe, o mínimo que seja, quanto vale aquilo que quer. E sabe até onde vai para conseguir o que quer. Com a prostituta não é diferente.

Como fantasia, o desejo de ser puta acompanha todas as mulheres, na cama ou na imaginação. Mas como profissão é outra coisa. O que a puta tem que as outras mulheres não têm? Nada. O que as outras mulheres têm que a puta não tem? Nada.

O que eu sei e creio que toda grande puta sabe é que o homem é de uma fragilidade imensa. E saber isso eu devo à prostituição.

Porque ali dentro do quarto é que eles se mostram. Homem não é algoz, não necessariamente. É mais fácil a mulher ser algoz. Eles têm a primazia na sociedade, nós tivemos que dar nosso jeito, discretamente.

Quando vejo uma mulher falando mal do seu homem e colocando todas as culpas da vida dela nele, eu sei que ela só está se escondendo atrás de uma história que a sociedade estabeleceu como verdade. Mesmo as mulheres mais modernas são incapazes de colocar seus filhos para lavar suas cuecas, uma louça ou fazer uma comida. Ela cria esse homem que depois acaba considerando um grande diabo.

A maioria dos homens não sabe trepar. Dependem quase integralmente de uma parceira que lhes ensine os mistérios do seu corpo. Eles trepam na quantidade, não na qualidade. Morrem de medo do pau não subir e só passam a usar a imaginação quando começam a ganhar muito dinheiro e vão para a zona pagando para fazer de tudo.

Acham que ser viril é estar sempre de pau duro. Não é. O homem viril é o homem que se dá. Esse homem que está sempre de pau duro, ele só pensa no prazer dele. Pau grande pode ser um problema se o homem não se dá.

Por saber de tudo isso, a puta está mais para amiga do que para amante. A amante quer ser esposa. A puta jamais vai aconselhar um homem a deixar a esposa e a família. Ela vai conversar com ele sobre tudo que o sujeito não conversa com ninguém, e eu já vi muita puta salvar famílias.

Muitas vezes o sexo é quase uma desculpa para o homem poder conversar com sua prostituta predileta. Mesmo que ele fale mal das putas, ele sabe que o que conta dentro do quarto morre ali.

Faz parte do ser humano uma pessoa querer satisfazer sexualmente a outra. Na Grécia, as mulheres não eram nada porque os homens adoravam transar entre si. Mas existiam mulheres respeitadíssimas, que eram as prostitutas. Elas eram preparadas intelectualmente para conviver com os homens. Sabiam filosofia, artes, ciências. Elas tinham uma entrada na sociedade que as outras mulheres não tinham. Pompéia, que foi destruída com a erupção do Vesúvio, nos deu a chance de ver como eram os bordéis. Eram lindíssimos, chiquérrimos, salões com obras de arte.

No que diz respeito à prostituta, andamos para trás na história. E creio que só uma grande sociedade seja capaz de reverter essa situação. O que não sei é se somos uma grande sociedade. Mas o que será uma sociedade senão seus indivíduos? Então, pode ser que as mudanças estejam mais ao nosso alcance do que imaginamos. Está na hora, portanto, de andarmos para a frente.

Copyright © Gabriela Leite, 2008

Todos os direitos reservados à
Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Capa
Silvana Mattievich

Foto de capa
Bruno Veiga

Revisão
Diogo Henriques
Catharina Epprecht
Héllen Corrêa

Conversão para e-book
Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L55f

Leite, Gabriela

Filha, mãe, avó e puta [recurso eletrônico] : a história de uma mulher
que decidiu ser prostituta / de Gabriela Leite em depoimento a Marcia Zanelatto. -
Rio de Janeiro : Objetiva, 2010.

recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema:

Modo de acesso:

146p. ISBN 978-85-390-0149-1 (recurso eletrônico)

1. Leite, Gabriela. 2. Prostitutas - Brasil - Biografia. 3. Livros eletrônicos. I.
Zanelatto, Marcia. II. Título.

10-4737

CDD: 920.930674

CDU: 929:392.65